UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina

MATHEUS WILSON DE OLIVEIRA RODRIGUES

CANUDOS REVISITADA:
intersecções entre Euclides da Cunha e Mário Vargas Llosa

São Paulo
2019

MATHEUS WILSON DE OLIVEIRA RODRIGUES

CANUDOS REVISITADA:

intersecções entre Euclides da Cunha e Mário Vargas Llosa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Integração da América Latina da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Linha de Pesquisa: Comunicação e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Lindo

SÃO PAULO
2019

Nome: RODRIGUES, Matheus Wilson de Oliveira Rodrigues.

Título: Canudos revisitada: intersecções entre Euclides da Cunha e Mário Vargas Llosa.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Integração da América Latina, da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

*Este trabalho é dedicado à Isadora, filha cujo
sorriso alimenta cada um de meus passos.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a meu orientador, Luiz Antônio Lindo, pelo suporte, pelo conhecimento dividido e pela paciência que teve comigo ao longo dessa jornada acadêmica.

Minha companheira, Rosa Couto, de perto acompanhou cada momento de estudo, sofrimento, trabalho e suor desta pesquisa. Rosa me deu meu primeiro exemplar de *Os sertões*, leu, ratificou e retificou muitas das linhas deste texto, me ajudando a enxergar as veredas pelas quais seria possível alcançar o mar. Sem ela esse texto não existiria. Obrigado.

Agradeço também a meus pais, que me deram as bases para chegar aqui e que durante todo o processo me deram apoio, me aliviaram de outras ocupações e permitiram que o tempo e o silêncio fossem meus aliados. Sem vocês eu não seria nada. Gratidão.

RESUMO

O escritor peruano Mário Vargas Llosa lançou, em 1982, o livro *A guerra do fim do mundo*, em que revisita a Guerra de Canudos, ocorrida no interior da Bahia entre 1896 e 1897. A obra é em grande parte inspirada no livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Neste trabalho analisamos a relação palimpsestosa entre as duas obras supracitadas, dando ênfase às dicotomias entre civilização e barbárie recorrentes no texto euclidiano e que transparecem, também, na referida obra de Vargas Llosa, de modo singular. Recorremos à história intelectual para entender a visão dos autores, compreendendo que a conexão entre a arte e a ciência possuem um papel central na obra de Euclides da Cunha, levando-o a fiar grande parte de suas afirmações em conhecimentos que posteriormente viriam a mostrar-se equivocados, como o determinismo racial. Já Mário Vargas Llosa prescinde dessa preocupação e acrescenta à narrativa novos elementos àquela realidade, atendo-se a buscar revelar, através da ficção, verdades subjetivas. Daí brota um distanciamento entre os dois autores, apesar de tratarem do mesmo assunto: o brasileiro enseja mostrar a realidade de modo holístico, através um livro científico; enquanto o peruano escreve “mentiras” a fim de desvelar verdades. Ambos questionam os extremos a que os seres humanos podem chegar devido à crença cega em alguma ideologia, Euclides faz isso com relação à República Brasileira e Vargas Llosa com relação aos acontecimentos decorrentes da Guerra Fria.

Palavras-chave: A guerra do fim do mundo, Os sertões, Mário Vargas Llosa, Euclides da Cunha, Palimpsesto.

ABSTRACT

In 1982, the Peruvian writer Mario Vargas Llosa launched the book *La Guerra del fin del mundo*, revisiting Canudos War, which took place in interior of Bahia between 1896 and 1897. The work is largely inspired by Euclides da Cunha's book *Os sertões*. In this work we analyze the palimpsestuous relation between the two works mentioned above, emphasizing the dichotomies between civilization and barbarism recurrent in the Euclidean text that also appear in the mentioned Vargas Llosa's work. We use intellectual history to understand the authors' point of view, understanding that the connection between art and science plays a central role in the work of Euclides da Cunha, leading him to base much of his statements on knowledge that would later prove to be wrong, such as racial determinism. Mário Vargas Llosa adds to the narrative new elements, attempting to reveal, through fiction, subjective truths. These different start points leads to a gap between the two authors, although they deal with the same subject: the Brazilian author wants to show reality in a holistic way, through a scientific background; while the Peruvian writes "lies" in order to reveal "truths". Both question the extremes that humanity can reach due to blind belief in some ideology, Euclides da Cunha does this with questioning the Brazilian Republic and Vargas Llosa with regard to events arising from the Cold War.

Key words: A guerra do fim do mundo, Os sertões, Mário Vargas Llosa, Euclides da Cunha, Palimpsesto.

SUMÁRIO

Introdução	09
1 - Teoria e método	14
1.1 - História Intelectual	15
1.2 Palimpsesto	19
1.3 Civilização e Barbárie	22
2 - Euclides da Cunha	27
2.1 O cientificismo	34
3 - Mário Vargas Llosa	38
3.1 <i>La verdad de las mentiras</i>	43
3.2 <i>El elemento añadido</i>	47
4 - Os Sertões e a Guerra de Canudos	51
4.1 Arte e ciência	57
4.2 O determinismo racial	61
5 - La Guerra del Fin del Mundo	74
5.1 Galileo Gall	82
5.2 Jornalista Míope	89
5.3 Barão de Canabrava	95
Considerações finais	103
Referências bibliográficas	113

INTRODUÇÃO

A Guerra de Canudos (1896 – 1897) foi um dos eventos mais emblemáticos da constituição do Brasil República, governo que havia se instaurado apenas sete anos antes. O conflito mobilizou tropas estaduais e federais, reestruturou grande parte da política nacional e sacudiu a sociedade brasileira: “A luta fratricida, que agitou e ensanguentou os sertões baianos na derradeira década do século passado, surpreendeu a Nação. Mais ainda: desorientou a opinião pública e desnorteou muitos dos responsáveis pelas instituições vigentes” (CALASANS, 1950, p. 04).

Esse forte impacto está inscrito e documentado em jornais da época, em debates do período e pósteros¹, na vasta bibliografia acerca do tema e na literatura. É justamente no âmbito desta arte que surgirá um dos mais importantes e discutidos documentos acerca de tal evento: o livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha. A força desta obra é tão monumental que uma das principais estudiosas desta narrativa, Walnice Nogueira Galvão (2016), afirma que nos 50 anos posteriores ao conflito o livro de Euclides da Cunha monopolizou todos os estudos acerca do evento e essa exclusividade só foi quebrada a partir dos estudos de José Calasans em 1950, com o lançamento de *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*. Avultam a partir daí estudos que vão tirar a centralidade do relato euclidiano sobre Canudos, inclusive com diversos questionamentos acerca dos acontecimentos e análises feitas no referido livro.

Podemos definir, basicamente, que o conflito de Canudos se deu porque no interior do sertão baiano um grupo de religiosos liderados por Antônio Conselheiro se negou a seguir as leis da recém instaurada República (como o casamento civil e o pagamento de impostos ao governo laico) e fundaram um arraial onde seguiam as próprias regras. Essa “revolta” foi tomada como um movimento monarquista de oposição ao novo governo, sendo, portanto, necessário encerrá-la, o que ocorreu após o envio de quatro campanhas militares ao sertão.

No livro *Os Sertões*, Euclides da Cunha narra não apenas as quatro expedições que atacaram o arraial de Canudos e levaram a seu extermínio, fala também acerca da geografia e da geologia do sertão baiano, sobre a formação do povo sertanejo e sobre o desenvolvimento da religiosidade particular ali criada e da liderança de Antônio

¹ Sobre o impacto e os debates na mídia acerca do confronto de Canudos ver o belo e exaustivo trabalho de compilação e análise de fontes: GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora**: a Guerra de Canudos nos jornais, 4ª edição. São Paulo, Ática, 1974.

Conselheiro, beato que liderou a fundação do arraial de Canudos e que o comandará – de acordo com sua fé – até sua morte. Essa abrangência de temas e nuances deve-se, em grande medida, ao cientificismo de Euclides da Cunha, que acreditava ser possível compreender a realidade como um todo, através da ciência. Daí que para este autor caiba discutir, em uma mesma obra, acerca de um mesmo evento, assuntos tão díspares quanto biologia, história, geografia, sociologia, arquitetura, climatologia e estratégia militar. Desse amálgama singular brotam observações, sínteses, paradoxos, contradições e idiossincrasias que tornam *Os sertões* uma obra rica e única.

Além do caldeamento de saberes é importante destacar que o trabalho de Euclides da Cunha também é inteiramente perpassado por um movimento dialógico entre dois pontos: Civilização e Barbárie. Estes conceitos aparecerão ao longo da obra em uma série de dicotomias: entre o litoral e o sertão, a república e a monarquia, o sertanejo e o gaúcho. O trabalho do escritor, no entanto, não se faz no sentido de apenas marcar essas diferenças, mas, muitas vezes, no intento de borrá-las, de modo que a República que primeiramente aparece como civilizada atua de modo bárbaro e vil; o sertanejo retrógrado e bárbaro transforma-se em “Hércules”, mesmo que “quasímodo” e o sertão árido revela-se um berçário de homens honrados e dignos.

A força narrativa e a singularidade desse trabalho de Euclides da Cunha tornaram o livro um clássico quase imediato, sendo suas repercussões notáveis até a contemporaneidade. Há euclidianistas a estudar sua obra no mundo todo; uma vez ao ano, em São José do Rio Pardo, ocorre a semana euclidiana²; os estudos sobre o autor e seu mais notável trabalho pululam e inspiram nos mais diversos campos. Há um sem número de pesquisas sobre o escritor e uma quantidade sempre crescente de autores (das mais diversas estirpes e nacionalidades) que se inspiram em *Os sertões*, como comprovam *A casa da serpente*, do brasileiro José Veiga; *Veredicto em Canudos*, do húngaro Sándor Marái e *A guerra do fim do mundo*, do peruano Mário Vagas Llosa. Essa última obra, inclusive, será o cerne do estudo que apresentamos aqui.

O escritor peruano lançou sua obra em 1981, e a conexão com Euclides é explicitada pelo próprio autor:

² A semana euclidiana acontece todos os anos no mês de agosto, em São José do Rio Pardo, onde o engenheiro passou três anos construindo uma ponte e, ao mesmo tempo, escreveu *Os sertões*. Segundo Euclides esse foi o período mais profícuo de sua vida. O evento em comemoração ao autor iniciou-se em 1912, tornando, ao longo do tempo, a cidade um centro para os estudos acerca do mesmo, corroboram para isso o acervo histórico com pertences de Euclides, o registro das conferências realizadas durante as semanas euclidianas e o mausoléu para o qual foram trasladados os restos mortais do autor.

Eu não teria escrito esse romance sem Euclides da Cunha, cujo livro *Os sertões* me revelou, em 1972, a Guerra de Canudos, um personagem trágico e um dos maiores narradores latino-americanos. [...] este romance me fez viver uma das aventuras literárias mais ricas e exaltantes [...] peregrinei por todas as vilas onde, segundo a lenda, o Conselheiro pregou, e nelas ouvi os moradores discutindo ardorosamente sobre Canudos, como se os canhões ainda trovejassem no reduto rebelde e o Apocalipse pudesse acontecer a qualquer momento naqueles desertos salpicados de árvores sem folhas, cheios de espinhos. As raposas vinham ao nosso encontro nas calçadas e também topávamos pelo caminho com homens de roupa de couro, santarrões e cômicos ambulantes que recitavam romances medievais. (VARGAS LLOSA, 2008, p. 5).

Os sertões dá base para toda a narrativa vargallosiana em *A Guerra do Fim do Mundo*, os personagens dessa primeira obra aparecerão na segunda assim como o palco dos eventos e grande parte dos acontecimentos. É claro que o escritor peruano constitui uma nova história, porém o sustentáculo através do qual ele faz isso é dado por Euclides, sendo que as questões centrais, como a presença dos operadores Civilização e Barbárie no decorrer do texto, permanecem.

Como Euclides, Vargas Llosa projeta seus conflitos de ser dilacerado por polarizações nos fanáticos que povoam sua obra e na própria luta entre civilização versus barbárie, eixo central de seu livro totalizante sobre Canudos. Como Euclides, o escritor peruano sente-se um peregrino, o judeu errante, tentando construir a sua nação através do livro total, o manual, a bíblia, o livro adicionado, suntuoso. Como Euclides, Vargas Llosa é o homem que fala (escreve) para agir sobre seu tempo. (GUTIÉRREZ, 1996, p. 188 – 189).

Porém apesar dessa interrelação Vargas Llosa imprime a seu livro uma marca própria, que provém essencialmente dos elementos que ele acrescenta à narrativa, ou seja, aqueles que não estavam presentes na obra euclidiana e que ele chama de *Elemento Añadido*, sobre o qual nos deteremos ulteriormente.

Esse artifício se relaciona à visão singular de Vargas Llosa acerca da literatura. Ele crê que essa arte, através do trabalho ficcional, pode revelar premissas que de outra forma não se apresentariam. Sua busca ao criar ficções é desvelar verdades profundas, que não estão à mostra na superfície dos fatos.

É justamente uma dessas verdades específicas que ele percebe na narrativa de Euclides e intenta trazer para refletir acerca do seu próprio contexto histórico. Sua análise de *Os sertões* permite-lhe inferir que tal escrito faz-se como um libelo contra os extremismos e violências que podem surgir a partir do momento em que a compreensão do outro se turva e as crenças individuais tornam-se absolutas. Uma verdade como essa é atemporal e, no momento em que Vargas Llosa conhece o livro brasileiro, ela precisa ser alardeada.

O escritor peruano entra em contato com a obra euclidiana em plena Guerra Fria, enquanto milhares de pessoas morriam na Guerra do Vietnã e o mundo assistia atônito, pela televisão, capitalistas e socialistas gladiando-se e cometendo atrocidades em nome de ideais pouquíssimo nobres.

Daí que a reflexão acerca dos propósitos das guerras e da cegueira ideológica que culmina em tanto ódio surge como questão essencial para Vargas Llosa. Além disso, seu próprio posicionamento político em tal momento está mudando, visto que o autor ao longo da década de 70 está se distanciando da esquerda, de modo que as considerações de Euclides da Cunha aparecem-lhe também como ponderações sobre seu contexto histórico particular. Tais questões brotam em sua obra de diversas maneiras, mas destacadamente através do já referido *Elemento Añadido*.

Vargas Llosa em diversas entrevistas afirma que sua preocupação ao escrever *A guerra do fim do mundo* se relaciona com os fanatismos que se fazem presentes no momento de sua escritura, os quais encontra paralelo nas decorrências de Canudos.

Esse é o tema central do romance: os fanatismos paralelos. Creio que o notável de Canudos, não só do romance mas do fato histórico propriamente dito, é que esse problema aparece nítido como provavelmente em poucos acontecimentos da história latino-americana. E, além disso, penso que este não é um problema instrutivo somente sobre o passado, mas também sobre o presente de nossos países. Porque ali aparece um traço, como você aponta, que nos é muito conhecido: de que maneira uma visão fanática, levada ao extremo, conduz à matança, à um tipo de violência cega que implica a eliminação física do adversário.³ (Vargas Llosa, 1982, p. 5).

3 Tradução do original: Ese es el tema central de la novela: los fanatismos paralelos. Creo que lo notable de Canudos, y no ya de la novela sino del hecho histórico propiamente dicho, es que ese problema asoma con una nitidez como probablemente en pocos acontecimientos de la historia latinoamericana. Y, además, pienso que no sólo es un problema instructivo sobre el pasado sino también sobre el presente de nuestros países. Porque allí aparece un rasgo, como tú señalas, que nos es muy conocido: de qué manera la visión fanática de las cosas, llevada a

Tendo em vista os pontos acima referidos entende-se que para buscar compreender em profundidade *A guerra do fim do mundo* se faz essencial compreender, também, os percursos e questões centrais trabalhadas por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, os pontos comuns às duas narrativas e quais elementos o escritor peruano acrescenta. A intertextualidade entre as duas obras é a chave através da qual se faz possível inferir as intenções de Vargas Llosa e deslindar como o autor realiza seu trabalho narrativo. Esse é o intuito desse trabalho. Esse ensejo nos permitirá refletir como a circularidade de narrativas e ideias ocorre na América Latina e como ela pode ser profícua, além disso, também nos possibilitará entrever o papel e a força da literatura enquanto mobilizadora de discussões e ponderações acerca da realidade e, consequentemente, como alteradora dessa própria existência.

Há diversos trabalhos que analisam as conexões entre *Os sertões* e *A guerra do fim do mundo*, como os desenvolvidos por Oliveira (2012), Scheffel (2011), Menton (2016), Boldori (1994) e Bernucci (1989), sendo este último a principal referência no que se refere a tal estudo. Bernucci realizou um estudo exaustivo das fontes que serviram de material para a escritura de Vargas Llosa, não apenas verificando as conexões entre os dois livros já citados, mas também buscando jornais, artigos, entrevistas e outros materiais que serviram de hipotexto para o escritor peruano. Bernucci é especialista em literatura latino-americana e em Euclides da Cunha, o que possibilitou grande profundidade a sua análise da relação entre as duas obras supracitadas. O que diferencia nossa análise dos supracitados trabalhos refere-se a dois pontos específicos. Primeiramente ao fato de nossa linha de raciocínio ancorar-se nos princípios de civilização e barbárie que ao longo dos textos se colocam, num processo de afastamento e proximidade que por vezes borra as distinções entre eles. Em segundo lugar, nos distinguimos por utilizarmos um referencial teórico oferecido pelo próprio Vargas Llosa em seus ensaios e críticas, de modo que a análise de *A guerra do fim do mundo* que aqui fazemos conta com os conceitos que o autor do livro utiliza em suas reflexões. Incorporamos uma visada específica que, no nosso entender, enriquece o estudo, vide que destaca o trabalho deste intelectual a partir do seu singular modo de conceber seu próprio trabalho e, por consequência, a literatura.

su último extremo, conduce a la matanza, a una clase de violencia ciega que implica la eliminación física del adversario.

1 - TEORIA E MÉTODO

Este trabalho apresenta uma premissa interdisciplinar entre Literatura e História, de modo que em nossa análise intentaremos utilizar um ferramental de análise misto, concernente com seu grau de adequação ao intuito de nossa pesquisa.

No referente à História a intenção é utilizar as possibilidades da História intelectual para compreender as duas obras aqui analisadas para além dos textos em si, de acordo com a própria produção e pensamento dos autores em seus referidos contextos.

Com relação à Literatura a ideia é mobilizar a teoria dos Palimpsestos, de Genette, para conseguir, ainda que modestamente, compreender as interconexões entre as obras aqui propostas para análise. Isso porque o processo de escritura realizado por Vargas Llosa em *A guerra do fim do mundo* nos parece em grande parte eivado de um tipo de reflexão, aproximação e análise cujo desenvolvimento abeira-se de *Os sertões*, de uma forma que transforma em inescapáveis, em uma pesquisa profunda acerca dessa primeira obra, os estudos sobre as conexões entre os dois livros

Por fim, enleando as questões acima apontadas, trazemos o conceito de civilização e barbárie, visto que a dicotomia e expansão desse conceito marca a escritura de *Os sertões* e, por imanência, aparece para a obra de Vargas Llosa que aqui analisaremos.

Abaixo nos deteremos em compreender melhor cada um dos pontos supracitados, sem a preocupação de já realizarmos qualquer tipo de análise ou aproximação com os textos que são nosso *corpus* de análise. Isso será feito em momento ulterior. Por ora a intenção é esclarecer qual é nosso sustentáculo de pesquisa⁴.

⁴ Optamos por utilizar em nossa análise o texto original em espanhol de Vargas Llosa, mas para permitir uma leitura mais fluída ao longo da dissertação colocamos as citações em português. A numeração de página corresponde a do texto em espanhol. Essas traduções são de Paulina Wacht e Ari Toitman para a edição de 2016 de *A guerra do fim do mundo*, da editora Alfaguara. Colocamos em nota de rodapé o texto original, em espanhol do autor. A mesma atitude foi tomada com relação às demais citações em língua estrangeira.

1.1 HISTÓRIA INTELECTUAL

Optamos por utilizar a história intelectual não apenas porque a trajetória tanto de Euclides quanto de Vargas Llosa podem ser vistas dentro deste espectro, mas também porque a vasta quantidade de documentos, cartas, ensaios, livros e artigos que produziram podem nos dar pistas relevantes de seus pensamentos e ideologias, de modo que nossa análise toma corpo e se solidifica com o uso desse material, dando coerência a nossos resultados. Outra questão essencial do uso desta metodologia refere-se a própria dificuldade de compreensão das obras e dos autores aqui propostos para estudo, vide que o pensamento desses homens é movediço e de difícil apreensão, lidar com tais meandros só faz-se possível através de um método que veja os intelectuais a partir desse prisma, de alternâncias permanentes, como bem pontua Dosse (2007, p. 34): “A história dos intelectuais não pode se limitar a uma definição *a priori* do que o intelectual deveria ser de acordo com uma definição normativa”⁵.

O termo Intelectual é um adjetivo que se desdobra do substantivo “intelecto” – palavra referente à inteligência, à mente, à faculdade pensante e à capacidade de discernir e compreender. Quando observado por um viés histórico, podemos constatar que a palavra intelectual tem um uso corrente bastante recente na História Contemporânea. A genealogia deste termo remonta à França de 1894, com o Caso Dreyfus. Alfred Dreyfus, pivô de um dos mais controversos julgamentos da História, foi acusado de alta traição pelo governo francês por ter supostamente cedido informações secretas à Alemanha. Sua condenação à prisão perpétua na Ilha do Diabo, na Guiana Francesa, teria sido repleta de erros e fraudes, desencadeando uma forte onda de anti-semitismo, pogroms e perseguições, uma vez que o acusado era judeu. Mesmo após a averiguação de que Dreyfus era inocente, a sentença foi mantida, dividindo o país entre dreyfusards e anti-dreyfusards, trazendo à tona questões como nacionalismo e anti-semitismo, colocando em xeque a própria crença nas instituições republicanas.

É justamente neste íterim, como aponta Carlos Altamirano (2013), que o termo intelectual vem à tona. Por meio do periódico *L'Aurore* diversos pensadores, professores, estudantes e escritores – entre eles notáveis como Émile Zola e Anatole France – manifestaram suas críticas ao governo francês e o apoio à Dreyfus e aos judeus, tornando famosa a missiva ao então presidente Francês – intitulada *J'accuse!*,

⁵ La historia de los intelectuales no puede limitarse a una definición *a priori* de lo que debería ser el intelectual según una definición normativa.

reunidos sob o termo “intelectuais” e imbuídos de certo tipo de autoridade que seria proveniente “da reputação adquirida como escritor, erudito, cientista ou artista, e dos diplomas universitários” (ALTAMIRANO, 2013, p. 40). Para além dos grandes nomes que apoiaram a iniciativa de Zola e assinaram uma petição pedindo a revisão do processo de Dreyfus, muitos desconhecidos também fizeram o mesmo, vários deles relacionados à educação, à cultura e ao ensino.

Esta coalizão cultural funcionou como uma magistratura que se manifestava no espaço público e proclamava sua incumbência no que se referia à verdade, à razão e à justiça, não somente frente à elite política, ao Exército e às magistraturas do Estado, mas também frente à irracionalidade de uma multidão arrebatada pelo chauvinismo e pelo antissemitismo. (ALTAMIRANO, 2013, p. 42).

O caso Dreyfus, portanto, foi o primeiro de alcance internacional que reuniu sob a insígnia de “intelectual” uma certa categoria de pessoas comprometidas em pensar questões de interesse público.

Segundo Norberto Bobbio (1997), o termo intelectual remete à antiga relação entre teoria e práxis ou à maneira como as ideias incidem sobre as ações, podendo assumir, em diferentes contextos, conotações distintas, sendo usado como título de honra ou injúria. Historicamente o termo não se refere a uma classe ou camada social específica, podendo variar de acordo com o contexto no qual aparece.

Do mesmo modo que não constituem uma classe homogênea, e jamais são representados por um partido (pode existir em uma sociedade um partido de intelectuais, mas nunca o partido dos intelectuais), os intelectuais jamais são, salvo no caso de sociedades teocráticas, os depositários de um único corpo de doutrinas: segundo as ideias que sustentam e pelas quais se batem, são progressistas ou conservadores, radicais ou reacionários; segundo as ideologias que defendem, são libertários ou autoritários, liberais ou socialistas; segundo a atitude diante das próprias ideias que sustentam são céticos ou dogmáticos, laicos ou clericais. (BOBBIO, 1997, p. 117).

Essa relação entre teoria e práxis manifesta-se na relação que este ser pensante – e suas ideias – estabelece com o poder dentro do âmbito do político em determinada sociedade. Intelectual pode ser entendido como aquele que pensa em relação à; que se

predispõe a refletir e divulgar suas ideias, as quais estarão sempre relacionadas ao poder, legitimando-o, negando-o, fazendo parte dele ou simplesmente ignorando-o.

Como aponta Bobbio (1997), inspirando-se em Weber, a problemática que surge da relação entre teoria e práxis é fruto das sociedades Ocidentais que teriam vivido um processo de “desencantamento”, ou seja, passado pelo processo de esclarecimento no qual a razão passa a ser almejada como a grande regente das ações humanas.

Não é simples tentar delimitar a história intelectual, porém alguns dos poucos consensos sobre a mesma se referem a que tal história tergiversa sobre ideias, mentalidades, formações ideológicas e práticas discursivas, e, como coloca Chartier, clareia as mudanças que se realizam dentro dos mais diversos campos:

A história intelectual não deve cair na armadilha das palavras que podem dar a ilusão de que os diferentes campos de discursos ou de práticas estão constituídos de uma vez por todas, recortando objetos, cujos contornos, senão os conteúdos, não variam; bem ao contrário, ela deve estabelecer como centrais as discontinuidades que fazem com que se desiguem, se agreguem e se dispersem, de maneiras diferentes ou contraditórias conforme as épocas, os saberes e os atos. (CHARTIER, 2002, p. 65).

Sirinelli (2003) assinala que a história intelectual como temos hoje ganha fôlego durante as décadas de 1960 e 1970, e que uma de suas características é a multiplicidade, já que ela se encontra no “cruzamento das histórias política, social e cultural” (SIRINELLI, 2003, pg.232). Esse imbricamento é fruto direto da própria natureza do intelectual:

Com frequência se destacou o caráter polissêmico da noção de intelectual, o aspecto polimorfo do meio dos intelectuais, e a imprecisão daí decorrente para se estabelecer critérios de definição da palavra, de tanto que esta noção e esta palavra evoluíram com as mutações da sociedade francesa. Por esta última razão, é preciso, a nosso ver, defender uma definição de geometria variável, mas baseada em invariantes. Estas podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. (SIRINELLI, 2003, p. 242).

Este último autor aponta que produzir uma história intelectual é algo complexo, visto que, primeiro, a categoria possui caráter mutável, sendo difícil de a apreender e, segundo, a abundância de documentação torna este trabalho sempre exaustivo. Para além das dificuldades, Sirinelli (2003) coloca que a história intelectual pode ser realizada através de uma análise em três níveis: as ideologias, a cultura política e as mentalidades coletivas. Outro ponto chave apontado por este autor, que é intrinsecamente ligado aos demais, diz respeito à sociabilidade dos intelectuais, os meios nos quais eles circulam, periódicos em que publicam e abaixo-assinados que subscrevem.

Dosse é outro autor que destaca as redes de sociabilidade dos intelectuais como forma de apreender um pouco mais acerca dos mesmos. No entanto é essencial tomar cuidado ao realizar este itinerário, visto que esses circuitos não pressupõem unicidade de comportamento ou pensamento: “muito pelo contrário, é importante acompanhar de perto o itinerário de cada um e recoloca-lo em suas complexas redes de sociabilidade”⁶ (DOSSE, 2007, p. 167). De modo que trabalhar com essa história pressupõe extremo cuidado, principalmente com assertivas que, mesmo embasadas em sólido contexto, deixem dúvidas quanto a sua veracidade.

A História Intelectual possui também o mérito de permitir que a abordagem de análise se povoe de visadas mais amplas, que possam inferir com a complexidade necessária vários âmbitos de determinada produção de um autor, o que se dá ao congregar um estudo que parte do contextual (jamais limitando-se a ele) a uma multiplicidade de fatores não homogêneos, mas concomitantes:

(...) mais do que uma articulação mecânica entre contexto e conteúdo, (...) para além de uma abordagem que privilegie a relação entre análise externa dos acontecimentos (históricos, sociais, políticos) e a análise interna da obra (a hermenêutica ou a análise do discurso), a História Intelectual deve levar em consideração, simultaneamente, a dimensão diacrônica (história) e sincrônica (“os aspectos diferentes de um mesmo conjunto em um mesmo momento de evolução”). (SILVA, 2003, p. 16)

É a partir desse substrato movediço, complexo, múltiplo e polifônico que intentamos essa pesquisa, buscando esboçar esclarecimentos referentes aos pensamentos

⁶ todo lo contrario, importa seguir muy de cerca el itinerário de cada uno y resitarlo em sus complejas redes de sociabilidade.

de Euclides da Cunha e Vargas Llosa e como tais ideias transparecem em suas obras, respectivamente: *Os sertões* e *A guerra do fim do mundo*.

1.2 PALIMPSESTO

Para a análise dessas aproximações entre os dois livros aqui proposta utilizamos a teoria dos Palimpsestos, de Gérard Genette. A escolha se dá porque essa teoria compreende especificamente aqueles textos que surgem em relação, cuja conexão intrínseca explica grande parte das escolhas do escrito posterior:

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente: hipertextos) todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação (GENETTE, 2010, p. 7).

Genette constrói seu conceito de palimpsesto objetivando analisar as transtextualidades, que ele define como a “transcendência textual do texto”, ou melhor, “tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos”. Essas aproximações entre diferentes textualidades tem o mérito de conseguir alterar significados, renovando as próprias possibilidades da literatura. A “hipertextualidade que tem em si mesma o mérito específico de relançar constantemente as obras antigas em um novo circuito de sentido. A memória, se diz, é “‘revolucionária’ – certamente contanto que a fecundemos” (GENETTE, 2010, p. 146).

Essa concepção valoriza a transtextualidade do ponto de vista da dilatação de sentidos e nos permite enxergar na relação entre os livros de Vargas Llosa e Euclides da Cunha uma relação prolífica, em que a intenção integracionista e expansionista do escritor peruano pode ser respaldada. Como bem pontua Sonia Queiroz: “Palimpsestos, obra de negação da egolatria e do individualismo e de elogio da pluralidade” (QUEIROZ, 2010, p. 11).

Outra maneira de esclarecer o conceito de Genette é dizer que um Palimpsesto é a presença efetiva de um texto (primevo, a que chamamos hipotexto) dentro de outro (posterior, a que chamamos hipertexto). Essa presença implica correlação e intencionalidade, o que se efetiva através de uma série de estratégias que um autor

pode utilizar para relacionar um texto ao seu próprio, essas relações podem ser diretas ou indiretas, explícitas ou implícitas. Falemos acerca de algumas dessas estratégias, apenas daquelas que são interessantes para nossos objetivos aqui propostos.

O primeiro estratagema deslindado por Genette é o travestismo, modo através do qual o hipertexto surge símile de determinado hipotexto, mas geralmente deformando-o. “De uma certa maneira, o travestimento consiste em transformar um texto nobre, imitando para fazer dele o estilo de um outro texto, mais difundido, que é o discurso vulgar.” (GENETTE, 2010, p. 43-44). O gênero burlesco, inclusive, surge em grande parte embasado nessa prática do travestismo.

Outro dos artifícios de que trata Genette é a chamada suplementação, que pressupõe o uso do hipotexto como ponto de partida para uma extrapolação desse texto. O hipertexto surge então acrescentado de nuances e adendos que vão além do documento antecedente, numa escrita substitutiva das significações anteriores. No entanto, dentro desse conceito cabe também a estratégia da complementação, em que o hipertexto agrega e melhora a compreensão do hipotexto, utilizando-se daquelas mesmas premissas.

No entanto, a estratégia que Genette aponta como a mais importante das práticas transtextuais é a transposição, porque ela:

pode se aplicar a obras de vastas dimensões, como Fausto ou Ulisses, cuja amplitude textual e ambição estética e/ou ideológica chegam a mascarar ou apagar seu caráter hipertextual, e esta produtividade está ligada, ela própria, à diversidade dos procedimentos transformacionais com que ela opera. (Op. Cit. p. 63).

Esses procedimentos que o autor aponta são fundamentais para a compreensão das obras que se colocam como fruto de relações criadas nos moldes dos palimpsestos. Dada essa importância à transposição, é necessário inclusive subcategorizar seus artifícios para fazer melhor uso de tais ferramentas, o que Genette chama de procedimentos elementares. O autor divide as transposições em dois tipos: as puramente formais, que não visam alterar o sentido do hipotexto colocado (como as traduções, que são transposições linguísticas e visam a manutenção do sentido – mesmo que isso, de modo integral, seja impossível); e as transposições aberta e deliberadamente temáticas,

em que a razão de ser do procedimento é justamente a alteração no sentido, como (veremos) realiza Vargas Llosa em *A guerra do fim do mundo*.

Outro artifício utilizado por escritores que se encaixam na lógica do Palimpsesto é a chamada transestilização, que consiste em realizar uma reescrita de determinado hipotexto mudando unicamente o estilo do mesmo. Esse procedimento geralmente não é encontrado “puro” nos hipertextos, permanecendo geralmente acompanhado por outras estratégias de transtextualidade.

Há também a possibilidade de se realizar transformações que seriam especificamente quantitativas, ou seja, que se limitariam a aumentar ou diminuir um texto, sem buscar alterá-lo em temática ou sentido. Porém, haja vista que toda excisão, concisão, condensação, extensão, expansão e ampliação decorrem de escolhas específicas, isso de alguma maneira afetará, sim, o hipertexto, criando distorções significativas. Portanto Genette admite que tais procedimentos criarão, mesmo que não de modo adrede, um novo texto.

A última transposição puramente formal a que se debruça Genette é a transmodalização intermodal, que se ocupa de mudar o modo (ou mesmo o próprio funcionamento do modo) de um texto:

Por transmodalização, entendo, portanto, mais modestamente, uma transformação no que tem sido designado, desde Platão e Aristóteles, modo de representação de uma obra de ficção: narrativo ou dramático. As transformações modais podem ser, a priori, de dois tipos: intermodais (passagem de um modo a outro) ou intramodais (mudança que afeta o funcionamento interno do modo). (Op. Cit. p. 119).

A compreensão de todos esses estratagemas utilizados pelos autores na criação literária é importante porque diversas dessas práticas serão utilizadas por Vargas Llosa em *A guerra do fim do mundo*, sendo sua interrelação com *Os sertões* provavelmente a melhor forma de compreender seus sentidos. Genette ao longo de seu estudo resume que o palimpsesto pode ser entendido a partir das nuances, rupturas e aproximações que ocorrem a partir da imitação e da transformação que o hipertexto faz com relação ao hipotexto.

Há de se destacar, ainda, uma questão importante: o fato de um livro fazer-se em um relação estrita com outro, como é o caso da obra de Vargas Llosa aqui analisada, não pressupõe o conhecimento de seu hipotexto para sua compreensão. Sendo que

reside aí uma ambiguidade geradora de “camadas” de entendimento que não impedem a fruição da obra por um leitor desavisado.

Genette crê que toda literatura possui, em maior ou menor graus, algo de palimpsestosa:

Assim se completa a utopia borgesiana de uma Literatura em transfusão perpétua – perfusão transtextual –, constantemente presente em si mesma na sua totalidade e como Totalidade, cujos autores todos são apenas um, e todos os livros são um vasto Livro, um único Livro infinito. A hipertextualidade é apenas um dos nomes dessa incessante circulação dos textos sem a qual a literatura não valeria a pena. (Op. Cit. p. 147).

A criação de um texto partindo-se de outro gerando, então, novas relações de sentido, faz parte de um processo maior que engloba toda a literatura e diz respeito não somente às histórias que contam, mas a toda uma circularidade de leituras e informações que expandem não só os sentidos de determinada história, mas alargam a própria razão de ser da literatura.

1.3 CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE

Os sertões é considerado uma obra-prima das letras brasileiras, seja por seu apurado trabalho estético seja pelas questões essenciais que apresenta e com as quais dialoga. Euclides da Cunha, ao longo de todo o texto, trabalha com uma série de contrastes, oposições, dicotomias, teses e antíteses cuja tensão jamais é solucionada. É nesse jogo de opostos aparentes que o autor brasileiro desenvolve sua narrativa, primando sempre por uma inter-relação de questões que ao invés de anular, multiplicam sentidos, tornando a obra ainda mais complexa e rica. Euclides "traçou, em *Os sertões*, paralelos entre os dois lados do conflito, mergulhados no mesmo fanatismo e misticismo: entre o soldado e o jagunço, entre o litoral e o sertão, entre a República e Canudos" (VENTURA, 2003, p. 199). Vamos nos ater aqui a um dos pontos chave desses contrastes explorados por Euclides: a tensão permanente entre civilização e barbárie.

Falar de Civilização e Barbárie na América Latina no fim do século XIX nos leva, inevitavelmente, a falar do argentino Domingos Faustino Sarmiento e seu clássico

*Facundo - Civilização e barbárie*⁷. A relação entre esta obra e *Os sertões* já foi analisada por estudiosos como Bernucci (1995), Lima (1988) e Miriam Gárate (2001), que dedicou um livro inteiro à questão. Esta última pesquisadora destaca a importância que os contrastes possuem tanto na obra de Sarmiento quanto na de Euclides:

A leitura dos textos de imediato revela a presença de um dos operadores caros ao paradigma ilustrado-evolucionista vigente ao longo do século XIX, aliás estampado à maneira de subtítulo no *Facundo*: civilização/barbárie. A dicotomia vincula-se a outras que a especificam, dotando-a de conteúdo, e cuja ênfase ora é de ordem culturalista (cidade/campo, práticas rurais/práticas urbanas, letrado/rústico (gaúcho ou sertanejo), norma escrita/direito consuetudinário, forma republicana de governo/caudilhagem ou monarquia segundo o caso, etc.) ora é de ordem naturalista-biologicista (tipologia de espaços geográficos condicionantes de comportamentos coletivos, papel das raças e de sua miscigenação na formação das sociedades, etc.). Entender e explicar os problemas do país, bem como eventualmente projetar seu futuro (Sarmiento) mobilizando estes operadores é o objetivo comum de ambas as obras. (GÁRATE, 2001).

Antes de conhecer Canudos, a República representa para Euclides da Cunha a Civilização e, por isso, lhe parecia mais do que justo que o exército republicano eliminasse aquele arraial rebelde e supostamente monarquista. Sua presença no sertão baiano, no entanto, lhe revela que junto à civilização caminha a barbárie, o que acontece porque esses civilizados colocam a República como valor absoluto, e a partir dele é que se julgam as demais culturas/povos/sociedades. Os horrores a que essa civilização que aparece enquanto valor - como bem apontam Starobinski e Wolff (2004) - podem causar é o que que Euclides da Cunha nos apresenta em *Os sertões*, posto que os republicanos colocam seu governo como a única possibilidade de sociedade.

Seguindo esse raciocínio pressupõem-se que, na Guerra de Canudos, a República seria a única alternativa, e diante disso as ações extremas se justificam. Euclides faz, em “Os Sertões”, uma apologia de Canudos porque ele também teve culpa

⁷ Euclides da Cunha não cita diretamente a obra de Sarmiento em *Os sertões*, no entanto, em seu artigo *Viação Sul Americana*, presente no livro *À margem da história*, Euclides elogia o argentino: “páginas admiráveis de um dos maiores livros sul-americanos” (CUNHA, 1909, p. 141-142). A referência ao *Facundo: Civilização e Barbárie* deve-se à comparação que o autor brasileiro faz do desenvolvimento ferroviário do Brasil e da Argentina. Euclides pontua que o maior número de estradas de ferro de nossos vizinhos devia-se a circunstâncias específicas que já se apontavam no livro de Sarmiento, como um povo mais homogêneo (menos mestiço) e, portanto, mais propício às idiossincrasias da modernidade, assim como um meio físico mais adequado a estes avanços.

nos crimes que denuncia, a sua crença na República/civilização é a mesma que deu luz à barbárie.

Antes de seguirmos faz-se necessário nos determos acerca do que representa, para Vargas Llosa, um fanatismo, pois numa primeira mirada às entrevistas desse autor parece-nos que tal termo coloca-se como sinônimo de barbárie. O autor nos diz que o fanatismo é a “incapacidade de aceitar divergências” (VARGAS LLOSA, 2011, p. 54) e que a “visão fanática da realidade é a mesma cegueira em admitir a crítica que a realidade faz à visão teórica” (Op. Cit. p. 53), em trecho dessa mesma entrevista o escritor compara o fanatismo à intolerância e afirma que ele leva à uma “violência totalmente insensata” (Op. Cit. p. 138). Além disso, quando Vargas Llosa trata desse assunto ele também fala sobre a cultura e sobre o conhecimento, que infelizmente não puderam barrar fanatismos que levaram a atrocidades como as cometidas pelo nazismo: “esse fenômeno não foi barrado pela cultura, pelos conhecimentos existentes. Ao contrário, tudo isso de alguma forma se pôs a serviço da loucura” (Op. Cit. p. 137). Essas considerações dialogam com o trabalho de Alberto Toscano (2010), que intenta compreender as nuances do desenvolvimento desse termo ao longo do tempo até os dias atuais. Esse filósofo não enxerga o fanatismo como “uma aberração irracional, a ser vencida por uma combinação de pedagogia e coerção”⁸ (TOSCANO, 2010, p. XXV), pelo contrário, o que ele percebe é um uso deste termo em que “as políticas anti-fanáticas muitas vezes se encontram justificando um tipo de contra-fanatismo em que os supostos partidários da razão e da iluminação se inoculam com o vírus que afeta seus inimigos e justificam seus atos com a prosa da contra-insurgência”⁹ (Op. Cit. p. XXV). Assim é possível entender que, apesar do conceito vargallosiano de fanatismo abeirar-se da noção de barbárie que tinha Euclides, isso não se dá de maneira dicotômica, numa aproximação também entre cultura e civilização, como seria de se esperar. De modo que o escritor peruano circunscreve sua narrativa num aspecto mais amplo e assertivo do que o pôde fazer Euclides, sem, no entanto, abrir mão de utilizar os pressupostos euclidianos como características de suas personagens, como veremos mais claramente adiante. Talvez seja possível afirmar que Vargas Llosa se aproxime do conceito de Civilização e Barbárie trabalhado por Svampa (1994), socióloga argentina a afirmar que na América Latina essa dicotomia é orgânica, com a civilização atuando como um elemento ordeiro em simbiose com a Barbárie.

⁸ fanaticism is an irrational aberration, to be vanquished by some combination of pedagogy and coercion.

⁹ anti-fanatical politics so often finds itself justifying a kind of counter-fanaticism, in which the supposed partisans of reason and Enlightenment inoculate themselves with the virus affecting their enemies and justify their acts with the prose of counter-insurgency.

Starobinski (2001) aponta que o termo civilização só vai aparecer em sua acepção atual na segunda metade do século XVIII. No início ele surge ligado à religião e em defesa da mesma, visto que a religião seria uma das bases da própria civilização. Porém o influxo das ideias iluministas do período se impõe e aos poucos a civilização se torna o substituto laicizado da própria religião, mais que isso, o termo se liga, dentro deste contexto, à ideia de progresso, universalidade e evolução. Nessa perspectiva, a civilização passa a aparecer como oposição entre natureza, selvageria e/ou barbárie. De modo que a consolidação do termo civilização acaba por colocá-la no mesmo patamar do sagrado:

A palavra civilização, se já não designa um fato submetido ao julgamento, mas um valor incontestável, entra no arsenal verbal do louvor ou da acusação. Não se trata mais de avaliar os defeitos ou os méritos da civilização. Ela própria se torna o critério por excelência: julgar-se-á em nome da civilização. [...] O anticivilizado, o bárbaro, devem ser postos fora de condição de prejudicar, se não podem ser educados ou convertidos. [...] O sagrado da civilização substituiu o sagrado da religião (STAROBINSKI, 2001, P. 33).

Também pensando na questão da barbárie, o historiador Eric Hobsbawm aponta que ela é "subproduto da vida em determinado contexto social e histórico" (HOBSBAWM, 1998, p. 268). O autor aponta dois significados para o termo barbárie: o primeiro afirma que a barbárie seria o colapso das regras através das quais as sociedades controlam as relações entre seus membros; o segundo significado seria a reversão do projeto do iluminismo do século XVIII (estabelecimento de um sistema de regras e normas de comportamento moral que se pressupõe universal, cuja Revolução Francesa é o ponto máximo) que estaria "corporificado nas instituições dos Estados e dedicado ao progresso racional da humanidade" (HOBSBAWM, 1998, p. 269).

Já o filósofo francês Francis Wolff (2004) afirma - baseado em Lévi-Strauss - que há, em princípio, dois tipos de visão que tratam da civilização e da barbárie: o etnocentrismo e o relativismo cultural. O etnocentrismo advoga a centralidade de determinada cultura como a civilização em si mesma. Sendo, portanto, superior às demais, ela é um valor absoluto. Seguindo este mesmo raciocínio postula-se como bárbaro, sempre, o outro, o estrangeiro, aquele que não pertence a tal meio e que é, portanto, inferior. Já o relativismo cultural, para Wolff (2004, pg 35), "parece ser

consequência natural do humanismo das luzes” [pressupõe que não existam culturas superiores ou inferiores] e reconhece um valor apenas relativo e igual em todas as culturas, e nega a ideia de barbárie”.

Como mostrado pelos três teóricos - Starobinski, Hobsbawn e Wolff - os ideais iluministas que desembocaram na Revolução Francesa são a base para a compreensão dos conceitos de civilização e barbárie e seu uso por diferentes culturas ao longo do tempo. Esse mesmo humanismo iluminista é essencial para a fundação da República Brasileira e para o pensamento dos intelectuais que viviam no país neste período, como Euclides da Cunha. Daí que a exortação à República e o apreço à civilização mostrados por Euclides antes de sua ida à Canudos não sejam coisas distintas, mas galhos de uma mesma árvore que, por sua vez, vão se quebrar assim que nasce seu fruto amargo: a barbárie.

2 - EUCLIDES DA CUNHA

Euclides da Cunha nasceu no município de Cantagalo, no estado do Rio de Janeiro, e perdeu a mãe quando tinha apenas três anos. Com essa perda acabou sendo criado por tios e avós. Estas tratativas o levaram a iniciar-se na vida escolar somente aos 12 anos de idade, na cidade fluminense de São Fidélis. Estudou em diversos colégios – entre São Fidélis, Salvador e Rio de Janeiro – e aos 17 anos, quando estudava no Externato Aquino, publicou seu primeiro artigo no jornal “O Democrata”, periódico que fundara com colegas. Após esses primevos estudos Euclides matriculou-se na Escola Politécnica no Rio de Janeiro, mas, por questões econômicas, acabou precisando transferir-se para a Escola Militar, onde o ensino era gratuito, havia pagamento de soldos e uma política de promoções. É justamente essa conexão com os militares que trará Euclides para os holofotes e, como consequência, para o jornalismo. Sendo essa ligação com o periodismo o que lhe possibilitará conhecer e ulteriormente escrever acerca da Guerra de Canudos.

Na segunda metade do século XIX o regime monárquico brasileiro capengava. Já na década de 1870 o Imperador perdeu apoio da Igreja Católica devido à chamada Questão Religiosa¹⁰. Após a Guerra do Paraguai (1864-1870) os militares, vitoriosos, acreditavam que o imperador deveria melhorar suas condições de trabalho e aumentar o valor dos soldos, o que não aconteceu, fazendo com que o apoio das forças armadas ao Imperador minguasse; além disso, o abolicionismo ganhou força entre as fileiras do exército após o fim do conflito, e isso, de certa maneira, desafiava a principal base de sustentação de Dom Pedro II: a elite latifundiária e cafeicultora. As condições de trabalho dos militares pioraram ano a ano até o fim do Segundo Reinado, e Euclides da Cunha vivenciou na pele os problemas que assolavam as forças armadas do país:

O ambiente na Escola Militar era de insatisfação e rebeldia, tanto por causa das simpatias republicanas dos cadetes, quanto pela ausência de promoções

¹⁰ Após o Papa definir que todos os membros da maçonaria deveriam ser excomungados da Igreja Católica há um imbróglio no Brasil, visto que essa medida, para valer por aqui, precisaria de aprovação do Imperador Dom Pedro II, autoridade máxima do poder secular e religioso (por causa do Padroado Real). Como o monarca era ligado à maçonaria ele repele as ordens papais. Os bispos de Olinda e do Pará, no entanto, rejeitam tais ordens e excomungam os maçons de suas paróquias, Dom Pedro II pune os religiosos com prisão e trabalho forçado, decisão da qual, posteriormente, volta atrás. O episódio, no entanto, marca o rompimento da Igreja com a monarquia, visto que a cúpula católica de todo o país considera a decisão imperial arbitrária e exagerada. Sobre essa questão ver VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1980.

para o posto de alferes-aluno desde 1885, devido aos cortes no orçamento do Ministério da Guerra nos últimos anos da monarquia. (VENTURA, 1996).

É nesse cenário que, pela primeira vez, Euclides da Cunha aparece para a opinião pública nacional:

Euclides ingressou em 1886 na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, centro de irradiação de idéias positivistas e republicanas. Foi aluno de Benjamin Constant, professor de cálculo, positivista não ortodoxo, um dos líderes do golpe da proclamação. Foi desligado da carreira militar em dezembro de 1888 por ato de insubordinação durante a revista das tropas pelo ministro da Guerra. O comandante da Escola, o general Clarindo de Queirós, tinha proibido os cadetes de participarem de manifestação ao propagandista republicano Lopes Trovão, que retornava ao Rio, vindo da Europa. Para impedir a saída dos jovens da escola, foi marcada inspeção das tropas pelo ministro. Euclides, com 22 anos, saiu de forma durante a revista, atirou ao chão o sabre-baioneta, após tentar sem sucesso parti-lo sobre a perna, e interpelou o ministro Tomás Coelho sobre a política de promoções no Exército. (VENTURA, 1996).

Ventura (1996) ainda afirma que a irritação de Euclides da Cunha não se devia apenas ao republicanismo crescente entre os militares nesse período, mas também ao fato de que para soldados que vinham de famílias “remediadas”, como era seu caso, o exército era uma das poucas opções para ascensão social, sendo que os cortes no orçamento do Ministério da Guerra significavam, para ele, a estagnação. O episódio de insubordinação de Euclides da Cunha lhe rendeu visibilidade:

Euclides ganhou certa notoriedade com o incidente. Foi convidado por Júlio Mesquita, para escrever coluna política nas páginas de *A Província de S. Paulo*, que deu origem ao atual *O Estado de S. Paulo*, então engajado na causa republicana. Estreou na imprensa diária com artigos de proselitismo político, em que atacava o Imperador e a família real e pregava a necessidade de revolução política. Acreditava ser inevitável a substituição da monarquia pela República, em conformidade com as leis gerais da evolução política. (VENTURA, 1996).

A defesa de tais ideais se relaciona com todo um contexto que se desenvolvia no país em fins do século XIX, quando ideias iluministas como a república moderna e o

discurso acerca da civilização e da barbárie encontraram terreno fértil no Brasil. As influências iluministas sobre a percepção de Euclides são profundas e dão base também aos princípios que estão em voga no período. Não podemos esquecer que sua formação militar lhe legou a crença no evolucionismo, no cientificismo e nos preconceitos raciais que marcam a virada do século XIX para o XX: “Quando Euclides ingressa na Escola Militar, em 1885, os alunos, além de acreditarem na ciência e no progresso, estavam empenhados na batalha pela implantação do regime republicano” (GALVÃO, 2000, p. 153).

Ventura (1990) aponta que Euclides da Cunha se envolveu ativamente na propagação das ideias iluministas do país. Além de escrever sonetos em homenagem a grandes nomes da Revolução Francesa (Danton, Marat, Robespierre e Saint-Just), Euclides escreveu artigos na imprensa em comemoração aos 100 anos do fatídico 1789, utilizando este fato como referência para pensar a Guerra de Canudos. Com relação à permanência do imaginário da Revolução Francesa na obra euclidiana é interessante ponderarmos sobre dois artigos chave, que nos darão base para iniciarmos a compreensão de *Os Sertões*, ambos intitulados “A nossa Vendéia”. Esses artigos podem ser vistos como um prenúncio do que Euclides escreveria depois, já que pontuam um pouco do que será o desenvolvimento narrativo de sua maior obra. Assim como o “determinismo mesológico e racial e o evolucionismo. Há também, o uso do símile histórico como ferramenta explicativa e retórica” (BARBOSA, 2017, p 206).

Publicados em março e julho de 1897 no jornal *A Província de São Paulo* os artigos homônimos “A nossa Vendéia” comparam o conflito de Canudos com a chamada anti-revolução da Vendéia, ocorrida na França logo após o início da Revolução Francesa¹¹: “Como na Vendéia, o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do império.” (CUNHA, 2003, p. 7). Esse símile histórico realizado por Euclides escancara o evolucionismo e o cientificismo do autor e serve a dois diferentes objetivos: o primeiro

11 Assim que os revolucionários franceses implantaram a República, parte dos demais países europeus, que viviam sob a égide do absolutismo, se unem para atacar a França e evitar a disseminação das ideias republicanas. O recém implantado governo francês precisa então alistar um grande efetivo de pessoas para ir ao front, o que passa a ser feito à força. No dia do recrutamento na região da Vendéia a população (formada essencialmente por camponeses simples, trabalhadores e religiosos) se revolta e mata a equipe da guarda nacional que estava no local para recrutar homens. A insurreição se espalha rapidamente e a Vendéia se torna o maior inimigo da República Francesa. A revolta se torna uma grande guerra civil e a região é totalmente devastada, calcula-se que o saldo de vítimas teria chegado a até 300 mil mortos. Sobre este tema ver FURET, François. A Vendéia. In: FURET, François; OZOUF, Mona. Dicionário crítico da Revolução Francesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

é o de colocar o levante de Canudos em um plano inferior ao da República. O autor brasileiro, assim, conecta os discípulos do conselheiro a uma estirpe de pessoas que - vítimas de sua própria ignorância/ingenuidade/religiosidade - agiria instintivamente, lutando contra aquilo que é certo e verdadeiro, contra a evolução natural do homem que nesse momento se corporifica na República. O segundo objetivo de Euclides em sua comparação seria o de decretar a inevitabilidade da vitória da luz sobre as trevas, da razão sobre o misticismo e da República sobre Canudos, como aconteceu na França: “Este paralelo será, porém, levado às últimas consequências. A República sairá triunfante desta última prova” (CUNHA, 2003, p. 7).

Além disso, em “A nossa Vendéia” Euclides compara o conflito de Canudos com outros enfrentamentos que as nações europeias (“civilizadas”) tiveram com povos “primitivos”: “A Inglaterra enfrentando os zulus e os afegãos, a França em Madagascar e a Itália recentemente, às arrancadas com os abissínios” (Op. Cit. p. 10). As pequenas vitórias que esses povos conseguem contra os europeus, entretanto, não soam a Euclides como uma mostra de potencial, mas apenas como um contratempo até a vitória inevitável dos exércitos “superiores”:

A organização mais potente de um exército, que é um organismo superior com órgãos e funções perfeitamente especializadas, vai-se, assim, em sucessivas sangrias, deperecendo até a adinamia completa, ante as hostes adversárias, de uma organização rudimentar, cuja força está na própria inconsistência, cujas vantagens estão na própria inferioridade e que, desbaratados hoje, revivem amanhã, dos próprios destroços, como pólipos” (Op. Cit. p.10).

Neste ponto Euclides utiliza como aporte as teorias raciais em voga no período. Os europeus são evoluídos, organizados e racionais, enquanto os demais povos são primitivos (inferiores), desorganizados (desbaratados) e instintivos. Os jagunços que fazem a Guerra contra a República, em Canudos, pertencem a essa última estirpe e as dificuldades em os enfrentar provêm justamente de seu subdesenvolvimento e simbiose com a natureza, características de barbárie: “Não há como persegui-lo no seio de uma natureza que o criou à sua imagem - bárbaro, impetuoso e abrupto” (Op. Cit. p. 12).

Essa é a visão de Euclides antes de conhecer pessoalmente o conflito de Canudos. Quando o autor lança, cinco anos depois, *Os Sertões*, sua perspectiva está, no mínimo, balanceada. Em sua nota introdutória à obra o autor já demonstra certa

alteração: “Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo” (CUNHA, 2016, p. 11). Toda a narrativa desenvolvida ao longo desta obra mostra um posicionamento diferente de Euclides:

A presença de Euclides da Cunha no cenário do combate provocou uma drástica mudança em sua opinião. Seu apoio ao extermínio dos rebeldes conselheiristas se transformou em denúncia de um crime cometido pela República. Sua ojeriza pelo povo do sertão transmutou-se em admiração (BARBOSA 2017, p. 206).

No final de *Os Sertões*, quando narra o fim da luta e a exumação de Antônio Conselheiro para que sua cabeça fosse levada para estudo científico, Euclides da Cunha novamente demonstra sua nova visão, e embora ela ainda esteja eivada de evolucionismo e cientificismo, ele questiona esses valores: “Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência desse a última palavra. Ali estavam, no relevo das circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura.” (CUNHA, 2016, p. 550). A ironia dessas linhas escancara o pensamento de Euclides pós-Canudos, já que o crânio de Antônio Conselheiro foi analisado pelo afamado médico Nina Rodrigues¹² pouco tempo após o fim da guerra e, diferentemente do esperado, sua cabeça não apresentava problemas: “O crânio de Antônio Conselheiro não apresentava nenhuma anomalia que denunciasse traços de degenerescência: é um crânio de mestiço onde se associam caracteres antropológicos de raças diferentes.” (RODRIGUES, 2006, p.89). Durante a Guerra de Canudos Nina Rodrigues escrevera um artigo nada elogioso à Belo monte, intitulado *A loucura epidêmica de Canudos* este texto esmera-se em fazer um perfil de Antônio Conselheiro e de seu séquito, sendo que a conclusão é que a vesânia da qual o líder religioso era portador encontrou eco nos espíritos atrasados e retrógrados que viviam no sertão baiano, o que gerou a obsessão dos mesmos com a salvação religiosa e com o monarquismo:

população de espírito infantil e inculto, assim atormentada por uma aspiração religiosa não satisfeita, forçosamente havia de fazer profunda sensação a

¹² Este médico escreveu dois artigos acerca de Canudos, um durante a guerra e outro depois, ao analisar o crânio de Antônio Conselheiro. Ambos artigos constam compilados no mesmo livro: RODRIGUES, Nina. **As coletividades anormais**. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2006

figura impressionante de um profeta ou enviado divino desempenhada por um delirante crônico na fase megalomaniaca da psicose. (RODRIGUES, 2006, p. 55)

Ao longo de “Os sertões” percebe-se o destaque que Euclides dá ao cientificismo, mas ao final parece claro que aquele conhecimento já não mais consegue abarcar toda a realidade, de modo que, se torna importante destacar, o autor questiona o cientificismo, mas “o cientificismo nunca abandona Os Sertões” (LIMA, 1997. p. 151), sendo esse um dos grandes paradoxos do livro.

Também a visão de Euclides com relação ao homem do sertão, o jagunço, muda. Se antes ele via o sertanejo como uma figura primitiva e ingênua que cedia inocentemente diante das propagandas monarquistas, após conhecer o sertão ele afirma que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2016, p. 115). Apesar de não se dispor diretamente a questionar as teorias raciais em voga na época, a escritura de Euclides o faz indiretamente, posto que o autor aponta os traços “degenerados” que seriam característicos dos povos mestiços (portanto inferiores), mas o faz outorgando a estes atributos adjetivos positivos. Na primeira parte de seu livro, “A Terra”, Euclides disserta sobre a aridez do sertão, a crudeza do clima e como a vegetação transmuda-se e adapta-se a tão singulares condições, porém ao falar da vegetação o autor também se refere ao homem sertanejo, que precisa se adaptar de todas formas possíveis se ali deseja viver, e ele o faz. Daí que nomeia este homem de “Hércules quasímodo”, um ser singular que congrega uma aparência torpe a um amplo leque de qualidades, como a força, a bondade, a agilidade, a justeza e a simplicidade. As duras condições de vida obrigaram este homem a se fazer “forte, esperto, resignado e prático” (Op. Cit. p. 118). O autor ainda exalta as qualidades do sertanejo quando o compara com os gaúchos do sul, considerados “teatrais”: “o jagunço é menos teatralmente heroico; é mais tenaz, é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro” (Op. Cit. p. 120).

Todas essas mutações de percepção de Euclides acontecem após o autor presenciar, *in loco*, a civilização que ele tanto defendia realizando atos de barbárie; o discurso evolucionista, determinista, cientificista e racista que ele ostentava já não se sustenta solidamente diante da realidade experienciada como o fazia antes: os antigos bárbaros monarquistas são na verdade vítimas famintas do sertão que encontram consolo na religião; os republicanos civilizados cortam cabeças de prisioneiros, explodem com dinamite um arraial, derrotado, de pessoas esqueléticas e após estuprar

as mulheres e as vendem para prostíbulos. A guerra de Canudos como concebida por Euclides em “A nossa Vendéia” parece-lhe uma farsa, e a civilização que se impõe a ferro e fogo em pleno sertão nordestino atua de modo bárbaro. A República é a civilização que passa a ser barbárie. Como pontua Wolff, (2004, p. 20): “Quando um país, uma sociedade ou uma cultura se identifica à civilização, qualificando como bárbaros seus adversários, quase sempre é para justificar iniciativas imperialistas menos recomendáveis”.

Tudo isso culmina em uma certa frustração de Euclides da Cunha com a República. No capítulo *Esboço de uma história política*, escrito em 1899 (portanto depois da Guerra de Canudos e antes de *Os sertões*) e que consta no livro em *À margem da história* Euclides nos diz o que aconteceu com o advento da República: “na realidade, o que houve foi a transfiguração de uma sociedade em que penetrava pela primeira vez o impulso tonificador da filosofia contemporânea” (CUNHA, 1922, p. 308). Para o escritor o novo regime solapou conquistas que tinham a ver, principalmente, com a figura de Dom Pedro II, a quem elogia chamando de “nobre espírito” que tinha a “preocupação absorvente de perquirir ansiosamente as coisas da ciência” (Op. Cit. p. 308). Essa visão euclidiana corrobora um sentimento de angústia referente ao que deveria advir, para ele, de um regime republicano: da evolução política adicionar-se-ia a evolução científica, num movimento real de progresso do país. Na verdade, o que ele nota é o avanço num único sentido, que naquele momento acabou prescindindo dos demais:

As novas correntes, forças conjugadas de todos os princípios e de todas as escolas – do contismo ortodoxo ao positivismo desafojado de Littré, das conclusões restritas de Darwin às generalizações ousadas de Spencer – o que nos trouxeram de fato, não foram os seus princípios abstratos, ou leis incompreensíveis à grande maioria, mas as grandes conquistas liberais do nosso século. (Op. Cit. p. 308)

Daí que a decepção de Euclides da Cunha com a república relaciona-se ao fato de que sua expectativa, de um governo científico e de progresso material e social, não terem se efetivado, e que na prática a evolução que seu positivismo esperava ver consolidado com a revolução de 15 de novembro de 1889 trouxe avanços em apenas um sentido.

2.1 O CIENTIFICISMO

Apesar do que sua atuação como escritor poderia indicar, o maior entusiasmo de Euclides da Cunha não era com relação à arte, mas sim com relação à ciência. “A ciência era a orientadora fundamental do texto euclidiano” (LIMA, 1997, p. 54). Para compreendermos essa questão nos aprofundaremos em relatos, artigos, correspondências e discursos proferidos pelo escritor, os quais poderão nos indicar qual a relação existente, em *Os Sertões*, entre arte e ciência. Outros pesquisadores já se enveredaram por tal seara e poderão nos auxiliar nessa empreitada, com destaque para, Leopoldo Bernucci, Leonardo Nascimento, Valentim Facioli, José Carlos Barreto de Santana, Walnice Nogueira Galvão, José Veríssimo e Roberto Ventura.

Esse debate acerca do consórcio entre arte e ciência inevitavelmente tangencia um ponto muito debatido acerca de tal obra euclidiana: o status de “Os Sertões”, seria este um livro de ficção? De ciência? De jornalismo? De História? Longe de tentarmos esclarecer tal controvérsia (o que nos seria impossível e pouquíssimo produtivo), nos interessa aqui, especificamente, compreender o ponto de vista a partir do qual Euclides escreve, o que poderá nos indicar, conseqüentemente, um pouco de suas intenções ao longo da tessitura de tal obra. Se a polêmica acerca do status da obra é complexo, é inequívoco que o autor utiliza teorias da história, geologia, sociologia e biologia (entre outras) para buscar uma certa “verdade”, suas intenções jamais foram de criar uma ficção, mesmo que sua força imaginativa e a literariedade de seu texto obtenham grande destaque ao longo da narrativa. “Os Sertões” é um livro permeado pelas teorias científicas que marcam a virada do século XIX para o XX no Brasil, o que muitos autores chamam de cientificismo:

Entende-se por cientificismo as filosofias da história do século XIX, como o positivismo de Augusto Comte, o evolucionismo de Herbert Spencer, o monismo de Ernest Haeckel, que consideravam que a história da humanidade passava por fases determinadas e necessárias e julgavam ter criado a ciência da história e da sociedade, a sociologia. (NASCIMENTO, J. L. do. 2011, p. 06)

Este entusiasmo com o cientificismo marca a trajetória de Euclides da Cunha de diversas maneiras, mas há sobretudo um determinismo proveniente da força dessas ideias que levará o autor a ver como inevitáveis uma série de desdobramentos

históricos, como ocorreu em Canudos, mas que ele verá também em outros casos, como em seus escritos sobre a Amazônia. O intento de Euclides de escrever um livro sobre a Amazônia ficou inacabado devido à sua morte trágica, mesmo assim os escritos e anotações do autor acerca desta temática foram reunidos em um livro, chamado *Paraíso Perdido*, como bem pontua José Carlos de Barreto Santana:

Os textos escritos por Euclides da Cunha, [sobre a Amazônia], expressam a predominância da visão de mundo norteadas pelo determinismo geográfico, evolucionismo e darwinismo social, que podem ser identificados nas relações entre o clima e a adaptabilidade do homem, nas idéias sobre o "isolamento étnico" como elemento de preservação e formação das "raças", ou no emprego de "palavras-chave", como "aplicação dos princípios transformistas às sociedades", "seleção natural dos fortes" e "concorrência vital entre os povos". Novamente estavam em pauta os modelos do cientificismo que tanto impregnara *Os sertões*. (SANTANA, 2000).

O determinismo histórico do pensamento euclidiano adviria da supremacia da ciência, capaz de compreender passado e futuro através de suas leis inexoráveis, leis naturais que regeriam o mundo natural e o mundo social de modo implacável. “Euclides pensava viver em um momento privilegiado da humanidade, caracterizado pela impregnação da existência social, mesmo cotidiana, pelas verdades demonstradas pela ciência” (NASCIMENTO, J. L. do. 2011, p. 37). Escrito em 1908, o prefácio de Euclides ao livro *Poemas e canções*, de Vicente de Carvalho, mostra como os pensamentos supracitados se enraízam na visão de Euclides:

“Nesta altura todas as perspectivas particulares se fundem. O homem não é – isoladamente – artista, poeta, sábio ou filósofo. Deve ser de algum modo tudo isto a um tempo, porque a natureza é íntegra”.

A frase é de um naturalista. [...] E dela se deduz que nessa aproximação crescente entre a realidade tangível e a fantasia criadora, o poeta, continuamente mais próximo do pensador, vai cada vez mais refletindo no ritmo de seus versos a vibração da vida universal, cada vez mais fortalecido por um largo sentimento da natureza. (CUNHA, 2011, P. 139).

Utilizando a citação do botânico francês Philippe Léon Van Tieghem Euclides da Cunha nos revela um pouco mais da problemática que direciona suas reflexões. Para

o naturalista, assim como para o autor brasileiro, há uma conexão intrínseca entre os saberes humanos, cuja separação cartesiana não reflete a realidade, que é íntegra, e na qual através das artes é possível ecoar “a vibração da vida universal”.

Além disso, o postulado acima mostra que o cientificismo que aparece nos escritos de Euclides possui, inclusive, uma metafísica singular, que enxerga na arte uma sublimação do momento histórico, cultural, civilizacional e científico do povo que deu origem a determinada obra de arte. Ao desenvolver tal pensamento Euclides da Cunha o expande, minimizando a importância do autor para a constituição de uma obra de arte, ao artista caberia apenas captar o sentimento de seu tempo histórico. Euclides disserta sobre tal questão em um ensaio sobre a arte da escultura intitulado a vida das estátuas. A primeira frase de tal escrito é retumbante e assertiva, bem ao estilo de Euclides: “O artista de hoje é um vulgarizador das conquistas da inteligência e do sentimento” (CUNHA, 2011, p. 69). Eis que, se utilizando de palavras diversas, Euclides nos remete novamente ao consórcio entre arte e ciência. Adentrando ainda mais em tal artigo o autor nos diz:

a estátua, um trabalho de colaboração em que entra mais o sentimento popular que o gênio do artista, a estátua aparece-nos viva – positivamente viva, porque é toda a existência imortal de uma época ou de um povo numa fase qualquer de sua história que para perpetuar-se procura um organismo de bronze. [...] De sorte que não raro a estátua virtual, a verdadeira estátua está feita, restando apenas ao artista o trabalho material de um molde. (CUNHA, 2011, p.72).

A arte, a ciência, o tempo histórico, o espírito de uma época, o artista. Euclides da Cunha, como engenheiro (profissão que lhe deu o sustento) e escritor (paixão que o enleava) conjugava todos estes conceitos de modo singular e integrado, em acordo com sua polivalência laboral e de pensamento. A ciência expande, através da racionalidade, os limites da humanidade, refletindo as aspirações dos homens; esse desenvolvimento da ciência ocorre de acordo com um desenrolar positivo, evolutivo, que teleologicamente conflui em avanços consecutivos no tempo, que a história há de compreender; por fim esses fatores interconectados, de forma una, sublimam-se numa forma expressiva superior (e por isso mesmo mais adequada ao desenvolvimento positivo do homem): a arte. O artista que realiza uma obra de arte precisa apenas ter a percepção apurada de “moldar” a “estátua” em acórdão com o espírito de seu tempo.

Essa característica do pensamento euclidiano pode ser verificada em suas diferentes produções. Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, por exemplo, Euclides não se isentou de falar sobre a importância da ciência para sua obra, para ele sua literatura representava a realidade objetiva das coisas, distanciando-se da imaginação: “me desviei sobremodo dessa literatura imaginosa, de ficções, onde desde cedo se exercita e se revigora o nosso subjetivismo” (CUNHA, 1966, p. 206). De modo que torna-se claro o papel central que a ciência possui na obra euclidiana.

3 - MÁRIO VARGAS LLOSA

Mário Vargas Llosa nasceu em 1936 na cidade de Arequipa, no Peru. Seus primeiros anos de vida foram peculiares. Assim que passou a existir seus pais já estavam separados, sendo que até os dez anos de idade não conhecera seu progenitor. Durante esta primeira infância foi criado pela mãe e por sua família materna, estabelecendo-se e estudando em Cochabamba, na Bolívia, e depois em Piura e Lima, no Peru. Quando, aos dez anos de idade, seus pais reatam, sua educação também muda, Vargas Llosa passa a estudar no colégio militar Leôncio Prado de Lima, onde permanece por dois anos. Termina os estudos secundários no Colégio San Miguel de Piura e volta a Lima, onde em 1953 passa a frequentar a Universidade Nacional de São Marcos estudando Letras e Direito. Ao longo desse período Vargas Llosa militou em diversos movimentos de esquerda, fato (e ideologia) que mudou menos de 20 anos após seu ingresso na universidade, quando já possuía reconhecimento internacional por seu trabalho como escritor.

Se para Euclides da Cunha o ponto de virada em suas convicções foi a cobertura da Guerra de Canudos, para Vargas Llosa esse marco foi o “caso Padilla”, ocorrido em 1971. Antes desse período o autor peruano estava profundamente ligado à esquerda latino-americana:

Fui bastante vinculado ao marxismo quando era estudante universitário. Li muito marxismo, militei numa organização que substituiu o Partido Comunista, no Peru. [...] a Revolução Cubana me causou um grande entusiasmo, como a muitos intelectuais latino-americanos. (VARGAS LLOSA, 2011, p. 138).

Em seu livro de memórias, *Peixe na Água* (1994), Mário Vargas Llosa resgata seu período de formação e destaca a importância que teve em sua vida a participação em movimentos e manifestações de esquerda, além de destacar as leituras de intelectuais marxistas como Sartre, que o marcou principalmente com a figura do intelectual engajado. Essa influência foi tão grande que no período em que esteve na faculdade ele chegou a ser apelidado de “Sartrezinho valente”.

Para além de seu período de formação o escritor continuou, através de seu ofício e como intelectual, a apoiar o socialismo. Uma prova desse posicionamento é o discurso

de Vargas Llosa ao receber o prêmio Rômulo Gallegos de literatura, em 1967, na Venezuela. Todo o discurso do escritor, nesse momento, converte-se em um grande elogio a Cuba:

Dentro de dez, vinte ou cinquenta anos terá chegado a todos os nossos países, como agora em Cuba, a hora da justiça social e a América Latina inteira se terá emancipado do império que a saqueia, das castas que a exploram, das forças que hoje a ofendem e reprimem. Quero que essa hora chegue o quanto antes e que a América Latina ingresse de uma vez por todas na dignidade e na vida moderna, que o socialismo nos libere de nosso anacronismo e nosso horror. (VARGAS LLOSA, 1985, p. 136).

Outro grande exemplo das disposições de Vargas Llosa durante a década de 60 é sua participação como membro do comitê editorial da revista *Casa de las Américas*, de 1965 a 1971. A participação nesse tipo de periódico é essencial para se entender o posicionamento de um intelectual em determinado período:

As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão - pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem - e de exclusão - pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais. (SIRINELLI, 2003, p. 249)

A *Casa de las Américas* foi criada apenas quatro meses após a revolução cubana tomar o poder no país e se tornou uma das principais responsáveis pelo intercâmbio cultural do regime com o restante da América Latina. A revista *Casa de las Américas*, de grande prestígio, congregou e ainda congrega grande parte da intelectualidade latino-americana de esquerda, sendo um centro de sociabilidade extremamente profícuo.

Apesar de todo esse apoio ao socialismo e - principalmente - a Cuba, ao longo da década de 60 o escritor se vê, algumas vezes, desconfiando das políticas castristas. Uma dessas desconfianças se deveu à política de Fidel de repressão aos homossexuais, Vargas Llosa (2011) afirma que junto a um grupo de doze intelectuais (entre eles o crítico uruguaio Ángel Rama) chegou a fazer uma reunião com o líder cubano para criticar as ações do governo, sendo que Castro teria se comprometido a sanar eventuais arbitrariedades.

Mesmo com divergências pontuais a Cuba, o escritor peruano manteve seu apoio ao regime. Entretanto, em 1971 ocorre o caso Padilla¹³ e aí ele rompe em definitivo com o país. Vargas Llosa escreve então uma carta de repúdio a Fidel Castro:

Cremos ser um dever comunicar-lhe nossa vergonha e nossa cólera. O lastimável texto da confissão assinada por Heberto Padilla só pode ter sido obtido através de métodos que são a negação da legalidade e justiça revolucionárias. [...] O desprezo pela dignidade humana que supõe forçar um homem a acusar-se ridiculamente das piores traições e vilezas não nos alarma por tratar-se de um escritor, mas sim porque qualquer companheiro cubano - camponês, operário, técnico ou intelectual - possa ser também vítima de uma violência e uma humilhação semelhantes. Gostaríamos que a Revolução Cubana voltasse a ser o que em um momento nos fez considerá-la um modelo dentro do socialismo. (VARGAS LLOSA, 1985, p. 167).

Subscreveram esta carta de Vargas Llosa inúmeros intelectuais de todo o mundo, desde Simone de Beauvoir, Jean Paul Sartre, Pier Paolo Pasolini e Juan Rulfo até Susan Sontag e Marguerite Duras. Assim como no supracitado caso Dreyfus vemos aqui a organização de uma série de pessoas já reunidas sob o signo de intelectuais e buscando uma ação concreta na sociedade, numa intervenção que almeja reestabelecer a justiça após um ato de iniquidade. Esse alinhamento entre tais intelectuais e Vargas Llosa é esclarecedor, visto que “o abaixo-assinado é um bom sismógrafo para revelar e medir as ondas, os abalos e estremecimentos que percorreram a consciência” (SRINELLI, 2003, p. 249).

Porém o rompimento definitivo de Vargas Llosa com a Revolução Cubana não se dá neste primeiro momento, mas através de outra carta, também de 1971, destinada a Haydée Santamaría¹⁴, em que ele cancela um curso que ministraria em Cuba e renuncia a sua participação no comitê editorial da Revista *Casa de las Américas*. Sua justificativa é, exatamente, o caso Padilla:

13 O poeta e intelectual cubano Heberto Padilla foi um apoiador da Revolução Cubana que fez algumas críticas à política cultural do regime castrista e, por tal motivo, foi preso. Um mês após a prisão ele foi libertado e realizou um ato público no qual fez a autocrítica de suas falas anteriores, chegando a se acusar de diversos crimes ideológicos. Vários intelectuais que conheciam Padilla consideraram sua ação uma grande farsa forçada pelo regime, e que o poeta mentia para se libertar. O caso marca o fim do período idílico entre a Revolução Cubana e vários intelectuais.

14 Fundadora da Casa de las Américas

Obrigar uns companheiros, com métodos que repugnam a dignidade humana, a acusar-se de traições imaginárias e a assinar cartas onde até a sintaxe parece policial é a negação daquilo que me fez abraçar desde o primeiro dia a causa da Revolução Cubana: sua decisão de lutar pela justiça sem perder o respeito pelos indivíduos. Não é este o exemplo de socialismo que quero para o meu país.

Sei que esta carta pode carrear invectivas contra mim: não serão piores que aquelas que mereci da reação por defender Cuba. (VARGAS LLOSA, 1985, p. 166).

Após o rompimento com a Revolução Cubana o escritor relata que passou a receber uma série de críticas e injúrias que considerou muito “instrutiva”: “Depois de ter sido uma figura muito popular nos meios de esquerda e nos meios rebeldes, passei a ser um empestado” (VARGAS LLOSA, 2011, p.145).

Relaciona-se a essa questão política o *boom* de literatura latino-americana ocorrido neste período. Desde meados da década de 60 os escritores latino-americanos vinham conseguindo, paulatinamente, obter relevância no cenário literário mundial. Nomes como Julio Cortázar, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa, Juan Carlos Onetti, Alejo Carpentier e Miguel Ángel Asturias, entre outros, participaram do que acabou sendo chamado de *boom* da literatura latino-americana. Diversas explicações foram dadas para este fenômeno. Autores como Gabriel García Márquez acreditavam que o *boom* estava diretamente conectado aos acontecimentos políticos do continente:

Em certo sentido, o boom da literatura latino-americana nos Estados Unidos foi causado pela Revolução Cubana. Todos os escritores latino-americanos dessa geração já vinham escrevendo há vinte anos, mas as editoras européias e norte-americanas tinham muito pouco interesse neles. Quando a Revolução Cubana começou, houve, subitamente, um grande interesse por Cuba e pela América Latina. A revolução virou um artigo de consumo. A América Latina entrou em moda. (MARQUÉZ, 1989, p. 339).

Júlio Cortázar, outro escritor de destaque desse período, tem uma explicação diferente para o fenômeno: “surgiu na América Latina uma consciência sobre os seus escritores que até então não existia” (GONZÁLEZ BERMEJO, 2002, p. 17). Não é proposta desse projeto de pesquisa discutir os méritos ou motivos do *boom* literário

latino-americano da segunda metade do século passado, mas a questão precisa ser destacada por um importante motivo: neste momento os autores e as obras são tratados em conjunto, entendidos como latino-americanos. O *boom*, entretanto, foi primordialmente hispano-americano, contando com uma mínima participação do Brasil, com exceção da brasileira Nérida Piñón, que manteve forte contato com os autores envolvidos e a quem Vargas Llosa dedicou¹⁵ – significativamente - *A guerra do fim do mundo*.

O escritor peruano Mário Vargas Llosa produz *A guerra do fim do mundo* ao longo da década de 70 e não há dúvidas de que ao escrever um livro sobre o Brasil, e a partir de um cânone da literatura brasileira, ele tinha plena consciência das contribuições que poderia dar para as iniciativas integracionistas que tomavam vulto no período¹⁶.

Outra questão importante do período de escritura de *A guerra do fim do mundo* concerne a ascensão, no Peru, do grupo terrorista de inspiração maoísta Sendero Luminoso, esta organização foi responsável por milhares de mortes no país e talvez sua ação tenha sido uma das responsáveis por despertar em Vargas Llosa a preocupação com os perigos do fanatismo.

É nesse contexto que Vargas Llosa escreve *A guerra do fim do mundo*, e os fanatismos que ele aponta em Canudos dialogam com aqueles que ele afirma enfrentar em sua própria vida, o palimpsesto de sua obra surge naturalmente desse espelhamento que sua realidade insiste em fazer com os excessos narrados por Euclides. Posteriormente Vargas Llosa viria não apenas a abandonar seu antigo posicionamento político, mas tornaria mesmo a rechaçar-lo e atacá-lo. O escritor tornou-se um defensor do liberalismo, rejeitando as posições de esquerda e tornando-se um grande entusiasta de tal pensamento, chegando a se tornar presidente de uma importante instituição dedicada à disseminação das ideias liberais, a *Fundación Internacional para la Libertad*.

15 O livro também é dedicado ao autor de *Os Sertões*: “Para Euclides da Cunha no outro mundo; e, neste mundo, para Nérida Piñón” (VARGAS LLOSA, 2008, p.9).

16 Escusamo-nos aqui de nos deter em questões referentes ao boom de literatura latino-americana e a relação de Vargas Llosa com esse movimento. É certo que o intento vargallosiano de escrever a obra a que aqui nos debruçamos é impulsionado pelas próprias características do boom, porém nos atermos a esse ponto faria com que nosso foco se desviasse. Sobre as relações entre Vargas Llosa, política, literatura e o boom latino-americano ver: COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. [tese de doutorado] UFMG, 2009.

3.1 LA VERDAD DE LAS MENTIRAS

Para Euclides da Cunha a arte deve sublimar os descobrimentos e aprendizados da ciência, ampliando uma visão de mundo holística e que representa a evolução das sociedades humanas no momento de sua produção. Já para Vargas Llosa as coisas se apresentam de modo bem diferente. O autor peruano, notório crítico literário, em diversos ensaios, livros e entrevistas disserta acerca do papel da literatura na sociedade, sobre verdade, veracidade e sobre os fundamentos que organizam o desenvolvimento e o fazer desta arte. Há um ensaio específico acerca destas temáticas que se tornou especialmente famoso, intitula-se *La verdad de las mentiras*. Dissertaremos acerca dele para compreender melhor a visão do autor acerca da literatura.

A primeira questão tratada pelo autor diz respeito à veracidade na literatura. Para Vargas Llosa julgar um artefato literário a partir de sua aproximação ou distância com relação à realidade é grande erro. O autor indica que a apreensão dos fatos feita por uma obra literária é sempre incompleta, visto que a realidade, como um todo, é inapreensível, sendo portanto as escolhas de um escritor modos de direcionar uma história a um lado ou a outro, sempre arbitrariamente. Isso, no entanto, não desabona o fazer literário, apenas dá-lhe uma nuance mais complexa: “Com efeito, os romances mentem – não podem fazer outra coisa – mas esta é somente uma parte da história. A outra é que, mentindo, expressam uma curiosa verdade, que só pode expressar-se encoberta, disfarçada daquilo que não é¹⁷” (VARGAS LLOSA, 2002, p. 16). Essa verdade refere-se às intenções do autor ao escrever, sendo essa escrita sempre referente a alguma inconformidade do autor com o mundo. Para Vargas Llosa a literatura só pode surgir da insatisfação que brota dos problemas das sociedades modernas, uma sociedade perfeita, sem problemas, sem angústias, jamais poderia dar luz a um romance.

A literatura surge de uma relação direta com a realidade, se abastece dela, a critica, flerta com ela em cada palavra. Seu desejo é sempre de modificar o existente, incomodá-lo, transtorná-lo, reprová-lo. O escritor é um eterno insatisfeito, e seu trabalho não deseja retratar a verdade objetiva, pelo contrário: “não se escrevem romances para contar a vida, senão para transformá-la, adicionando-lhe algo¹⁸” (Op. Cit. p. 17). É justamente nessas nuances, nesse adicionar algo à realidade, que um romance

¹⁷ En efecto, las novelas mienten —no pueden hacer otra cosa— pero ésa es sólo una parte de la historia. La otra es que, mintiendo, expresan una curiosa verdad, que sólo puede expresarse disimulada y encubierta, disfrazada de lo que no es

¹⁸ No se escriben novelas para contar la vida sino para transformarla, añadiéndole algo

consegue independe-se do real. E é também a partir daí que o escritor consegue dar originalidade a seu trabalho, escapando do que está dado e “ampliando” a realidade. A esse estratagema Vargas Llosa chama “*Elemento añadido*”, falaremos mais especificamente sobre esse ponto em nossa próxima sessão.

A modificação que o autor faz da realidade reinscrevendo-a em sua realidade fictícia pode referir-se aos feitos e fatos narrados, mas pode também ampliar-se e modificar o próprio tempo:

A vida real flui e não se detém, é incomensurável, um caos em que cada história se mistura com todas as histórias e por isso não começa nem termina jamais. A vida da ficção é um simulacro em que aquela vertiginosa desordem se torna ordem: organização, causa e efeito, fim e princípio. A soberania de um romance não resulta somente da linguagem na qual está escrita. Também de seu sistema temporal, da maneira como a existência transcorre neste romance: quando se detém, quando se acelera e qual é a perspectiva cronológica do narrador para descrever esse tempo inventado¹⁹ (Op. Cit. p. 19).

Segundo essa percepção de Vargas Llosa a própria natureza do romance afasta a possibilidade de uma apropriação com o real. A vida corre desordenada, sem início e sem fim, uma oposição completa às possibilidades do romance, que acerta e impõe marcos de finitude a qualquer história. O tempo ficcional não possui paralelos com a realidade, os lapsos de acontecimentos são a regra, a aceleração e diminuição do ritmo ocorrem de acordo com as necessidades de efeito da história e é possível, inclusive, parar o tempo, numa oposição completa ao mundo tangível.

Ora, se cada elemento formador do romance, por si, já o segrega da realidade, seria o romance, então, uma grande mentira? Para Vargas Llosa, jamais. O autor peruano afirma que a ficção sempre se alimenta da experiência humana, no entanto ela não se limita a esta. Mas não é deste ponto que brota a veracidade de um romance, mas sim da verdade intrínseca que o autor busca transmitir e que a ilusão do próprio romance ajuda a revelar:

¹⁹ “La vida real fluye y no se detiene, es inconmensurable, un caos en el que cada historia se mezcla con todas las historias y por lo mismo no empieza ni termina jamás. La vida de la ficción es un simulacro en el que aquel vertiginoso desorden se vuelve orden: organización, causa y efecto, fin y principio. La soberanía de una novela no resulta sólo del lenguaje en que está escrita. También, de su sistema temporal, de la manera como discurre en ella la existencia: cuándo se detiene, cuándo se acelera y cuál es la perspectiva cronológica del narrador para describir ese tiempo inventado”.

Toda boa novela diz a verdade e toda má novela mente. Porque <<dizer a verdade>> para uma novela significa fazer viver ao leitor uma ilusão e <<mentir>> é ser incapaz de lograr essa trapaça. A novela é, pois, um gênero amoral, ou, melhor, de uma ética *sui generis*, para a qual a verdade e a mentira são conceitos exclusivamente estéticos. (Op. Cit. p. 21).

Essa ilusão criada pelos romances é parte essencial da própria experiência de leitura. A medida que um (bom) romance consegue criar, vívida para o leitor, uma vivência que lhe é alheia, desconhecida ou mesmo desejada, a apreciação dessa obra tornar-se-á um complemento à própria vida do leitor. Isso ocorre porque cada pessoa, como ser único, não consegue viver todas as vidas que lhe seriam possíveis, de modo que a ficção serve-lhe de prática, de aprendizado acerca daquilo que, na vida real, jamais poderia experimentar. Daí que os romances só podem existir devido a uma incompletude dúbia: a primeira é a nossa, como seres humanos incapazes de viver tudo o que nos proporciona a vida; a segunda é da sociedade: aos erros, falhas, excessos e incompreensões da coletividade. “A ficção é um sucedâneo transitório da vida”²⁰ (Op. Cit. p. 23).

Sendo assim, a experiência com a ficção e, por conseguinte, com o romance e com a literatura, é uma forma de experimentar a liberdade. De modo que os bons romances temporariamente aplacam as insatisfações que as pessoas possuem, mas ao mesmo tempo estimulam essa insatisfação, visto que o gosto pela liberdade também cresce alimentando-se da imaginação e gerando, em seu extremo, a confrontação com aquilo que está dado na sociedade.

Portanto esse simulacro de realidade que são os romances só podem ser entendidos, assim como sua veracidade, a partir de seu intento particular, sua expressividade singular e das ambiguidades que deseja constituir. Os romances trazem verdades que são subjetivas, haja vista que não se ocupam em simular a realidade ou fazer reviver a história:

A recomposição do passado que opera a literatura é quase sempre falaciosa. A verdade literária é uma e outra é a verdade histórica. No entanto, ainda que esteja repleta de mentiras – ou, melhor, exatamente por isso – a literatura

²⁰ La ficción es um sucedáneo transitorio de la vida

conta a história que a história que contam os historiadores não sabe ou não pode contar.

Porque as fraudes, enganos e exageros da literatura servem para expressar verdades profundas e inquietantes que somente desse modo oblíquo vem à luz.²¹ (Op. Cit. p. 25).

Assim sendo, a literatura será sempre o reflexo de uma época. Não necessariamente da era em que se passa a história ficcional, mas do período em que o autor escreveu tal história. A narrativa desvelará, portanto, os temores, desejos e animosidades daquele que escreve com relação a seu próprio tempo. Para Vargas Llosa a subjetividade é a razão de ser dos romances, pois somente elas, com suas “mentiras”, exageros e estratagemas poderá revelar as verdades evanescentes que “escapam sempre aos descritores científicos da realidade”²² (Op. Cit. p. 26).

A ficção em Vargas Llosa tem, portanto, um papel essencial para a própria liberdade e libertação do homem. Em primeiro lugar ela liberta-o de si mesmo e das limitações que possui no momento em que este vivencia as ilusões literárias cuja tarefa consiste em transcender a realidade. Em segundo lugar a ficção expande, na imaginação humana, as próprias possibilidades de existência, alargando a própria vida e seu desenvolvimento a patamares outros.

O autor também crê que a literatura, em sua tarefa única de revelar as verdades subjetivas de seu tempo, liberta a História da preocupação de ocupar-se daquilo que não dá conta, mas que também é real e demarca determinada época. Ficando a História relegada a sua função própria, que é a busca da verdade histórica, que, ademais, só dá conta da percepção do que foi certo tempo histórico dentro de um viés coletivo, societário, representativo das coletividades humanas. A literatura pressupõe-se tarefa mais delimitada, que é a compreensão do que somos enquanto indivíduos, enquanto seres singulares e sencientes. A abrangência das verdades que trazem os romances, no entanto, não são únicas, pois estas são reconhecíveis a diversas pessoas, o que também revela que o romance, enquanto fruto da sociedade moderna, é capaz de nos ensinar a empatia que a vida na multidão pode nos extirpar.

²¹ La recomposición del pasado que opera la literatura es casi siempre falaz. La verdad literaria es una y otra la verdad histórica. Pero, aunque esté repleta de mentiras —o, más bien, por ello mismo— la literatura cuenta la historia que la historia que escriben los historiadores no sabe ni puede contar. Porque los fraudes, embaucos y exageraciones de la literatura narrativa sirven para expresar verdades profundas e inquietantes que sólo de esta manera sesgada ven la luz.

²² escapan siempre a los descriptores científicos de la realidad

A ficção na literatura é enriquecedora. Já a ficção na política – pois essa visão ideológica na verdade é uma ficção, não? – é muito destrutiva, embora o homem aparentemente não saiba viver sem ela. O homem necessita de ficções, necessita de mentiras para aguentar a vida. (VARGAS LLOSA, 2011, p. 65)

O pensamento de Vargas Llosa coloca como função da literatura a busca, a reflexão, a compreensão e o desvelamento das subjetividades humanas. Das verdades que somente as mentiras podem revelar, pois estão além dos fatos objetivos. A realidade em si cabe apenas enquanto material de base para a produção das narrativas que se ocuparão dessas subjetividades. A descrição objetiva da realidade é a preocupação da ciência, mas ela por si só é incompleta, pois não dá a conhecer aquilo que é o mais próprio dos seres humanos: sua subjetividade. Nada mais distante do pensamento euclidiano que isso, Vargas Llosa crê que a ficção deve extrapolar o mundo objetivo, enquanto o autor brasileiro acredita que a ciência é o que há de mais elevado no desenvolvimento humano, à arte (e a literatura, por conseguinte) caberia apenas dar vazão e publicidade às conquistas científicas.

O autor peruano vê no distanciamento da realidade um modo da ficção independe-se e assim tomar forma. Como se somente a partir do momento em que fosse possível identificar a diferença entre a narrativa e a realidade é que as subjetividades humanas pudessem revelar-se. Esse afastamento, para Vargas Llosa, ocorre a partir do momento em que um escritor adiciona a determinado história um elemento alheio àquela realidade, o que ele chama de *Elemento añadido*.

3.2 O ELEMENTO AÑADIDO

A primeira obrigação de um romance é independe-se do mundo real, impor-se ao leitor como uma realidade autônoma, válida por si mesma, capaz de convencer sobre sua verdade graças à sua coerência interna e à sua verossimilhança íntima, e não por sua subordinação ao mundo real. O que dá soberania a uma ficção, o que a emancipa do vivido, do “histórico” é o *elemento acrescentado*, essa soma de ingredientes temáticos e formais que o autor não expropriou da realidade, não roubou de sua vida nem da de seus contemporâneos, que nasceram de sua intuição, de sua loucura, de seus sonhos, e que sua inteligência e perícia misturaram com os demais, com

aqueles que todo romancista toma da sua própria experiência e da alheia. (VARGAS LLOSA, 2004, p. LIV).

Mário Vargas Llosa disserta sobre a questão do *Elemento Añadido* essencialmente em dois livros: *Carta de batalla, por Tirant lo Blanc*, em que analisa este romance de cavalaria (e também em seu prólogo à obra); e em *A orgia perpétua*, em que examina *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Em ambas as análises o cerne da questão que valora o *Elemento Añadido* diz respeito ao modo como este ingrediente diferencia a ficção da realidade; é através dele que a originalidade de uma obra se coloca:

A condição de fidelidade neste caso é a traição. Porque a representação de realidade total que pode dar um romance é ilusória, uma miragem: qualitativamente idêntica, é quantitativamente uma ínfima partícula imperceptível confrontada ao infinito vértigo que a inspira. Dá a impressão de ser um caos tão vasto quanto o real, mas não é esse caos; representa a realidade porque tirou dela todos os átomos que compõe seu ser, mas não é essa realidade. Sua diferença é sua originalidade. (VARGAS LLOSA, 1991, P. 33).

De acordo com o autor peruano, o *Elemento Añadido* é o que permite a uma ficção apresentar-se como autônoma, de modo que ela seja realista, não mimética. Com relação ao realismo, aliás, Vargas Llosa destaca que essa característica não se refere ao paralelismo que uma obra teria com a realidade em si, mas com a capacidade - construída pela habilidade e pelo “feitiço” do escritor - de tornar aquela ficção verossímil. Exatamente por essa razão, em suas obras de crítica o autor jamais fala de irrealidade, mas sempre de realidade ficcional: “O romance é vida lida, a vida inventada, a vida refeita, mudada e acrescentada para ser vivida mais intensa e extensamente do que nossa condição nos possibilita viver a vida verdadeira” (VARGAS LLOSA, 2004, p. LVII).

Para o autor peruano o *Elemento Añadido* torna uma narrativa distinta da realidade na qual ela se inspira. Este componente está diretamente relacionado ao escritor, suas particularidades, vivências, medos, motivos, fontes, experiências e relações, o que Vargas Llosa chama de demônios:

Selecionar dentro dos materiais da realidade aqueles que serão a matéria prima da realidade que criará com palavras, acentuar e atenuar as propriedades dos materiais usurpados e combiná-los de uma maneira singular para que essa realidade verbal resulte original, única, é o aspecto irracional da criação de um romance, uma operação condicionada pelas obsessões do escritor, o trabalho que fazem seus demônios pessoais. (Vargas Llosa, 1991, P. 37).

Os demônios podem ser culturais, históricos e/ou pessoais, porém sua influência e a forma que ela toma nos escritos de um autor só pode se dar de modo individual, a ação dos demônios de um escritor é sempre singular.

Um romance é mais que um documento objetivo; é, sobretudo, um testemunho subjetivo das razões que levaram quem o escreveu a converter-se em criador, em um rebelde radical. E este testemunho subjetivo consiste sempre em uma adição pessoal ao mundo, em uma correção insidiosa da realidade, em um transtorno à vida.²³ (Vargas Llosa, 1991, P. 82).

O *Elemento Añadido* “cria” a realidade fictícia de um autor e pode se manifestar em diversas partes do romance: na estrutura (forma, ordem temporal, perspectiva narrativa), no narrador, na singularidade das personagens, no estilo, nas palavras e nos modos de expressão. De modo que este elemento desvela, em suas potencialidades, as intenções de um autor em sua obra, ao mesmo tempo que pontua sua originalidade: “O romancista acrescenta algo à realidade que converteu em material de trabalho, e esse “*Elemento Acrescentado*” é a originalidade de sua obra, o que dá autonomia à realidade fictícia, o que a distingue da real”.(VARGAS LLOSA, 1979, pg. 99). Neste tratamento dado às relações entre a ficção e a realidade Vargas Llosa se diferencia de parte dos escritores de esquerda da segunda metade do século passado, visto seu distanciamento de projetos como os do coletivo peruano *Narración*, que abandonaram a ficção e passaram a escrever coletivamente. Esse próprio afastamento do autor, como nos permite inferir a história intelectual, já demonstra um posicionamento claro, um movimento de individuação que culminará, posteriormente, no rompimento com o paradigma de seus conterrâneos.

²³ “Una novela es algo más que un documento objetivo; es, sobre todo, un testimonio subjetivo de las razones que llevaron a quien la escribió a convertirse en creador, en un rebelde radical. Y este testimonio subjetivo consiste siempre en una adición personal al mundo, en una corrección insidiosa de la realidad, en un trastorno de la vida”.

Para nosso estudo vamos analisar o *Elemento Añadido* que Vargas Llosa acrescenta a história de Canudos em *A guerra do fim do mundo*. Esse elemento é aqui tratado como a chave que nos possibilitará desvelar as intenções do autor peruano, ou seja, de que modo ele transformará a história que Euclides quis tratar como científica e que posteriormente Vargas Llosa recontará em acordo com as perspectivas e problemáticas de seu tempo, questionando os posicionamentos euclidianos e expandindo as possibilidades de compreensão do conflito.

Trataremos de alguns elementos específicos que Vargas Llosa adiciona à história supracitada, não de todos, apenas aqueles que nos auxiliarão a deslindar as intenções da escritura do autor peruano e assim efetivarmos uma melhor compreensão não apenas do conflito de Canudos, mas também dos modos através dos quais a história e as histórias são ressignificadas ao longo do tempo.

Especificamente trataremos daqueles elementos adicionados que aparecem como personagens principais da história, três figuras que não estão no texto de Euclides mas que Vargas Llosa opta por acrescentar a sua narrativa, são eles: Galileo Gall, o Jornalista Míope e o Barão de Canabrava. Como Vargas Llosa traz uma série de personagens que estão na obra de Euclides esse aditamento é como se fosse um palimpsesto inverso ou indireto, o *elemento añadido* só pode se dar com relação a esse universo pré-definido, de modo que *Os sertões* ditam não apenas as personagens que estão em ambas histórias, mas também, indiretamente, aqueles que se encontram apenas em *A guerra do fim do mundo*. Assim podemos inferir que os palimpsestos entre as duas obras analisadas ocorre naquilo que elas comungam, assim como naquilo que se apresenta apenas na narrativa vargallosiana. O hipertexto possui palimpsestos diretos, em que bebe francamente de *Os sertões*; ou indiretos, em que utiliza *elementos añadidos*, estranhos à Euclides, numa ação que pode ser aditiva, adversativa, de paralelismo ou de aclaramento de sentidos e significados.

4 - OS SERTÕES E A GUERRA DE CANUDOS

A Guerra de Canudos é um dos acontecimentos que marcam a virada do século XIX para o XX no Brasil. O evento ganhou destaque principalmente porque ocorre no momento em que a República Brasileira, extremamente frágil e recente, tenta consolidar-se. De modo que o enfrentamento aos seguidores de Antônio Conselheiro alcançou um nível simbólico muito maior do que sua significação real em termos práticos. Abaixo nos demoraremos em explicar minimamente os acontecimentos concernentes a essa guerra, visto que estes são a base para a escrita das duas obras que aqui analisamos: *Os Sertões* e *A guerra do fim do mundo*.

O conflito tem origens justamente na fundação da República Brasileira. Como já dito, através da instituição do Padroado Real, até 1889 o Imperador²⁴ conciliava e centralizava o poder secular e religioso em suas mãos, de modo que, ao longo do desenvolvimento da nação brasileira, a Igreja Católica ocupou um posto essencial para o Estado brasileiro, sendo responsável por burocracias importantes como os registros de “nascimentos, matrimônios e óbitos, administração dos cemitérios, interpretação dos testamentos, inscrição dos eleitores e participação ativa nas mesas eleitorais (estes dois últimos até 1842/46), e a partir de 1850 o registro de terras” (SANTIROCCHI, I. D. 2013, p. 2). Essa estreita conexão entre Estado e Igreja fazia com que a religião fosse importante sustentáculo da legitimidade do Imperador. O advento da República em 15 de novembro de 1889, no entanto, mudará grande parte dessa política, visto que o novo regime implementará instituições próprias para controle da nação brasileira, tirando da Igreja suas atribuições na administração estatal. Essa mudança também representou, para uma série de católicos brasileiros, a perda de legitimidade do governo, entre eles Antônio Conselheiro. Este último é definido por Euclides da Cunha em *Os Sertões* como um religioso atávico, um homem que “condensava o obscurantismo de três raças (CUNHA, E., 2016, p. 156) e que tinha sido levado à peregrinação religiosa constante pelos sertões nordestinos por uma série de problemas, como o abandono da mulher e a tendência para a “vadiagem”.

A religião desenvolvida por Conselheiro carregava, para Euclides, os problemas endêmicos à mestiçagem que o líder de Canudos e seus seguidores possuíam: era “uma mestiçagem de crenças. Ali estão, francos, o antropismo do selvagem, o animismo do

²⁴ Antes mesmo do advento do Império o sistema do Padroado e essa relação entre Estado e Igreja já existia nas terras do Brasil.

africano e, o que é mais, o próprio aspecto emocional da raça superior, na época do descobrimento e da colonização” (Op. Cit. p. 136).

Ao longo de suas peregrinações, Conselheiro conseguiu angariar um avolumado séquito de asseclas, que com ele iam pelas cidades pregando e cuidando de restaurar, erguer ou reconstruir capelas, igrejas e cemitérios. O problema com a República se iniciou em 1893:

Viu a república com maus olhos e pregou, coerente, a rebeldia contra as novas leis. Assumiu desde 1893 uma feição de combate inteiramente nova (...) Decretada a autonomia dos municípios, as Câmaras das localidades do interior da Bahia tinham afixado nas tábuas tradicionais, que substituem a imprensa, editais para a cobranças de impostos etc. Ao surgir essa novidade Antônio Conselheiro estava em Bom Conselho. Irritou-o a imposição; e planeou revide imediato. Reuniu o povo num dia de feira e, entre gritos sediciosos e estrepitar de foguetes, mandou queimar as tábuas numa fogueira, no largo. Levantou a voz sobre o “auto de fé”, que a fraqueza das autoridades não impedira, e pregou abertamente a insurreição contra as leis. (CUNHA, E., 2016, p. 170)

O Estado chegou a combater, em seguida, os revoltosos, com cerca de 30 praças, que se dispersaram diante de “jagunços destemerosos”. Após tal fato Euclides narra que o Conselheiro e seu seguidores partiram para longe das leis da República, dirigindo-se para as terras onde fundariam o Arraial de Canudos.

O fato que levou ao estopim da Guerra se deu três anos depois do episódio supracitado. O Conselheiro adquiriu madeiras em Juazeiro, “mas ao terminar o prazo ajustado para o recebimento do material, que se aplicaria no remate da igreja nova, não lho entregaram. Tudo denuncia que o distrato foi adrede feito, visando rompimento anelado” (CUNHA, E., 2016, p. 213). Diante de tal acontecimento os canudenses se movimentaram para o que parecia ser uma tomada à força do material encomendado, no entanto o juiz de Juazeiro se preparou e pediu à capital reforços policiais (no total se mobilizaram 100 praças) para enfrentar os religiosos, saindo ainda da cidade para encontrá-los no caminho e evitar destruição, as forças estatais são então surpreendidas pelos conselheiristas em Uauá. A batalha durou cerca de cinco horas e os religiosos tiveram muitas baixas, retirando-se de volta para Canudos. As forças estatais, também combalidas, voltaram à Juazeiro em uma marcha que durou quatro dias. Tudo indicava

vitória dos soldados, mas o estado em que chegaram a seu destino demonstrava outra coisa. Fazia-se então necessário, para o reestabelecimento da ordem e da moral, novo assalto contra aqueles religiosos. Começava, assim, a afamada Guerra de Canudos.

Após este primeiro enfrentamento o exército realizou três ataques contra Canudos. No segundo assalto, comandados pelo Major Febrônio de Brito, aproximadamente 600 soldados e 10 oficiais das forças do estado da Bahia combateram os conselheiristas, porém as péssimas condições (como a falta de água e provimentos alimentícios) para se chegar ao arraial, assim como as diversas ciladas realizadas pelos religiosos, já haviam flagelado os homens. O combate durou dois dias e se iniciou antes da chegada a Canudos, visto que os sertanejos atacaram as tropas num ato que levou centenas deles à morte, mesmo assim, o açoite do sertão e da luta inviabilizaram o avanço das tropas, de modo que a retirada se impôs após o combate. Euclides reconhece a derrota, mas minimiza a vitória dos conselheiristas:

Este recuo, entretanto, era de todo contraposto aos resultados diretos do combate. Como na véspera, as perdas sofridas de um e outro lado estavam fora de qualquer paralelo. A tropa perdera apenas quatro homens, excluídos trinta e tantos feridos, ao passo que os contrários, desconhecidos o número dos últimos, foram dizimados. (CUNHA, E., 2016, p. 260).

A situação se tornava cada vez mais vexatória para a República, e o governo federal se mobiliza para encerrar a revolta. O terceiro ataque contra o arraial de Canudos foi liderado por um herói nacional, o Coronel Moreira César, que ganhou fama ao lutar contra a campanha federalista no Rio Grande do Sul, recebendo por sua ação o apelido de Corta-cabeças. Euclides da Cunha afirmou que o insucesso dessas tropas em grande parte se deveu às próprias condições adversas que enfrentaram no sertão: “Calcula-se o que foi essa jornada de oito ou dez léguas, sem folga. Mil e tantos homens penetrando, quase em cambaleios, torturados de sede, acurvados sobre as armas, em pleno território inimigo” (CUNHA, E., 2016, p. 292). O autor também destaca ao longo da narrativa diversos erros táticos e estratégicos cometidos pelas tropas do governo, o que ocorreu, essencialmente, devido ao excesso de confiança do Coronel Moreira César, que considerava o intento de tomar Canudos algo trivial. Após esta última derrota o governo decide usar de todos recursos para resolver o problema, e o discurso

civilizatório demandando o fim da “barbárie” canudense ganha força, inclusive com o Presidente Prudente de Moraes defendendo o dilaceramento de seus oponentes:

a causa da legalidade e da civilização, em breve vencerá a ignorância e o banditismo. Canudos vai ser atacado em condições de não ser possível um novo insucesso: dentro em pouco a divisão do Exército, ao mando do General Arthur Oscar, destroçará os que ali estão envergonhando a civilização.²⁵

É somente nesta última expedição que Euclides da Cunha se une ao exército para cobrir a Guerra como jornalista enviado especial do jornal O Estado de São Paulo, sendo Os Sertões escrito majoritariamente com as informações que o autor coletou acerca dos acontecimentos e ficando apenas este quarto embate como testemunho ocular do escritor. O general Arthur Oscar de Andrade Guimarães comandou cinco mil homens para o enfrentamento, pedindo reforços posteriormente, o que o levaria a ter mais de oito mil homens à disposição, além do uso de canhões e armamentos muito superiores aos dos conselheiristas, mesmo assim o exército sofreu muitas perdas e baixas, vencendo apenas por seu excedente monumental de soldados e armamentos.

Somente neste quarto e último assalto as forças governamentais conseguiram vencer os sertanejos, vencer, aliás, seria eufemismo, a palavra ideal seria aniquilar. Os conselheiristas foram extintos:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5 [de outubro de 1897], ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados. (CUNHA, E., 2016, p. 549)

Euclides da Cunha lançará Os Sertões cinco anos após o fim do conflito, e o impacto do livro é grande:

Os Sertões, de Euclides da Cunha, teve um sucesso imediato. Publicado em 02 de dezembro de 1902, tornou-se logo conhecido da sociedade letrada

²⁵ Mensagem apresentada ao Congresso Nacional pelo Senhor Presidente Prudente de Moraes, 1897, p. 151. Apud: HERMANN, Jacqueline. Canudos destruído em nome da República: Uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897.

brasileira, devido, em parte, a sua repercussão na imprensa da época, o que motivou, até 1905, duas novas edições. (NASCIMENTO, J. L. do. 2003, p. 07)

Essa repercussão na imprensa é extremamente importante para entendermos não apenas o contexto e a recepção das ideias de Euclides naquele momento, mas porque revelam (juntamente com as respostas do autor a várias das críticas) a visão que o próprio autor e seus conterrâneos tinham acerca da literatura e de seu papel na sociedade, o que consequentemente também nos abrirá a possibilidade de uma leitura mais direcionada da obra citada. Como bem aponta Sirinelli (2003), entender essas questões e as relações de afeto e amizade, hostilidade e rancor que podem perpassar debates, críticas e elogios na imprensa é essencial para que se torne clara a sociabilidade de um autor, o que desenvolve um papel fundamental na criação artística e intelectual do mesmo. Para Euclides, a aprovação a *Os sertões* não poderia ter sido melhor:

o livro alcançaria sucesso quase imediato, sendo recebido com louvores pelos principais críticos da época, como Araripe Júnior, José Veríssimo e Silvio Romero. Os atributos para a consagração de *Os Sertões*, no ponto de vista destes críticos, encontravam-se, de um lado, no compromisso nacionalista de Euclides com a descrição da realidade sertaneja e, por outro, no domínio dos modernos métodos científicos e na conjugação exemplar da ciência com a literatura. (SOUZA, Vanderlei Sebastião de. 2010, p. 02).

A primeira crítica ao livro de Euclides da Cunha sai já no dia posterior a seu lançamento, realizou-a José Veríssimo, grande crítico literário do período e que foi também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Veríssimo inicia sua crítica destacando as qualidades da obra, especialmente o caráter “polivalente” do livro:

O livro, por tantos títulos notáveis, do Sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e descrever, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza, como ao contato do homem, e estremece todo, tocado até ao fundo d'alma, comovido até às lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as “secas” que assolam os sertões do norte

brasileiro, venha da estupidez ou maldade dos homens, como a campanha de Canudos. (VERÍSSIMO, 2003, p. 46).

A recepção positiva de Veríssimo ao livro de Euclides não estranha, dado que ambos possuem uma visão cientificista de mundo que era o tônus do pensamento esclarecido daquele momento. José Veríssimo juntamente com Araripe Júnior e Sílvio Romero são os nomes que compõem a chamada trindade crítica da era naturalista, sendo que o pensamento dos três em muito se aproxima das ideias de Euclides, como bem pontua Guimarães (2004) ao versar sobre estes críticos: “Determinismo, evolucionismo, positivismo, romantismo e naturalismo – essas as palavras-chave que, com suas derivações e ramificações, formariam a constelação de idéias e dariam as balizas para a atividade crítica no Brasil do século XIX”. Esse ponto é importante porque, segundo Sirinelli (2003) pontuar as relações e os círculos dos quais um intelectual fazia parte é fundamental para compreender o eco e o substrato de suas ideias. Posto isso, não é gratuito que a ciência seja o primeiro atributo que Veríssimo destaca no *Os Sertões* e ao mesmo tempo que lhe dedica valor ele indica que tal característica, da forma como foi inscrita por Euclides em seu livro, também traz prejuízo à obra:

Pena é que conhecendo a língua, como a conhece, [...] tenha o Sr. Euclides da Cunha viciado o seu estilo, já pessoal e próprio, não obstante de um primeiro livro, sobrecarregando sua linguagem de termos técnicos [...]. Mas este defeito é de quase todos os nossos cientistas que fazem literatura. (VERÍSSIMO, 2003, p. 47).

Esta primeira crítica, a qual Euclides atribuí a qualidade de ter lhe apresentado à “sociedade inteligente de nossa terra” (CUNHA, 1997, p. 166), é profundamente reveladora da recepção da obra, porém o exame de Veríssimo não foi de todo acatado pelo escritor, que em carta datada do mesmo dia em que a crítica foi publicada respondeu ao crítico:

o consórcio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano. [...] o escritor do futuro será forçosamente um polígrafo; e qualquer trabalho literário se distinguirá dos estritamente científicos, apenas, por uma síntese mais delicada, excluída apenas a aridez característica das análises e das experiências. [...] Eu estou convencido que a verdadeira impressão artística exige, fundamentalmente, a

noção científica do caso que a desperta — e que, nesse caso, a comedida intervenção de uma tecnografia própria se impõe obrigatoriamente (CUNHA, 1997, p. 143-144).

Essa defesa da conexão entre arte e ciência permeará grande parte das análises realizadas no período imediatamente posterior ao lançamento do livro. O supracitado Araripe Júnior também nobilitara a obra segundo tal característica: “*Os Sertões*, pois, fascina; e essa fascinação resulta de um feliz conjunto de qualidades artísticas e de preparo científico, posto ao serviço de uma alma de poeta” (ARARIPE JR. 2003, p. 57). Este é apenas um dos vários elogios que o crítico tece à Euclides, o escritor respondeu em carta qual foi sua sensação ao ler a análise: “o enorme estonteamento de um recruta transmutado repentinamente num triunfador” (CUNHA, 1997, p. 153).

Já Silvio Romero, crítico que recepcionou Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, destacou a fama rapidamente obtida pelo autor com o lançamento de *Os sertões* e o fato de Euclides não ser alguém sedento por notoriedade. Além disso, Romero avulta o que considerou as duas principais qualidades da obra supracitada: “a trama das ideias, onde se sentia o vinco de certas doutrinas sérias acerca de questões brasileiras, e o interesse pela genuína população nacional, a grande massa rural e sertaneja, na qual palpita mais forte o coração da raça” (ROMERO, 2016, p. 638). O crítico aprova, portanto, o uso das ciências (doutrinas sérias) em *Os sertões* e segue a compreensão de seu autor de que a população sertaneja é o cerne da população nacional. O projeto científicista de Euclides encontra eco.

O consórcio entre ciência e arte que estes e vários outros críticos destacaram, e que o próprio Euclides defendeu, fazia parte de uma visão de mundo extremamente disseminada nesse período da virada do século XIX para o XX, tornando-se inclusive a principal baliza do trabalho do escritor em *Os Sertões*. Para entender mais claramente essa questão nos demoraremos analisando esse consórcio entre arte e ciência no pensamento de Euclides da Cunha, depois nos deteremos estudando esse consórcio especificamente em *Os Sertões*.

4.1 ARTE E CIÊNCIA

Euclides dedica-se a acumular uma notável gama de saberes para escrever *Os sertões*, consagrado ao resgate da memória daqueles que pereceram defendendo Canudos. Nele procura combinar dois pontos de vista. O

primeiro é nitidamente determinista, vindo da Inglaterra com Buckle e da França com Taine, influências hegemônicas no Brasil da viragem de século. Como se sabe, o esquema de montagem do livro obedece aos ditames analíticos de raça, meio e momento, tomados como determinantes dos eventos históricos. Concorrem para essa linha, extrapolados das ciências naturais e exatas para os fatos sociais, o evolucionismo spenceriano, o darwinismo racial e o positivismo de Comte e de Littré. O segundo ponto de vista deriva da concepção dos heróis segundo Carlyle, justificados por este autor enquanto encarnações do espírito divino que levam a história avante. (GALVÃO, 2009, p. 424)

Como mostra a seção anterior, o consórcio entre arte e ciência domina o pensamento euclidiano, por consequência o fará também em sua principal obra: *Os Sertões*.

Costa Lima (1997) afirma que o uso da ciência numa concepção pragmática não necessariamente tornar-se-á um cientificismo, isso só ocorre quando há uma ambição totalizante em sua premissa, que é justamente o que faz Euclides da Cunha em *Os sertões*, algo que era comum no século XIX. O autor usa a ciência como forma de compreender todos os acontecimentos da Guerra de Canudos, como se a ciência fosse o único mecanismo capaz de apresentar esclarecimentos rigorosos e práticos acerca da realidade objetiva.

A análise da obra supracitada revela que o trabalho do autor foi no sentido de desvelar, através da ciência, o germe do início do conflito, dos homens que dele participaram e de seu término. Euclides claramente coloca, dentro de seus escritos, indagações sutis às próprias ciências que lhe servem de base, mesmo que jamais as abandone. Roberto Ventura aponta que isso se deve ao fato de que Euclides “foi tributário ainda de sua formação científica, que combinava evolucionismo e positivismo, e dos preconceitos raciais próprios à sua época, que traziam a crença na inferioridade dos grupos não brancos” (VENTURA, 2016, p. 676).

Bernucci (1995), baseado em palestra de Walnice Nogueira Galvão, nos afirma que a busca pela ciência é um intuito realizado de modo incansável por Euclides, sendo que, por diversas vezes, é perceptível que o autor falha esse intento. Grande indicativo desses erros seria a enunciação do discurso euclidiano, os pontos de vista utilizados pelo escritor por diversas vezes fogem do que seria a regra do discurso científico de seu

tempo e ele se embrenharia em estratagemas literários como o diálogo, a narração em primeira e terceira pessoa, uso de quadras populares, descrição de lendas e milagres.

Também é interessante apontar como o autor se indigna com as críticas que surgem com relação à presença da ciência em sua obra, ou de que haveria erros em suas informações. Após o sucesso da primeira edição o autor insere diversas notas à segunda tiragem, várias revelando esse aspecto. Um crítico, cujo nome Euclides não cita, censura a seguinte passagem: “...desabrigadas de todo ante a acidez corrosiva dos aguaceiros tempestuosos...” (CUNHA, 2016, p. 29); o autor então responde, ironicamente, na nota da segunda edição: “Viu-se nessa frase uma inexatidão e um dos imaginosos traços do meu apedrejado nefelibatismo científico” (Op. Cit. p. 553) e trás, em sua defesa, a citação de dois geólogos que corroboram sua tese: Contejean e Emanuel Liais. Diante de tal referência Euclides acentua sua ironia, afirma que o “crítico leciona” o oposto do que dizem aqueles homens de ciência e chama o trabalho de seu glosador de “Extraordinária geologia”.

Nessas notas à segunda edição o autor responde também a outra crítica, referente a suas análises das raças que formaram o sertanejo, essa “rocha viva” de nossa nacionalidade:

Neste composto indefinível – o brasileiro – encontrei alguma coisa que é estável, um ponto de resistência recordando a molécula integrante das cristalizações iniciadas. E era natural que, admitida a arrojada e animadora conjectura de que estamos destinados à integridade nacional, eu visse naqueles rijos caboclos o núcleo da força da nossa constituição futura, a rocha viva da nossa raça.

De fato, a nossa formação como a do granito surge de três elementos principais. (CUNHA, 2016, p. 556).

No trecho acima Euclides não apenas demonstra a fé que possui em suas observações científicas, como vai além, o autor nos diz que os seres humanos se fazem do mesmo modo que as rochas. As formações rochosas só podem se formar a partir de elementos químicos e geológicos específicos, o mesmo ocorre com os indivíduos, e só daí pode entender-se a formação do povo brasileiro:

A princípio uma dispersão estonteadora de atributos, que vão de todas as nuances da cor a todos os aspectos do caráter: não há distinguir-se o

brasileiro no intrincado misto de brancos, negros e mulatos de todos os sangues e todos os matizes. [...] Mas à medida que prosseguimos estas últimas se atenuam.

Vai-se notando maior uniformidade de caracteres físicos e morais. Por fim, a rocha viva – o sertanejo (Op. Cit. p. 557).

Disso é possível visualizar ainda que, dentre as várias ciências que constituem *Os sertões* a geologia possui importância primordial. É a partir do terreno, suas características e nuances, que se definirão os elementos naturais a desenvolverem-se em determinado território, sendo o homem apenas mais um dentre esses elementos. Assim sendo, Euclides, ao longo do primeiro capítulo, tentará apresentar as condições geológicas em que as “sub-raças sertanejas” do Brasil se desenvolveram. Além disso, o autor também se esbaldará em utilizar o jargão desta ciência como metáfora para suas acepções, não é à toa que ele chama o sertanejo de “rocha viva” da nacionalidade brasileira.

A natureza do homem sertanejo reproduz, para o autor, as próprias condições de sua sobrevivência na natureza, que ali é cheia de contrastes, dificuldades, paradoxos e extremismos. Entre a terra, o homem e a luta n(os) sertões não há separações, todos aspectos do sertão quedam em contraste com o resto do país, são singulares e é por sua própria diferenciação que entrarão em embate com a república, que representa um todo brasileiro que – o sabemos – nunca foi nem será homogêneo. A refrega que se dará no interior da Bahia aparece desde o início do livro, mesmo que as descrições da terra pareçam ter apenas teor apresentatório:

a geologia aparece como que dotada de vontade e sentimentos e se presta com perfeição a esta narrativa de movimento, com suas camadas que se deprimem e se elevam, com suas forças capazes de rasgar as formações rochosas e com massas magmáticas que extravassam do interior desconhecido. Mais uma vez estamos diante de uma representação da natureza em conflito, que prefigura o embate secular entre o homem e o meio e ainda o combate entre o litoral e o sertão ou entre o soldado e o jagunço (SANTANA, 1998).

Outro ponto interessante desenvolvido por Santana (1998) refere-se ao caráter colaborativo de grande parte de *Os Sertões*. Para este autor há vários indícios de que Euclides teria pedido ajuda a diferentes conhecedores acerca de diferentes temas

científicos que aborda em seu livro, entre eles amigos como o engenheiro, geógrafo e historiador Teodoro Sampaio e Orville Derby, que era geólogo e geógrafo. Isso reforça o próprio aspecto científico da obra euclidiana, posto que a preocupação do autor em colher informações verificáveis (com relação às ciências de que trata) denota, em si, uma atitude científica.

O trabalho desenvolvido por Euclides da Cunha não apenas inclui dentro de sua obra uma série de referências científicas, o autor intenta unir arte e ciência de modo a se tornar impossível compreender onde age o trabalho literário e onde atua o científico. O intento euclidiano, deste modo, amplia as próprias possibilidades da ciência que utiliza em sua escrita:

Definir ciência em Euclides da Cunha não é fácil ou seria talvez tarefa muito estéril, porque ele mesmo fez questão de borrar a linha divisória entre ciência e arte e de apagar os contornos bem delineados pela influência positivista, preferindo assim enriquecer o conceito, depois de manipulá-lo, para devolvê-lo a nós com toda a sua complexidade, força e singularidade operacional. (BERNUCCI, 2008, p.24)

Destaquemos que essa busca por imprimir a ciência ao longo de *Os Sertões* não significa obtenção desse mérito. Há diversos autores – como Costa Lima (1997), Freyre (1939), Andrade (1976) e Lins do Rego (1942), entre outros – que questionaram o caráter científico da obra euclidiana, assim como a veracidade de suas descrições e reflexões, apontando erros, inconsistências, incoerências e problemas que indicariam a predominância do caráter imaginativo e literário sobre o aspecto científico do livro. Não nos cabe aqui entrar nessa discussão, o que seria inclusive pouco produtivo. Interessamos compreender a intenção de Euclides na obra supracitada, para a partir dessa constatação entender o diálogo que Vargas Llosa trava com o escritor brasileiro ao longo de *A guerra do fim do mundo*.

4.2 O DETERMINISMO RACIAL

Na segunda parte de seu livro, denominada “O Homem”, Euclides da Cunha cuidará de apontar os modos através dos quais o homem sertanejo formou-se e tratará de caracterizá-lo, defini-lo. Esse aspecto é extremamente importante para o autor até mesmo para que sua interpretação dos acontecimentos possam ser consideradas

científicas. Além disso, Euclides nos diz, já em sua nota introdutória, que busca compreender essa “sub-raça” sertaneja também porque falar da Guerra de Canudos, por si só, seria algo que não teria atualidade, daí que:

Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazemo-lo porque a sua instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização (CUNHA, E. 2016, p. 10).

Euclides afirma que seu intento tem um interlocutor específico: os futuros historiadores, o que se justifica tanto por sua crença no cientificismo de seu trabalho, quanto pela fé de que em momento breve a “sub-raça” sertaneja seria extinta, constituindo-se *Os Sertões* como um documento histórico.

Se ao longo do primeiro capítulo Euclides dedica-se à compreensão do território sertanejo isso não se deve apenas à importância que o fator geográfico desempenha na compreensão das manobras da guerra travada em Canudos, há um segundo intuito mais importante: o de compreender essa geologia para entender de que forma o homem ali vivente poderia existir e adaptar-se a tais condições. Essa conexão entre o homem, suas características e o clima/geografia, não são novidade, Gerbi (1996) aponta que desde a antiguidade já havia pensadores conectando clima e gênio no sentido de determinar os distintivos de cada povo. Desse modo, a narrativa desenvolvida por Euclides ao longo da segunda parte de seu livro tem um objetivo claro, que abordaremos, sendo que nossa análise desse texto seguirá a ordem do próprio autor.

Primeiramente Euclides nos pontua que a compreensão das raças mestiças do Brasil são um problema até então apenas esboçado, e que se carecerá muito tempo para que de fato possa ocorrer uma compreensão real de tal questão. Colocado este ponto o autor disserta acerca daquele que seria o primeiro elemento constituinte da “sub-raça” sertaneja, o elemento “autóctone”, o indígena. Como seria de se esperar da acepção cientificista de Euclides, ele traz uma série de autores como base para dissertar sobre tal ponto: Wilhelm Lund, Morton, Frederick Hartt, Meyer, Trajano de Moura, Nott e Gliddon. Esses nomes surgem para falar sobre o desenvolvimento dos indígenas

brasileiros, com destaque para os tupis. Porém Euclides não se aprofunda nas características desses povos, o autor se limita a citar os autores que já o fizeram e considera, assim, dada a análise desse “elemento constitutivo” do sertanejo. Há de se observar, no entanto, que há uma série de preconceitos incrustados no pensamento do autor acerca desse homem. A visão, compartilhada por Euclides da Cunha, de que o homem americano é inferior ao homem branco, ecoa teorias iluministas e eurocêntricas como as criadas e desenvolvidas ao longo do século XVIII por Georges-Louis Leclerc (vulgo Conde de Buffon) e Cornelius de Pauw. Como bem aponta Gerbi (1996), essas concepções, em grande parte embasadas em relatos de viagens às Américas, apontavam que o homem americano era indolente, degenerado, decadente, vil e sem cultura. As ciências em que se fiava Euclides da Cunha eram apenas um desenvolvimento dessas teorias com critérios aparentemente mais objetivos, mas que em nada, ou em muito pouco, as questionava.

O segundo elemento constitutivo da raça sertaneja sobre o qual se debruça Euclides é o negro, acerca do qual o autor evoca os estudos de Nina Rodrigues – cujo nome ainda será retomado ao fim da narrativa – acerca das religiões afro-brasileiras. Diante das dificuldades de se estabelecer quais contingentes populacionais africanos teriam vindo de África para o Brasil, Euclides os define nos seguintes termos: “filhos das paragens adustas e bárbaras, onde a seleção natural, mais que em quaisquer outras, se faz pelo exercício intensivo da ferocidade e da força” (CUNHA, 2016, p. 76). O autor define, portanto, que a África, ambiente de desenvolvimento da raça negra, foi algo que proporcionou-lhe brutalidade e coragem, não inteligência e cultura, de modo que esse *gen* será responsável por dar ao sertanejo umas de suas características cabais: a força.

Terceiro e último dos elementos tratados pelo autor é o homem branco, que Euclides coloca como o “fator aristocrático de nossas gens, o português, que nos liga à vibrátil estrutura intelectual do celta” (Op. Cit. p. 76). Seria então o caldeamento desses três elementos constitutivos no ambiente específico do sertão que daria os caracteres do homem sertanejo. No entanto a tarefa de compreensão desse amálgama não se dá nos moldes de uma equação perfeita e previsível, os fatos históricos e os dados comprovam essa dificuldade, de modo que:

Evidentemente não basta, para o nosso caso, que postos uns diante de outros o negro banto, o indo-guarani e o branco, apliquemos ao conjunto a lei

antropológica de Broca. Esta é abstrata e irreduzível. Não nos diz quais os reagentes que podem atenuar o influxo da raça mais numerosa ou mais forte, e causas que o extingam ou atenuem quando ao contrário da combinação binária, que pressupõe, despontam três fatores diversos, adstritos às vicissitudes da História e dos climas.

É uma regra que nos orienta apenas no indagarmos a verdade. Modifica-se, como todas as leis, à pressão dos dados objetivos (CUNHA, 2016, p. 76 – 77)

A confluência de tão distintos fatores é complexa e de difícil assimilação. No entanto, não é essa a única questão que compromete uma compreensão clara e rápida da formação do sertanejo, o tópico climático e geológico também é essencial. As condições singulares da terra dos Sertões justificam uma extensiva análise, como bem se dispõe Euclides a fazer na primeira parte do livro. A confluência das raças dialoga com o ambiente e o clima do sertão, e é a adaptação a este meio, em conjunto com os fatores raciais, que definirá o sertanejo. A dissertação do autor se prende na análise de contrastes e paradoxos que tornam essa terra, climática e geologicamente, especialmente particular:

Como quer que seja, o penoso regime dos estados no Norte está em função de agentes desordenados e fugitivos, sem leis ainda definidas, sujeitas às perturbações locais, derivadas da natureza da terra, e a reações mais amplas, promanadas das disposições geográficas (CUNHA, 2016, p. 46).

Nesses sertões as forças da natureza confrontam-se incansavelmente, num frêmito explosivo e violento que só os espíritos e corpos mais adaptados são capazes enfrentar. Tal perspectiva euclidiana destaca a força e a valentia do sertanejo, que criou matizes de habilidades singulares capazes de garantir-lhe a sobrevivência mesmo nas mais insalubres condições. Mais que isso, ao aprofundar-se nesse aspecto Euclides também já está adiantando uma das razões pelas quais vários exércitos republicanos serão derrotados pelos sertanejos, aliás, a adaptação desses últimos é tão grande que, na narrativa euclidiana, os vitoriosos serão sempre os sertanejos, porque mesmo em menor número, menos preparados, menos armados, menos formados e “retrógrados” conseguiram mostrar sua força, derrotar vários exércitos e expedições e, principalmente, mantiveram sua altivez moral. Tudo isso, em grande parte, devido à simbiose com o meio que é a característica primeva desses sertanejos, homens para os quais “viver é adaptar-se”.

No relativo a este quesito adaptativo de formação do sertanejo Euclides nos traz um comparativo interessante: disserta sobre os homens desse norte em comparação com os do sul, de modo a destacar as diferentes características que podem desenvolver-se a partir de diferentes condições. O símile tem força. O autor caracteriza o sertanejo como “um forte”, “Hércules quasímico” (pois une força e moral à falta de graciosidade) e “homem permanentemente fatigado” (pois sempre está a busca de quedar-se em algum descanso). No entanto essa percepção seria ilusória, a verdade é que a busca constante por descanso apenas encobre a necessidade de guardar energias que esse “titã acobreado” possui para enfrentar as adversidades daquele território, caso surja o imperativo de buscar uma rês perdida, por exemplo, o sertanejo mostra sua “compleição robusta” e parte, “centauro bronco”, atrás do gado. Essa realidade é muito distinta daquela em que se desenvolveram os homens do sul. Para Euclides o gaúcho é a antítese do sertanejo, o sulista seria alguém acostumado com a vida tranquila dos “plainos sem fins”, habituado com as “correrias fáceis nos pampas” e até mesmo com uma “natureza carinhosa”. “A luta pela vida não lhe assume o caráter selvagem da dos Sertões do Norte” (CUNHA, 2016, p. 117).

As injunções climáticas e geográficas são imperativas, de modo que toda a vida natural daquele território está determinada por tal ação. Assim sendo, o autor nos apresenta também como a influência desses determinismos se coloca na vegetação do sertão. O sol e a seca são os inimigos incansáveis. A flora assoberbada se tornaria penitente diante de regimes tão brutais e extremos. Todavia as plantas não se resignam ao fim, elas “transmudam-se, e em lenta metamorfose vão tendendo para limitadíssimo número de tipos caracterizados pelos atributos dos que possuem maior capacidade de resistência. Esta impõe-se, inflexível” (Op. Cit. 2016, p. 49). A luta pela sobrevivência condensa-se numa batalha permanente. Da mesma forma, em Euclides, o homem sertanejo, para sobreviver naquela terra, precisa se adaptar, pouco importando aí aspectos de beleza, formação, nobreza ou altivez. Esse homem só pode sobreviver se adequa-se às condições sem poréns, sem questionamentos. O clima é irrefutável. A sobrevivência de plantas e homens no sertão ocorre em paralelo, a mesma força e resistência se fazem necessários a ambos, sob pena de extinção: “o homem luta como as árvores, com as reservas armazenadas nos dias de abundância e, neste combate feroz, anônimo, terrivelmente obscuro, afogado na solidão das chapadas, a natureza não o abandona de todo” (Op. Cit. 2016, p. 60). Se a biologia e a botânica podem

compreender os processos através dos quais forma-se essa vegetação, há que se fazer possível também que a ciência explique a formação do homem que divide espaço com esta flora tão singular, sendo ele, também, construção única.

Desta singularidade do sertanejo emerge, por consequência, uma religiosidade que também é particular. Para Euclides a religião está conectada ao grau de civilidade de um determinado povo. O autor era ateu e até antirreligioso, porém sua visão evolucionista da realidade não colocava todas as religiões e religiosidades num mesmo patamar, pelo contrário, havia religiões, como o cristianismo institucional e organizado, que poderiam ser consideradas superiores, até mesmo pelo “nível de desenvolvimento” em que os povos criadores de cada religião estariam. Daí que o exame deste homem de ciência acerca do sertanejo também penderá, seguindo tal molde, a ver sua religião como singular. A análise da religiosidade sertaneja é essencial para o autor porque esta é o cerne a partir do qual surgirá Antônio Conselheiro e, consequentemente, se criará Canudos.

A influência do meio, essencial para a formação do sertanejo, é também essencial para a formação da religião criada neste ambiente. O flagelo da seca é persistente e o sertanejo suporta-o muitas das vezes, no dizer de Euclides, estoicamente. Essa atitude, no entanto, não é fruto apenas de abnegação, mas de uma conexão forte com a religiosidade, que dá a estas pessoas força e fé para manterem-se na luta: “o seu primeiro amparo é a fé religiosa” (CUNHA, 2016, p. 132). Essa fé é profunda e distinta da fé europeia ou mesmo da fé observada nos litorais do país, sua fase de desenvolvimento religioso espelha sua condição de mestiçagem e simbiose de diferentes características evolutivas:

Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante, em que se rebata o fetichismo do índio e do africano. É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas revelaria a fusão de estádios emocionais distintos. A sua religião é, como ele – mestiça (CUNHA, 2016. P. 136).

Para Euclides a forte religiosidade que se desenvolve nos sertões e que gerará o messianismo que enleará o povo sertanejo a Antônio Conselheiro possui, portanto, duas razões claras:

A primeira delas é o regime da seca e das condições climáticas adversas que imperam em tal território, forçando os homens a agarrarem-se a algo místico, misterioso ou superior que seja capaz de explicar tais dificuldades ou pelo menos amainar as agruras e os sofrimentos daquela terra, seja com sacrifício e desprendimento, seja com as promessas de salvação que só a religião pode dar. Nesse último ponto Euclides é taxativo, diante de condições tão sofridas só é possível pensar na “felicidade suprema da volta para os céus, para a felicidade eterna – que é a preocupação dominadora daquelas almas ingênuas e primitivas” (Op. Cit. p. 139).

A segunda razão estaria ligada ao próprio estágio de desenvolvimento das pessoas da região e sua concepção biológica, sendo o sertanejo um povo mestiço, ele congregaria em si características poucos lisonjeiras, como a tendência ao atavismo religioso, fruto da influência de seus genes menos “nobres”: do índio e do africano. A questão genética é definidora da religiosidade messiânica e atávica porque impede que o sertanejo consiga sequer entender a religião católica, crença superior às outras criadas por índios e africanos: “a consciência imperfeita dos matutos revela nas quadras agitadas, rompendo dentre os ideais belíssimos do catolicismo incompreendido, todos os estigmas do estádio inferior” (Op. Cit. p. 138).

É depois de nos apresentar estas considerações acerca dos tabaréus sertanejos, sua religiosidade e conexão com o ambiente que lhes circula que Euclides nos apresenta a Antônio Vicente Mendes Maciel, vulgo Antônio Conselheiro. Os adjetivos do autor para caracterizar o líder religioso não são nada lisonjeiros, variam de “gnóstico bronco” e “atávico” até “falso apóstolo” e “doente grave”, chegando a dizer que o Conselheiro entrou “para a História como poderia ter ido para o hospício” (Op. Cit. p. 144). O autor resgata a trajetória de Antônio Conselheiro até onde lhe é possível, num intento que traz muita pesquisa, mas também muita especulação com base em suas crenças científicas. A narrativa de Euclides concentra-se em criar o Conselheiro como uma personagem de ascendência familiar violenta, possuindo aversão ao trabalho, e tendo tendências regressivas (no dizer determinista em voga no período), possuindo inclusive um “comportamento delirante” que teria se agravado após a fuga de sua mulher com outro homem, estopim de seu recolhimento nos sertões e consequente aprofundamento na religiosidade. Por modo que ficou desaparecido por cerca de dez anos, quando Antônio Vicente Mendes Maciel reaparece pelos sertões é um homem diferente: “anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada;

olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordado ao clássico bastão, em que se apoia o passo tardo dos peregrinos” (Op. Cit. p. 155). Esse novo homem tornar-se-á liderança “no seio de uma sociedade primitiva” porque representa os homens e mulheres de tal território. “O evangelizador surgiu, monstruoso, mas autômato. [...] condensava o obscurantismo de três raças. E cresceu tanto que se projetou na História...” (Op. Cit. p. 156).

Para Euclides da Cunha, portanto, a liderança de Antônio Conselheiro sobre uma grande parcela do povo sertanejo foi natural, visto que todos eram retrógrados e tinham por base de sua crença uma religiosidade messiânica e atávica. Daí que os enfrentamentos com um regime governamental mais evoluído, como considerava o autor a República, seriam inevitáveis. A este povo era ininteligível compreender as formas de uma organização superior como aquela através da qual se organizou o Brasil a partir de 1889. De modo que, assim que se espalharam pelo sertão as novas leis; como a cobrança de impostos em nome da República, as novidades acerca do casamento civil e o controle dos nascimentos pelo governo e não mais pela Igreja; o líder religioso ergueu sua voz, e num frêmito de indignação queimou as ordens da República. É a partir de tal episódio que se inicia a perseguição contra o Conselheiro e seu séquito, sendo o estopim da guerra, no entanto, acontecimento posterior. Mas para Euclides as coisas aparecem muito claras, este primevo enfrentamento já tinha, desde seu início, a marca do problema que levaria à Guerra de Canudos: a incompreensão e a não aceitação a uma mudança sobre a qual nenhum daqueles homens havia sido consultado ou sequer havia tido conhecimento. Esse ponto, inclusive, é um sobre os quais Vargas Llosa se apoia, o possível “mal-entendido” que levaria à Guerra de Canudos.

Como Euclides possui uma visão holística que é embasada pela ciência, também a formação de Canudos refletirá o “estádio evolutivo” do povo que ali fará sua morada, de modo que para o autor a arquitetura do arraial e suas nuances também revelam o atraso dessas gentes:

Traíam a fase transitória entre a caverna primitiva e a casa. Se as edificações em suas modalidades evolutivas objetivam a personalidade humana, o casebre de teto de argila dos jagunços equiparado ao *wingwam* dos pelevermelhas sugeria paralelo deplorável. O mesmo desconforto, e sobretudo, a mesma pobreza repugnante, traduzindo de certo modo, mais do que a miséria do homem, a decrepitude da raça (Op. Cit. p. 174).

Sobre essa arquitetura Euclides se esmera nos adjetivos: “urbs monstruosa”, “civitas sinistra”, “kraal africano”, “polipeiro humano”, “agrupamento bárbaro” e “clã tumultuário” são apenas alguns dos qualitativos empregados pelo autor para vislumbrar ao leitor a faceta do arraial. Euclides critica os casebres, a ausência de espaços públicos bem definidos e a falta de ruas. Urbanisticamente existiria uma lógica a seguir para se mostrar o desenvolvimento de um povo, lógica esta que passou muito longe da organização de Canudos. Nesta questão também Euclides está totalmente alinhado ao pensamento de sua época, vide, por exemplo, a reurbanização do Rio de Janeiro, que aconteceu principalmente durante o governo Rodrigues Alves (1902 – 1904) e que colocou a capital da República praticamente abaixo a fim de reorganizá-la segundo moldes franceses.

Ora, uma população com estas características atávicas, vivendo em uma “urbs monstruosa” e sem a intervenção de arautos da civilização para cuidar-lhes das leis e organização social, isso só poderia resultar em uma vivência caótica, desenfreada, violenta, promíscua e bárbara. O pensamento de Euclides é encadeado nesse sentido, de criticar, mesmo sem o pleno conhecimento, as vivências dos canudenses. O autor afirma que os tabaréus possuíam um “senso moral deprimido”, fato devido às próprias condições dificultosas de vida, onde sobreviver era uma necessidade superior a qualquer moralidade. De modo que de tudo o que aprenderam no catecismo da igreja restou-lhes apenas a certeza de que aqueles que sofrem serão salvos: “A terra é o exílio insuportável, o morto um bem-aventurado sempre” (Op. Cit. p. 139).

A primeira questão moral que Euclides aponta como marca regressiva dos canudenses é a promiscuidade. As condições supracitadas de meio ambiente somadas às questões raciais, segundo ele, só poderiam gerar uma sociedade degenerada: “Não é para admirar que se esboçasse em Canudos a promiscuidade de um hetairismo infrene” (Op. Cit. p. 180). Euclides não poderia escolher palavra mais adequada para esclarecer seu pensamento que hetairismo, essa promiscuidade sexual típica de agrupamentos “primitivos” seria obviamente natural naquela população. No entanto o autor entrega seu desconhecimento e suas dúvidas acerca do que se passava em Canudos logo no parágrafo posterior: “Porque o dominador [Antônio Conselheiro], se não estimulava, tolerava o amor livre” (Op. Cit. p.180). A dúvida deixada pelo escritor aponta para sua própria incerteza diante dos fatos narrados, posto que parte de sua narrativa (principalmente a que se refere a Canudos antes da guerra) se condiciona mais por

pesquisas, relatos e deduções científicas que por fatos comprovados e observados por ele.

Outro ponto levantado na narrativa que mostra a degeneração moral do povo de Canudos se refere aos próprios moradores da cidade, “Canudos era o homizio de famigerados facínoras” (Op. Cit. p. 181). Durante a fundação de Canudos afluíram para o arraial pessoas oriundas de todo o Nordeste. O Conselheiro arrastou verdadeiras multidões para Canudos e chegou a converter alguns dos mais célebres bandidos da região. Esses homens, convertidos ao culto conselheirista, se afastaram da vida de crimes e, ao estourar da guerra, tornaram-se os responsáveis pela organização tática de resistência do arraial contra os exércitos republicanos. Também chamados de jagunços, esses homens conheciam cada pedaço de chão do sertão, assim como as estratégias necessárias para sobreviver em suas condições adversas e, mais, sabiam como utilizar o terreno a seu favor. Os jagunços eram tão versados em realizar emboscadas quanto em obter água das plantas mais ressecadas, eram especialistas em artimanhas de batalha e na confecção de utensílios adaptados ao regime das secas, eram homens do sertão, o que lhes dava uma grande vantagem em relação aos invasores, visto que esses últimos, como aponta Euclides, não se preocupavam e não sabiam sequer qual o melhor horário para marchar naquelas regiões áridas, de modo que o próprio território tornou-se-lhes seu maior inimigo.

Os jagunços tiveram extrema importância para a instalação, construção e resistência de Canudos. Por serem homens violentos que buscavam a redenção, verdadeiras ovelhas desgarradas que voltaram ao rebanho, possuíam caráter especial dentre os sectários do Conselheiro, que admirava sua resignação e fé.

Eram, por um contraste natural, os seus melhores discípulos. A seita esdrúxula – caso de simbiose moral em que o belo ideal cristão surgia monstruoso dentre aberrações fetichistas – tinha os seus naturais representantes nos batistas truculentos, capazes de carregar os bacamartes homicidas com as contas dos rosários... (Op. Cit. p. 181).

Adstrito a seu intuito de constituir uma narrativa científica, Euclides não pondera acerca da importância desses homens saírem da criminalidade para a religiosidade, nem sobre o fato da resistência organizada por eles em Canudos se dar contra uma invasão, e não o oposto. Estavam a defender-se, a escudar os seus. Mesmo

assim, ao longo do tomo “A luta” o autor destacará a coragem e argúcia dos jagunços, dando-lhes, então, uma fâcies dúbia, que congrega força, astúcia e valentia com atavismo, misticismo e imoralidade. Essa dubiedade mostra a complexidade dos acontecimentos e também se afigura como largo substrato para a escrita de *Os Sertões*, homens humilíssimos de joelhos a rezar encostados nos trabucos, contas de rosários que se transformam em projéteis, refregas a iniciar-se com as baladas da igreja. Esmera-se Euclides na poética das metáforas e das sutilezas.

Cangaceiros afamados, como João Abade, chefe do povo e líder militar de Canudos, tornaram-se célebres por seus atos antes e depois da conversão ao culto conselheirista. João Abade ganhou esta alcunha do próprio Conselheiro, após este ver a força de sua conversão, daí que extirpou-lhe o nome primevo, João Satã – ganhado em decorrência das inúmeras violências e atrocidades cometidas por ele em sua vida no cangaço – e o rebatizou com essa antonomásia.

A confusão de características que a mestiçagem criou entre os jagunços gerou homens singulares. Outro exemplo trazido por Euclides é o de um “bárbaro ardiloso”: Pajeú, também um dos líderes militares de Canudos.

Um mestiço de bravura inexcedível e ferocidade rara, Pajeú. Legítimo cafuz, no seu temperamento impulsivo acolchetavam-se todas as tendências das raças inferiores que o formavam. Era o tipo completo do lutador primitivo – ingênuo, feroz e destemeroso – simples e mau, brutal e infantil, valente por instinto, herói sem o saber – um belo caso de retroatividade atávica, forma retardatária de troglodita sanhudo (Op. Cit. p. 262).

Pajeú, com sua tez acobreada e valentia impávida, mostra-se um como modelo exemplar dos homens canudenses. Sua sanha torna-o herói mesmo que não o saibas. Seu temperamento impulsivo é fruto da influência das raças inferiores em seus genes, atitude inescapável, determinada pela biologia, ainda que apesar disso consiga organizar armadilhas, estratégias e ardis capazes de vencer diversas refregas contra os exércitos ditos superiores.

Outra questão, que já comentamos anteriormente, refere-se à busca de comprovação acerca da “degeneração” de Antônio Conselheiro, que poderia ser evidenciada pelo próprio formato de seu crânio – o que obviamente não ocorreu.

Euclides da Cunha ao trazer essa passagem, de modo irônico, mostra suas dúvidas acerca da ciência que lhe deu base para a escritura de todo o livro. Esse ponto é relevante porque mostra que o trabalho de Vargas Llosa não parte apenas de uma vontade de contradizer Euclides, mas de trazer à tona questões importantes, que estão no cerne da obra do escritor brasileiro, de suas contradições e paradoxos.

Euclides errou quando se submeteu aos dogmas cientificistas de seu tempo, como os forjados por Ratzel, Buckle, Gumpłowicz. Errava quando concluía segundo eles. Mas acertava em cheio toda vez que seguia a sua intuição genial, toda vez que se desprendia do aparato científico usado sem senso crítico, ou quando dobrava-se à verdade que honestamente observara, rendendo-se à evidência viril dos fatos. A ciência de seu tempo era racista. Euclides navegou nessas águas. De onde o seu erro de considerar inferior gente que só era social e economicamente inferiorizada. Mas quando fez a apologia do mestiço – o sertanejo – derogou todos os prejuízos cientificistas de seu tempo. (OLIVEIRA, F. 2016, p. 661).

É nos paradoxos, erros e idiossincrasias de Euclides que queda a riqueza de sua obra, e é justamente nesses pontos que Vargas Llosa apoiará sua narrativa palimpsestosa. Quando Mário Vargas Llosa escreve *A guerra do fim do mundo* o panorama mundial é extremamente distinto daquele em que escreveu Euclides da Cunha. O cientificismo que tanto impregnou a obra euclidiana declinou, essencialmente as teorias raciais que hierarquizavam os seres humanos caíram por terra. Os fatores que concorreram para isso foram diversos, o próprio avanço da ciência corroborou tal mudança, mas também questões históricas como a eclosão do nazismo e seu apelo à eugenia, que demonstraram a monstruosidade e brutalidade que poderia advir deste tipo de pensamento.

Vargas Llosa trabalhará ativamente em sua obra para demonstrar o quanto o determinismo racial em voga na virada do século XIX para o XX era falacioso. Esse processo, inclusive, será levado a cabo, em grande parte, através do supracitado *Elemento Añadido*, artifício que Vargas Llosa utilizará reiteradamente em seu romance. Em seu questionamento ao determinismo racial esse procedimento aparece encarnado em pelo menos duas de suas personagens: o escocês Galileo Gall e no Jornalista Míope. Com relação a esse tema o palimpsesto é constante, o determinismo racial aparece nas reflexões do escocês, mas também nos primeiros artigos do periodista e nas falas dos

republicanos, sendo que junto a este conceito vem sempre a ideia de civilização e barbárie: A República dos homens brancos é sempre civilizada, enquanto o arraial dos sertanejos é bárbaro. No entanto os acontecimentos, na narrativa vargallosiana, sempre acabam por jogar por terra esse discurso falacioso.

5 - LA GUERRA DEL FIN DEL MUNDO

No início da década de 70 o escritor peruano Mario Vargas Llosa foi convidado pela Paramount Filmes em Paris para escrever um roteiro cinematográfico sobre a Guerra de Canudos em parceria com o cineasta brasileiro Ruy Guerra. O roteiro jamais foi filmado, porém o contato de Llosa com o livro *Os sertões* – uma das principais referências sobre o conflito de Canudos – não deixou o escritor peruano incólume: em 1981 o autor lançou *A guerra do fim do mundo*, obra em que revisita, reinterpreta, atualiza e ressignifica Canudos. Este livro é o primeiro de Vargas Llosa ambientado fora do Peru, algo atípico dentro desta primeva produção do autor. Ademais, este livro é a obra de um autor peruano contando uma história brasileira, o que chamou a atenção da crítica do período, que procurava por referências literárias que visassem estabelecer uma integração entre os países latino-americanos, que viviam momentos históricos similares, enfrentando ditaduras militares. Um dos entusiastas dessa obra foi o crítico literário uruguaio Ángel Rama, considerado um dos mais importantes da segunda metade do século passado:

devemos a este trabalho uma audaz integração cultural latino-americana associando seus dois hemisférios (brasileiro e latino-americano) na medida em que sub-repticiamente cultiva a arte do remake; que, embora em grande parte desenvolvido pela cinematografia e artes visuais, não tinha tido na literatura mais que as versões alusivas ao tema do ditador. Com este romance é proposto francamente um objetivo ambicioso: se trata de narrar um assunto que motivou uma obra capital das letras brasileiras, *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha, com base no documento histórico ainda mais do que com o romance, integrando necessariamente esta nova estrutura narrativa, como um documento mais. A leitura da história contemporânea de seu país que fez Da Cunha entre 1897 e 1902, está sujeita a uma segunda leitura, cujo ponto focal é ninguém menos do que a América Latina como um todo²⁶ (RAMA, 2005, p. 207)

²⁶ debemos a esta obra una audaz integración cultural latinoamericana asociando sus dos hemisferios (brasileño e hispanoamericano) en la medida en que subrepticiamente cultiva el arte del remake; que, aunque largamente elaborado por la cinematografía y las artes plásticas, no había tenido en la literatura sino las alusivas versiones del tema del dictador. Con esta novela es propuesto francamente como ambicioso objetivo: se trata de narrar el asunto que motivara una obra capital de las letras brasileñas, *Os sertões* (1902) de Euclides Da Cunha, partiendo del documento histórico aun más que de la novela, pero integrando forzosamente ésta en la nueva estructura narrativa, como un documento más. La lectura de la historia

A escritura de *A guerra do fim do mundo* deve muito a Euclides da Cunha não apenas por *Os sertões* se colocar como um dos documentos chave para a compreensão da Guerra de Canudos (1896 - 1897), mas também pelo efeito e percepção que a obra despertou sobre Vargas Llosa: “Para mim, *Os Sertões* é das melhores experiências que tive como leitor. Foi realmente o encontro com um livro muito importante, com uma experiência fundamental. Um deslumbramento, realmente, um dos grandes livros que já se escreveram na América Latina” (VARGAS LLOSA, 2002).

Os motivos que levaram Vargas Llosa a escrever *A Guerra do fim do mundo*, no entanto, não se encontram apenas no fascínio que lhe despertou a obra de Euclides, mas também na percepção de que Canudos conta um tipo de história que não é isolada, mas comum a todo um continente, como fica claro nas palavras do autor: “Eu acho que a razão principal para escrever este livro, além do objetivo inicial do roteiro, foi descobrir, no drama de Canudos, uma série de fenômenos que, para mim, são constantes na história latino-americana” (VARGAS LLOSA, 2002). Além disso, Vargas Llosa expande e atualiza a visão do conflito, se Euclides tinha como perspectiva uma análise histórica de interpretação do Brasil, o autor peruano visa o continente, como pontua Scheffel (2011, p. 125): “Llosa se vale desse episódio da virada do século XIX para o XX como chave de leitura para a condição histórica da América Latina dos anos 70”.

Obviamente que os contextos em que escrevem Vargas Llosa e Euclides da Cunha são muito distintos, porém os excessos não deixaram de se apresentar constantes nas ideologias que se digladiavam na América Latina. Se na virada do século - para intelectuais como Euclides - a discussão era entre a República (que tecnicamente encarnava o positivismo, cientificismo, laicidade, secularismo, igualdade...) e a Monarquia (representando a religiosidade, a hierarquia, a desigualdade...); na década de 70 o embate é outro, Vargas Llosa nos revela os enfrentamentos da Guerra Fria, do embate entre o Capitalismo e o Socialismo, que levam a excessos tão portentosos quanto o massacre de Canudos. Partindo desse paralelismo o autor peruano escreve seu livro em um diálogo constante com “Os Sertões” de Euclides da Cunha, como bem aponta Bernucci (1989):

contemporânea de su país que hizo Da Cunha entre 1897 y 1902, es sometida a una segunda lectura, cuyo punto focal no es otro que América Latina en conjunto

Os Sertões é o principal hipotexto da obra apresentada, é o que serve de guia para Vargas Llosa em diversos sentidos, desde a construção da disposição de seu romance, até a escolha da linguagem²⁷ (BERNUCCI, 1989, p. 189).

O fato de *A guerra do fim do mundo* ser embasada no livro de Euclides da Cunha não significa que as narrativas sejam semelhantes, muito pelo contrário. Há um sólido istmo que conecta dois continentes distintos. O cerne é a história da Guerra de Canudos, mas há muitas nuances dentro desse esquema básico, marquemos essas variantes, dando destaque para os pontos que dão singularidade ao cenário vargallosiano. Esse escritor trabalha com alguns núcleos de personagens, que abaixo explicitaremos de modo a entender melhor a narrativa. Também nos deteremos nos detalhes de algumas figuras, essencialmente aquelas que são interessantes aos nossos propósitos já aqui delineados.

Um primeiro ponto a se entender é que Vargas Llosa, diferentemente de Euclides, não intenta jamais apreender a realidade como ela é, num decalque, seu ensejo é de alcançar verdades outras, aquelas que não estão “visíveis” nos fatos por si só. A linha narrativa é muito próxima do que já vimos em *Os sertões*: Os acontecimentos que levam Antônio Conselheiro a se tornar um beato e como ele cativou seus seguidores, os primeiros desentendimentos com a República, a fundação do arraial de Belo Monte, as quatro expedições militares e a destruição de Canudos.

Outro diferencial é que o escritor peruano se demora em dar voz aos canudenses, homens e mulheres que no trabalho euclidiano são vistos à distância aparecem aqui como personagens que podem falar por si, e é assim que eles mostram todo o valor que possuem. Assim as personagens que dão cor à narrativa vargallosiana constituem-se individualmente, mesmo atuando em núcleos de ação específicos, o que acontece tanto com as figuras reais, quanto com as fictícias. É importante ressaltar que as personagens, ao longo do romance, inter cruzam-se movimentando e passando pelos vários núcleos que explicitaremos abaixo, não há espaços ou personalidades estanques nesta obra, porém nas definições que realizamos é possível ter uma noção um pouco mais clara do modo como o romance se organiza.

Com relação aos homens e mulheres que se tornaram o séquito de Antônio Conselheiro é interessante notar que Vargas Llosa se esmera em traçar-lhes a biografia

27 Os sertões es el principal hipotexto de la serie presentada, y es el que sirve de guía a Vargas Llosa en muchos sentidos, desde la construcción de la disposición de su novela hasta una selección de su lenguaje.

desde o nascimento (num trabalho de ficcionalização admirável), sempre destacando sua conversão ao culto conselheirista e sua vida pregressa, geralmente cheia de infortúnios, violências e pecados. As trajetórias que nos são apresentadas mostram que a vida dessas pessoas (diferentemente do que poderia supor o pensamento cientificista de fins do século XIX) não denota barbárie ou atavismo, mas tragédia. Essas pessoas constituem-se em um primeiro grupo que acompanhamos, são indivíduos reais, aparecem como palimpsesto de *Os sertões*, mas suas histórias de vida são quase completamente inventadas. Após a conversão, esses homens e mulheres terão uma vida reta, segundo os preceitos religiosos do Conselheiro. Porém com os ataques da república os jagunços veem-se obrigados a voltar às armas e à ação que tinham antes, no cangaço. Esses homens com seus conhecimentos bélicos se tornam o exército de Canudos, e as mulheres cuidam da retaguarda. No entanto todos se unem no momento das orações. O autor deixa claro que para essas pessoas o mais importante, sempre, é a fé, a qual seguirão cegamente até a destruição total de Canudos.

Um outro núcleo de personagens é o concernente à política e à imprensa, fictício também: Epaminondas Gonçalves (líder dos republicanos da Bahia), o Barão de Canabrava (fazendeiro líder dos monarquistas baianos) e seus serviçais. O Barão faz parte da aristocracia do Estado, seu nome é quase uma instituição, enquanto Gonçalves está ascendendo politicamente e ganhando poder, buscando influência por todos os meios possíveis, sem importar-se com qualquer tipo de ética. Ao fim da história o Barão é desbancado do poder e faz uma aliança com os republicanos para manter, parcialmente, sua influência. Epaminondas chega ao zênite da política baiana e, segundo o Barão, instaura um tempo em que o fazer político torna-se intrínseco ao uso da força, do engodo e da violência, inaugura-se, assim, o século XX. Aqui o palimpsesto vargallosiano vem aclarar os ditames e disputas políticas do período, o que não é realizado por Euclides. Além disso, é importante para o autor destacar que nos jogos do poder, a partir de então, a civilização e o diálogo darão espaço à barbárie e ao uso da força.

O terceiro grupo de ação seria o do exército, esse núcleo está muito bem representado no livro Euclides da Cunha e Vargas Llosa se utiliza especialmente da personagem do Coronel Moreira César, líder da terceira expedição, para destacar o caráter fanático dos republicanos, num palimpsesto direto com *Os sertões*:

Moreira César representa o exército, mas é preciso acrescentar que simboliza também o ideal republicano vigente na época; luta contra os conselheiristas porque vê em seu messianismo desenfreado uma grande ameaça ao novo regime político recém implantado, e sua cegueira reside no feito de que olha os jagunços como monárquicos que querem ressuscitar o velho sistema retrógrado do Brasil imperial²⁸ (BERNUCCI, 1989 p. 41).

Apesar do diálogo com a obra euclidiana, o autor peruano, em seu texto, dá muito mais destaque para o Coronel referido do que para seus companheiros de exército que venceram os canudenses na expedição seguinte. Aos intuitos de Vargas Llosa – de denunciar os fanatismos – Moreira César é muito mais adequado, pois a fé que anima sua belicosidade é tão arraigada quanto a dos conselheiristas, de modo que ele claramente inverte os pólos dos conceitos de civilização e barbárie. Como seria possível afirmar que um homem apelidado de “Corta-cabeças” defenda a civilização? Ainda mais: como afirmar que esse mesmo homem – que (o destaca Euclides) matou um jornalista pelas costas – é o herói da República? Ademais lutando contra um agrupamento de religiosos que apenas queria quedar-se só no sertão. Euclides aponta esses paradoxos com precisão: “era um desequilibrado. Em sua alma a extrema dedicação esvaía-se no extremo ódio, a calma soberana em desabrimentos repentinos e a bravura cavalheiresca na barbaridade revoltante” (CUNHA, 2016, p. 275-276). Já no texto de Vargas Llosa, Moreira César às vezes é chamado apenas de César para construir uma intertextualidade com o texto bíblico (relacionando-o com o imperador Júlio César²⁹), “explicitamente para destacar o fanatismo republicano do militar e seu repúdio a participação da igreja na vida política do Brasil³⁰” (BERNUCCI, 1989, p. 45). A luta cega empreendida por Moreira César, que culminou com sua morte, é o fator chave que pontua o fanatismo dos republicanos. Sua crença na República e seu

²⁸ Moreira César representa al ejército, pero es preciso añadir que simboliza también el ideal republicano vigente de la época; lucha contra los consejeristas porque ve em su mesianismo desenfrenado una gran amenaza al nuevo régimen político recién implantado y su cegueira reside em el hecho de que mira a los yagunzos como monárquicos que intentan resucitar el viejo sistema retrógrado del Brasil imperial.

²⁹ A conexão é exata, dado que a passagem referente a César na bíblia trata justamente do momento em que alguns fariseus e herodianos perguntam a Jesus se é devido o pagamento de tributos: “É lícito pagar impostos a César ou não? Pagamos ou não pagamos? Ele, porém, conhecendo sua hipocrisia, disse: “Por que me pondeis à prova? Trazei-me um denário para que o veja”. Eles trouxeram. E ele disse: “De quem é esta imagem e a inscrição?” Responderam-lhe: “De César”. Então Jesus disse-lhes: “O que é de César, dai a César: o que é de Deus, a Deus”. E ficaram muito admirados a respeito dele (Marcos 12:14-17).

³⁰ explicitamente para hacer destacar el fanatismo republicano del militar y su repudio a la participación de la Iglesia em la vida política de Brasil.

patriotismo são tão exacerbados quanto a fé do Conselheiro, a diferença entre eles é apenas de doutrina, de modo que a cegueira do Coronel facilmente o transmuda de representante da civilização a portador da mais violenta barbárie.

O quarto núcleo de personagens é o de representantes do circo, aliás, o que restou de uma trupe que itinerava pelos sertões. Basicamente são um anão, uma mulher barbada, um idiota e uma cobra, essas figuras são, de certa maneira, um retrato do que era legado e possibilitado àqueles que são diferentes: tornarem-se membros grotescos e/ou cômicos em um circo. Por tal motivo sua própria existência se dá em paralelo dos desvalidos de Canudos, especialmente o Beatinho e o Leão de Natuba, que apesar de suas diferenças encontrarão outro caminho, o da fé. Vargas Llosa cria aqui uma analogia com os despossuídos e deficientes sectários de Antônio Conselheiro, o que dialoga diretamente com Euclides, que destaca as características físicas de suas personagens como prenúncio de seus adjetivos psíquicos³¹. O palimpsesto é de paralelismo. *Os sertões* não se refere diretamente, em nenhum momento, a qualquer tipo de circo, porém a exclusão (pela sociedade, não pelo beato) de diversas personagens devido a suas características físicas apontam que apenas em espetáculos circenses (comuns na região nesse período) esses indivíduos encontrariam aceitação, como bem mostra a história do Leão de Natuba, *Elemento Añadido* por Vargas Llosa a sua narrativa. O apelido dessa personagem já revela sua deformidade física singular, ele não conseguia andar sobre as pernas, e para isso utilizava-se também das mãos, como um quadrúpede, além disso, tinha uma cabeça enorme. Era inteligente e aprendera a ler e escrever sozinho, o que possibilitou-lhe ser o escriba oficial do Conselheiro, no entanto, antes de encontrar o líder religioso, sua vida não era fácil. Em Natuba, seu vilarejo natal, o Leão sofria diversas iniquidades, “certa vez os irmãos mais velhos do escriba foram salvá-lo na base de facadas e pauladas de um grupo de homens que, excitados pela cachaça, untaram o Leão de melaço, depois o arrastaram no lixo e o levaram assim pelas ruas, na ponta de uma corda, como animal de espécie desconhecida” (VARGAS LLOSA, 1981, p. 103)³². Porém o que ocorreu-lhe de mais grotesco foi justamente o

³¹ Moreira César, por exemplo, recebe a seguinte descrição “um tórax desfibrado sobre pernas arcadas em parênteses – era organicamente inapto para a carreira que abraçara” (CUNHA, 2016, p. 274), além de possuir um porte “desgracioso e exíguo”, “ombros de adolescente” e “organização fragílissima”. Essas características já prenunciavam, para Euclides, seu destempero emocional, sua volatilidade e seu desequilíbrio no comando da Campanha, atributos que lhe levariam não apenas a agir de modo passional durante a expedição, mas também a arriscar-se de modo irracional na batalha, o que levou à sua morte prematura.

³² uma vez los Hermanos mayores se lanzaron a cuchillazos y palazos a rescatar al escriba de una partida de vecinos que, excitados por la cachaça, lo habían bañado em melaza, revolcado

contato com o circo do Cigano, o mesmo do qual as personagens circenses supracitadas são remanescentes. Tal atração

Passava por Natuba duas vezes por ano, com sua caravana de monstros: acrobatas, adivinhadores, cantadores, palhaços. O Cigano, numa dessas vezes, pediu ao domador de potros e a dona Gaudência [seus pais] para levar o Leão consigo e transformá-lo num homem de circo. “Meu circo é o único lugar do mundo onde ele não vai chamar a atenção”, disse, “e se tornará útil”. Concordaram. Ele então o levou, mas uma semana depois o Leão tinha fugido e estava de novo em Natuba. Desde então, toda vez que o circo do Cigano aparecia, ele evaporava³³ (VARGAS LLOSA, 1981, p. 102).

O único espaço adequado, no mundo, para essa personagem, era o circo, lugar que repugnava. Até que um dia, após acusarem o Leão injustamente de feitiçaria, chegou a Natuba o Conselheiro, que o livrou das chamas em que queimaria por supostamente ter enfeitiçado uma jovem. A partir de então ele encontrou um lugar onde podia viver, tornou-se seguidor do Conselheiro e o acompanhou até o fim, tornando-se escriba do líder religioso. Já o Beatinho aparece na narrativa euclidiana como o braço direito do Conselheiro, era uma “figura ridícula, Antônio Beato, mulato espigado, magríssimo [...] contemplava-o [ao Conselheiro] com o olhar diluído de um faquir em êxtase” (CUNHA, 2016, p. 189), essa referência a este tipo específico de asceta, que comunga com a pobreza e com as privações e que enfrenta os sofrimentos físicos sem agonia já mostra muito do material que Vargas Llosa utiliza em sua personagem, sem contar que muitos faquires também vivem de exhibir sua suposta indiferença à dor ao público, em apresentações muitas vezes circenses, o que já é uma referência ao que expomos aqui. Em *A guerra do fim do mundo* o Beatinho aparece como um órfão magérrimo que sobreviveu a umas das secas mais cruéis já vistas alimentando-se com “uma dieta de ar e orações”³⁴ (VARGAS LLOSA, 1981, p. 20). Ainda criança ele descobre uma forte vocação religiosa, porém foi advertido pelo padre que não poderia

en un basural y lo paseaban por las calles al cabo de una cuerda como animal de especie desconocida.

³³ Pasaba por Natuba dos veces al año, con su caravana de monstruos: acróbatas, adivinadores, troveros, payasos. El Gitano, en una de esas veces, pidió al amansador de potros y a la Doña Gaudencia que le permitieran llevarse al León para hacer de él un cirquero. “Mi circo es el único sitio donde no llamará la atención”, les dijo, “y se hará útil”. Ellos consintieron. Se lo llevó, pero una semana después el León se había escapado y estaba de nuevo en Natuba. Desde entonces, cada vez que aparecía el Circo del Gitano, él se volatilizaba.

³⁴ Com dietas de aire y plegarias.

servir à Igreja por ser “filho natural”³⁵, o que lhe causa grande sofrimento. Porém essa angústia encontra fim quando encontra seu lugar como ajudante de Antônio Conselheiro. Aos desnaturados e párias, Belo Monte aparece fúlgida, é o local onde todos são aceitos desde que tenham fé, no circo também estes excluídos teriam lugar, mas como atrações monstruosas e bizarras. O Conselheiro é um líder porque dá lugar aos excluídos do sertão, como se já não o fossem todos pelo simples fato de viverem ali, distantes da “civilização”, em uma vivência “bárbara”. No entanto a empatia, generosidade e o sentido de comunidade que convivem em Canudos apontam para uma experiência muito mais humana do que a possível na civilização litorânea, e o Leão de Natuba, enquanto elemento acrescentado por Vargas Llosa à narrativa, destaca essa questão. A natureza agregadora do guia de Canudos é o que lhe permite receber o Leão de Natuba de braços tão abertos quanto o faz para receber o cangaceiro Pajeú ou Maria Quadrado, a filicida de Salvador. Em Belo Monte a fé é a única regra, e nesse sentido é tão estreita que chega ao fanatismo.

Para além desses núcleos temos a participação de duas importantes personagens, *elementos añadidos* por Vargas Llosa em um palimpsesto indireto, com vistas a explicitar as questões que deseja trabalhar com sua história: Galileo Gall e o Jornalista míope. Possivelmente estes dois são as figuras que mais se movimentam pelos diferentes cenários da narrativa, sendo o periodista o único que conhece de perto todos os núcleos mencionados: ele começa trabalhando no jornal republicano de Epaminondas Gonçalves, onde conhece de perto a política do período, depois se junta ao exército na campanha contra Canudos e, numa ação inesperada, se perde da armada, encontra o circo e segue com eles até Belo Monte, conhece o arraial por dentro e, por fim, consegue sair ileso, vai conversar com o Barão de Canabrava para pedir emprego e ali realizam uma profunda reflexão sobre o que foram os acontecimentos de Canudos. Já Galileo Gall é um fanático, um títere nas mãos de suas ideologias científicas e teleológicas, que jamais o permitem ver as coisas como elas são, de modo que se embrenhará e morrerá a tentar ajudar os canudenses por causa de uma percepção totalmente equivocada, de que os sertanejos lutavam pelo fim da sociedade de classes. Dada a importância dessas duas personagens nos deteremos melhor a analisá-las, ambas refletem, em grande parte, a visão de fins do XIX acerca da dicotomia entre civilização e barbárie que organizaria a sociedade, sendo que o periodista chega, por fim, a

³⁵ Expressão em desuso nos dias atuais, refere-se aos filhos de pais não casados.

questionar tais pontos. Também faremos um estudo sobre o Barão de Canabrava, figura que consegue fazer uma das mais argutas análises sobre o que se passou em Canudos e cujos atos esclarecem grande parte dos desenvolvimentos da política durante tal período, além de borrar as polarizações entre civilização e barbárie que poderiam se dar a partir da visão de um coronel latifundiário do interior do sertão.

5.1 GALILEO GALL

Galileo Gall é uma das personagens mais interessantes do romance e um dos melhores expoentes do *Elemento Añadido* que o autor peruano utiliza em *A guerra do fim do mundo*. Vargas Llosa usa as impressões desta personagem sobre o Brasil para ensinar ao leitor que não conhece o país questões que sejam importantes para a narrativa. Além disso, ele é uma peça chave da história, já que

Cego por seu idealismo recalcitrante, vê em tudo que faz o líder messiânico uma inequívoca intenção revolucionária. Fanático a seu próprio modo como o são o Conselheiro e Moreira César, Galileo Gall encarna até certo ponto, na luta revolucionária de sua época, o mesmo espírito exaltado do milenarismo que o conselheiro vem a encarnar com a religião. Assim, a distância entre o santo e o rebelde [...] não é tão grande como se supõe (BERNUCCI, 1989, p. 105).

Gall aparece na história como um homem decidido, ele nos é apresentado na sede do Jornal de notícias tentando publicar um anúncio em que convoca “os amantes da justiça a um ato público de solidariedade com os idealistas de Canudos e com todos os rebeldes do mundo”³⁶ (VARGAS LLOSA, 1981, p. 19). O anúncio, obviamente, jamais poderia ser publicado naquele jornal, cujo dono era também chefe do Partido Republicano Progressista, o que demonstra ao mesmo tempo o desconhecimento do escocês acerca do funcionamento da política brasileira e a intrépida defesa que faz de seus ideais.

³⁶ los amantes de la justicia a un acto público de solidaridad con los idealistas de Canudos y con todos los rebeldes del mundo.

Posto isso, Vargas Llosa nos apresenta a origem de Gall, filho de um dos discípulos do fundador da frenologia³⁷, entusiasta do materialismo e da ciência, Galileo Gall herda as crenças científicas do pai e acredita também no anarquismo, assim ele roda o mundo em defesa da revolução e do fim da sociedade de classes: “O escocês inculcou no filho, desde que esse fez uso da razão, um preceito simples: a revolução vai libertar a sociedade dos seus flagelos e a ciência vai libertar o indivíduo dos seus males. Galileo dedicou toda a existência a lutar por ambas”³⁸ (VARGAS LLOSA, 1981, p. 25). O próprio nome do europeu denota as intenções do escritor, pois nos informa que esse nome não é real, mas foi escolhido, ou seja, há um motivo específico para a escolha de sua nomenclatura: Galileo Gall é uma referência direta a Galileo Galilei, considerado o pai da ciência moderna, e Gall é o sobrenome do pai da frenologia, de modo que esta alcunha congrega toda a ciência que a personagem quer encarnar, e que acaba chegando ao cientificismo e à pseudo-ciência.

Em sua estadia no Brasil Gall chegou a conhecer vários recantos do país, mas sempre voltou a Salvador, de onde enviava cartas ao jornal anarquista *L'étincelle de la révolte* e dissertava sobre a convivência, nesta cidade, de distintas “etapas” da humanidade. Além disso, Gall acreditava que as injustiças de Salvador eram tão gritantes que por si demonstravam a grande revolução que logo deveria surgir. Apesar disso, aqueles que realmente o conheceram na capital baiana tinham menos fé em suas crenças e nele próprio, o viam como um “solitário, exótico, enigmático, original, de palavras e ideias incendiárias mas de conduta inofensiva”³⁹ (VARGAS LLOSA, 1981, p. 42). Em suas cartas Gall minimizava a religiosidade dos canudenses e destacava aquilo que enxergava como provas de sua vocação revolucionária: “Que um grupo de explorados tenha se apropriado dos bens de um aristocrata sempre soa bem aos ouvidos de um revolucionário, ainda que esses pobres sejam [...] fanáticos religiosos”⁴⁰ (Op. Cit. p. 54).

Determinado a ajudar os canudenses, Gall aceita uma proposta para cruzar o sertão e levar aos revoltosos uma carga de armas. Esse será o mote que o deixará

³⁷ Teoria criada pelo médico austríaco Franz Joseph Gall, que acreditava ser possível determinar o caráter de uma pessoa através da análise do formato de sua cabeça. Ver mais em: <http://www.cerebromente.org.br/n01/frenolog/frenologia.htm>.

³⁸ La revolución libertará a la sociedad de sus flagelos y la ciencia al individuo de los suyos. A luchar por ambas metas había dedicado Galileo Gall su existencia.

³⁹ solitario, exótico, enigmático, original, de palabras e ideas incendiarias pero de conducta inofensiva

⁴⁰ Que un grupo de explotados se ha apropiado de los bienes de un aristócrata siempre suena grato a los oídos de un revolucionario, aun cuando esos pobres sean [...] fanáticos religiosos

perdido no sertão em busca de Canudos e cujo desfecho será sua morte e um intento inconcluso. O período em que Gall vaga pelos meandros do sertão serve de motivo para Vargas Llosa nos apresentar, através dos olhos dessa personagem tanto um universo novo, das gentes sertanejas que vivem à margem tanto do sistema político brasileiro, quanto das ideologias européias como as que professava Galileo Gall.

A verdade é que as preocupações com a ciência se colocam como enganadoras e fúteis diante das necessidades que a realidade do sertão impõe à sobrevivência daqueles que por ali vivem ou vagam. Em determinado momento da história Galileo Gall, perdido pelo sertão, encontra um famélico grupo circense (o mesmo que já citamos, que antes era liderado por um homem chamado Cigano) e passa a buscar Canudos junto a tal trupe. Essa caravana para então na minúscula cidade de Santo Antônio, onde os circenses iniciam um espetáculo afim de arrecadar víveres. No entanto os espectadores não se encontram em melhor situação que os artistas, pois eram “esqueletos humanos, de idade e sexo indefiníveis, a maioria com caras, braços e pernas comidos por gangrenas, feridas, brotoejas, espinhas”⁴¹ (VARGAS LLOSA, 1981, p. 225). Apesar da situação deplorável dos moradores a trupe mantém o espetáculo, pois precisa conseguir algo, precisa sobreviver. Gall, consternado com a situação daquelas pessoas interrompe o espetáculo em um arrebatamento revolucionário: “- Não percam a coragem irmãos, não sucumbam diante do desespero. [...] Estão assim porque não comem [...] porque são pobres. O seu mal se chama injustiça, abuso, exploração. [...] rebelem-se, como os seus irmãos de Canudos”⁴² (Op. Cit. p. 226). O arroubo não encontra eco entre a plateia atônita, até porque o desespero dos circenses impede Gall de continuar, a mulher barbada o sacode e vocifera: “- Burro! Burro! Ninguém está entendendo nada! Você está deixando-os tristes, entediados, assim não vão nos dar nada de comer! Toque nas cabeças deles, diga o seu futuro, qualquer coisa, para que fiquem contentes!”⁴³ (Op. Cit. p. 226). Quão inútil torna-se o cientificismo de Gall diante da luta pela sobrevivência nos sertões. Quão tola soa sua crença na inevitável libertação dos seres humanos que se levantariam contra as injustiças da sociedade de classes. As ciências são vãs diante do panorama de privações que os assola. Nesse cenário, a frenologia só teria utilidade

⁴¹ Esqueletos humanos, de edad e sexo indefinibles, la mayoría com las caras, los brazos y las piernas comidos por gangrenas, llagas, sarpullidos, granos

⁴² - No perdáis el valor, Hermanos, no sucumbáis a la desesperación. [...] Estáis así porque no coméis, [...] porque sois pobres. Vuestro mal se llama injusticia, abuso, explotación. [...] rebelaos, como vuestros hermanos de Canudos

⁴³ ¡Estúpido! ¡Estúpido! ¡Nadie te entiende! ¡Los estás poniendo tristes, los estás aburriendo, no nos darán de comer! ¡Tócales las cabezas, diles el futuro, algo que los alegre!

como atração circense, como espetáculo que possibilitaria aos presentes saber mais sobre seus futuros. Vargas Llosa, coloca as crenças desse homem em pé de igualdade com o misticismo e o esoterismo que ele tanto repugna, a frenologia de Gall tem a mesma importância que os conhecimentos de uma cigana capaz de ler as mãos de alguém para dizer-lhe o porvir. Tal paralelo chega a parecer cruel, mas mostra o que realmente tornou-se essa “ciência”, um apêndice no livro dos piores equívocos já realizados pela humanidade.

Seu destino cruzará o de Jurema, personagem que representa o sertão. Sua família e sua vida são nordestinas, ela representa o sertão mais profundo, aquele que nem Galileo Gall nem o jornalista míope jamais conheceriam se não fossem as decorrências singulares desta narrativa. A representatividade desta mulher é muito ampla dentro deste contexto, visto que Jurema é também o nome de várias plantas comuns na região, cuja árvore é um alento aos sertanejos e cujo suco é utilizado inclusive em rituais místicos. Euclides se refere às Juremas como as plantas “prediletas dos caboclos”. É justamente essa mulher que leva o paralelismo entre as ideias do europeu e o misticismo a seu ápice, ela faz isso ao lembrar o dia que conheceu Gall: “ele apalpou a cabeça de Rufino e leu os seus segredos, como o bruxo Porfírio lia nas folhas de café e dona Cacilda numa tigela cheia d’água”⁴⁴ (Op. Cit. p. 294).

Outro importante estranhamento vivido por Gall em suas andanças pelo sertão diz respeito ao enfrentamento que este tem com o rastreador sertanejo Rufino. Em um momento de fúria e confusão Gall estupra Jurema, esposa de Rufino, o que desencadeia uma busca obcecada do rastreador pelo escocês, a fim de matá-lo para lavar sua honra. Gall se esforça, mas não consegue compreender a obstinação de Rufino:

Isso é o que não entendo, pensou Gall, haviam falado outras vezes do mesmo assunto, e ele continuava na ignorância. A honra, a vingança, essa religião tão rigorosa, códigos de conduta tão exigentes, como explicar tudo isso neste fim do mundo, entre gente que só possuía seus farrapos e os piolhos que tinha no corpo? A honra, o juramento, a palavra, esses luxos e brincadeiras de ricos, de desocupados e parasitas, como entender essas coisas aqui?⁴⁵ (VARGAS LLOSA, 1981, p. 222).

⁴⁴ el forasteiro palpó una vez la cabeza de Rufino y le leyó sus secretos, como el brujo Porfírio los leía en las hojas de café y doña Casilda en una vasija llena de agua

⁴⁵ Eso es lo que no entiendo, pensó Gall. Habían hablado otras veces de lo mismo y siempre quedaba él en tinieblas. El honor, la venganza, esa religión tan rigurosa, esos códigos de conducta tan puntillosos ¿cómo explicárselos en este fin del mundo, entre gentes que no tenían

A obsessão permite a Rufino conseguir seu intento (justamente quando Gall já estava quase alcançando Canudos), e durante o confronto corporal com Galileo Gall o escocês se perde em devaneios, ainda incrédulo diante de uma obstinação tão grande por conta de algo que ele considera tão pequeno. Preconceituoso! Insensato! Vaidoso! Teimoso! - gritou, quase sufocado. Eu não sou seu inimigo, seus inimigos são aqueles que tocam essas cornetas. Não está ouvindo? Isto é mais importante que o meu sêmen, que a boceta da tua mulher, onde você imagina que está a sua honra, feito um burguês imbecil”⁴⁶ (VARGAS LLOSA, 1981, p. 283). Porém, Rufino sequer consegue compreender a fala de Gall, posto que o escocês está tão desconcertado com o que considera absurdo nessa situação que acaba, sem perceber, falando em inglês. A incompreensão é total.

Neste ponto Vargas Llosa questiona frontalmente a moralidade do sertanejo que Euclides da Cunha com tanto empenho dedicou-se a apontar como retrógrada. A vida no sertão não se resume a sobrevivência, os homens dali não estão apenas ocupados em sobreviver. Há muito mais por trás das aparências de rusticidade e simplicidade do que pode parecer. Os códigos de honra do homem sertanejo são estritos, tanto ou mais do que aqueles seguidos pelo exército republicano. Outro aspecto desconstruído a partir deste tópico da história diz respeito à suposta promiscuidade que Euclides afirma reinar em Canudos. O escritor peruano questiona esta questão através de dois vieses. O primeiro diz respeito à selvageria sexual recorrente dos homens que não são sertanejos ou canudenses. O supracitado caso do estupro de Jurema por Galileo Gall (branco europeu, de “gens nobres”) mostra essa questão, mas há outro abuso na narrativa, dois soldados do regimento de Moreira César (da terceira expedição) violam uma garota sertaneja. Para que sirva de exemplo o coronel manda açoitar os dois homens e tenta revestir o ato de grandeza republicana: “Estamos aqui para proteger a população civil, não para competir com os bandidos. O próximo caso de estupro será castigado com pena de morte”⁴⁷ (VARGAS LLOSA, 1981, p. 218). O discurso de Moreira César tem função apenas retórica, visto que de pronto ele se esquece da menina e do estupro, dispondo-se a falar acerca das últimas informações que obtiveram acerca de Canudos. A

más que los harapos y los piojos que llevaban encima? La honra, el juramento, la palabra, esos lujos e juegos de ricos, de ociosos y parásitos ¿cómo entenderlos aquí?

⁴⁶ Tradução do original: ¡ Prejuicioso! ¡ Insensato! ¡ Vanidoso! ¡ Terco! - gritó, ahogándose. No soy tu enemigo, tus enemigos son los que tocan esas cornetas. ¿ No las oyes? Eso es más importante que mi semen, que el coño de tu mujer, donde has puesto tu honor, como un burgués imbecil

⁴⁷ Estamos aquí para proteger a la población civil, no para competir con los bandidos. El próximo caso de violación será castigado con pena de muerte.

depravação e a desonra aparecem, diferentemente do que seria de se esperar pelos cientificistas daquele tempo, entre os soldados da República, não entre os sertanejos.

O segundo questionamento à suposta moral retrógrada e promíscua que reinaria em Canudos se relaciona ao respeito que Pajeú nutre por Jurema ao apaixonar-se por ela. Se Jurema sofreu um estupro nas mãos de Galileo Gall, um homem que, segundo as palavras euclidianas, teria “gens nobres”, a lógica permitiria inferir que um “retrógrado” lhe faria um mal muito maior. Pois bem, não é o que ocorre. Assim que se conhecem Pajeú passa a proteger Jurema, sempre com o máximo de deferência possível, e quando alude a seu desejo de ter algo mais com a sertaneja ele é extremamente educado e lhe pede: “Com todo respeito – murmurou – Quero que seja minha mulher”⁴⁸ (Op. Cit. p. 414). Além disso, o sertanejo afirma que cuidaria dos amigos dela (neste momento: o Anão e o Jornalista Míope) como se fossem seus filhos, pede permissão ao Conselheiro para casar-se e, ainda por cima, pede desculpas afirmando que diante da guerra teriam que esperar para se casarem após o conflito. As ações de Pajeú com relação a Jurema são muito mais dignas e honrosas do que as de Galileo Gall, o homem branco, e extremamente nobres quando colocadas em paralelo com as ações dos soldados republicanos.

Galileo Gall carrega em seu pensamento todos os preceitos cientificistas que Euclides possuía, sendo que sua frustração ao ver suas crenças ruindo ao longo da narrativa também refletem, de algum modo, a experiência através do qual aqueles modelos científicos foram colocados à prova, sendo então reprovados. Para Vargas Llosa esses pontos são muito claros, visto que escreve cerca de 80 anos após Euclides, mas já para o escritor brasileiro muitas dessas questões se colocavam, sem que esse conseguisse, visto a proximidade temporal, realizar uma síntese. De modo que os paradoxos que inundam e enriquecem *Os Sertões* comprovam um homem efetivamente preocupado com rumos de sua sociedade, mas sem alcançar as mudanças que adviriam posteriormente. O determinismo racial euclidiano choca-se com a força, valentia, heroísmo e astúcia demonstrada pelos sertanejos durante a luta contra os exércitos republicanos. Já na história vargallosiana, Galileo Gall carrega o mesmo cientificismo que Euclides, levando-o a desperceber as nuances daquele conflito que estava para além da compreensão de ciências que quisessem determinar a priori seus rumos, razões, finalidades e fins.

⁴⁸ Com todo respeto – murmuró – Quiero que sea mi mujer.

A Guerra do fim do mundo é um livro que se produz em uma intertextualidade explícita com *Os sertões*. Por isso a inclusão de uma personagem que não faz parte da história escrita por Euclides - caracterizando o *Elemento Añadido* - desvenda muito das intenções de Vargas Llosa. Galileo Gall se coloca como o elo entre Canudos e a América Latina da década de 70, ele representa o revolucionário de esquerda que, preso em convicções apreendidas nos livros, jamais consegue entender verdadeiramente o que se passa na realidade. “É preciso destacar que o romance não se limita simplesmente a criticar Galileo Gall, mas nela há considerável desprezo e decepção em relação ao tipo de atitude revolucionária que o personagem incorpora”⁴⁹(BERNUCCI, 1989, p. 108). As fraquezas e imperfeições de Gall são a crítica de Llosa aos revolucionários de seu tempo, feitas exatamente quando o autor abandona o socialismo. Elas remetem diretamente à impossibilidade de apreensão do mundo a partir de conceitos teóricos pré-definidos e, mais do que isso, remetem à impossibilidade de aplicar modelos criados na Europa para a América Latina, cuja singularidade não pode ser entendida sem um mergulho profundo em seus matizes.

Quando Vargas Llosa se apropria da história de Canudos tendo por base *Os sertões* ele joga com as ambiguidades e tergiversações que Euclides da Cunha já apresentava com relação à Civilização e Barbárie, mesmo que o autor brasileiro o fizesse de modo sutil, o escritor peruano utilizará as brechas e as possibilidades deixadas por Euclides para ampliar e aprofundar aqueles apontamentos.

Conquanto o determinismo de Euclides apresentava o europeu branco como portador de “gens nobres” e evoluídas, Vargas Llosa, em sua realidade ficcional, coloca esse conceito à prova. O homem branco, científico e racional fica frente a frente com o sertanejo “bronco” e “retrógrado” e o que vemos é que a honra, a coragem, a engenhosidade e a moral, características básicas do que se poderia entender por Civilização, estão muito mais patentes no segundo que no primeiro, como se poderia inferir a partir das teorias científicas do tempo de Euclides. Ao mesmo tempo, a barbárie é alocada, e aí temos uma convergência entre os dois autores, no espectro do exército republicano, que é violento, grotesco, vil, impetuoso (no sentido de não se pautar na racionalidade, principalmente nas três primeiras expedições) e covarde.

⁴⁹ Es preciso señalar que la novela no se limita simplemente a criticar a Galileo Gall sino que en ella se observa un considerable desprecio y desengaño hacia el tipo de actitud revolucionaria que encarna el personaje.

Galileo Gall, ao estuprar Jurema, também se mostra portador da mais profunda barbárie, com um agravante: o cientificismo no qual acredita faz com que não consiga compreender profundamente o aspecto e o teor da violência que cometeu contra a mulher e seu marido. Para ele aquilo é algo tolo e desimportante, um contratempo diante das “grandes coisas” que estão acontecendo e pelas quais está lutando, como o fim da sociedade de classes. As ideias de Gall o tornam um tipo específico de personagem, a que Vargas Llosa chama fanático, um homem cujas ideias impedem de ver a barbaridade dos próprios atos, seu racionalismo se transforma em uma desculpa para sua barbárie, e quando, em decorrência de suas ações, ele é atacado (por Rufino, marido de Jurema que quer se vingar), o europeu considera absurda tal ação, afinal de contas, quem há de pensar em honra quando o que está em pauta é a mudança e a evolução da sociedade? O fanatismo de Gall o leva à cegueira quase absoluta.

5.2 JORNALISTA MÍOPE

Outro representante do *Elemento Añadido* que povoa o livro de Vargas Llosa é o chamado Jornalista Míope, um homem que surge inominado ao longo da história, sempre designado pela alcunha supracitada. Esta personagem é uma representação ficcional do próprio Euclides da Cunha, que aparece em *Os sertões* apenas como narrador e que em *A guerra do fim do mundo* surge personificado, cheio de metáforas e com uma importante função dentro da trama.

Euclides da Cunha é talvez o primeiro intelectual brasileiro a refletir sobre o massacre que houve em Canudos. [...] Então ele faz algo que para mim é incrível, é um esforço de compreensão, um ato fundamentalmente intelectual, que muitos intelectuais não fazem nunca. Um esforço de compreensão do que realmente aconteceu e das razões para que todo um país ficasse cego de tal forma que acabasse acontecendo esta guerra. E então escreve este livro extraordinário. Bem, então, no jornalista míope, de uma forma muito geral, é o que eu quis mostrar, esta evolução. O jornalista míope não entende nada, não vê nada no princípio. Mas, aos poucos, entre todos os que vivem a tragédia, ele aprende uma lição, ele tira um ensinamento (VARGAS LLOSA, 2010).

A análise da personagem Jornalista Míope é interessante para os objetivos aqui propostos porque explicita a relação entre as duas obras aqui estudadas e porque a ficcionalização de Euclides, na obra de Vargas Llosa, é utilizada para marcar dois momentos distintos não só do jornalista míope em si, mas de toda uma sociedade que, armada com a bandeira da civilização, acabou por descobrir, no anverso desta flâmula, a barbárie. E essa descoberta se dá, em grande parte, graças à obra *Os sertões*. É neste livro que Euclides mostra-se despido da ideologia (Vargas Llosa diria fanatismo) que o impedia de enxergar a realidade.

Na vida real o escritor brasileiro só repensa acerca de sua visão após uma longa reflexão, mas na ficção as coisas são mais rápidas e o jornalista míope já percebe seus desacertos durante o próprio conflito, quando presencia as ações bárbaras dos republicanos *in loco*. Daí que o uso do *Elemento Añadido* feito por Vargas Llosa com relação ao Jornalista Míope diverge essencialmente do trabalho realizado com Galileo Gall. Se a vivência deste último ao longo da narrativa surge quebrando uma série de pressupostos cientificistas que aparecem explícitos em *Os sertões*, no caso do periodista Vargas Llosa traz à luz o próprio autor do livro, tirando-o da implicitude do processo e explicitando-o enquanto personagem importante daquela história, o que representa inclusive a própria trajetória da obra euclidiana, que tornou-se tão importante quanto o próprio conflito que se propõe a narrar.

No livro de Vargas Llosa o jornalista míope é apresentado como um homem permanentemente doente, de compleição física fraca, que usa óculos espessos para a miopia e cuja mania de escrever com pena de ganso ao invés de usar as de metal gera piadas entre seus companheiros (mania essa que seria uma referência ao estilo exuberante de Euclides). Em uma de suas primeiras aparições na narrativa ele se encontra trabalhando no jornal tarde da noite: “quando o jornalista míope põe o ponto final na sua crônica e, rápido, atravessa o amplo salão e entra no escritório, encontra o chefe do Partido Republicano Progressista de olhos abertos, à sua espera”⁵⁰(VARGAS LLOSA, 1981, p.129). Observemos que Vargas Llosa poderia ter dito que o jornalista míope entra na sala do dono do jornal ou apenas na sala do chefe, porém ele opta por dizer “chefe do Partido Republicano Progressista”. Essa escolha do autor nos revela algumas questões importantes: primeiro que o jornal apresentado definitivamente não é

50 “Pero cuando el periodista miope pone punto final a su crónica y, rápido, cruza la amplia sala y entra a su despacho, encuentra al jefe del Partido Republicano Progresista con los ojos abiertos, esperándolo.

neutro, muito pelo contrário, ele é uma máquina de propaganda a serviço do Partido Republicano, visto que o chefe das duas instituições é a mesma pessoa; segundo, o jornalista míope, como funcionário, obviamente há de escrever segundo as orientações ideológicas da empresa, o que nas páginas seguintes é mostrado através da própria matéria escrita pelo jornalista; terceiro: que o jornalista míope, diante de tal contexto, atua da mesma forma como o fez Euclides da Cunha em “A nossa Vendéia”, ou seja, exaltando a república e atacando, em suas matérias, os revoltosos “monarquistas” de Canudos.

As decorrências da narrativa levam o jornalista a deixar o ambiente da redação e acompanhar o exército em sua terceira expedição (detalhe: Euclides da Cunha só acompanhará a quarta e última expedição) contra Canudos, capitaneada pelo supracitado Coronel Antônio Moreira César, o “corta-cabeças”. O jornalista míope acompanha de perto a ação do exército mas em uma dessas reviravoltas, que somente a ficção pode proporcionar, ele acaba bem no centro do conflito. Através de uma série de coincidências esse jornalista atrapalhado chega ao arraial de Canudos e vai conviver com a população de bárbaros religiosos e monarchistas que, até então, em suas colunas jornalísticas, ele vinha atacando. É justamente nesse processo de conhecer Canudos que a visão do jornalista míope começa a mudar, e Vargas Llosa nos mostra isso metaforicamente:

O espirro é tão imprevisível que não tem tempo de levar as mãos ao rosto, de segurar os óculos: saem voando e ele, curvado pela salva de espirros, ouve claramente o barulho que fazem nas pedras. Assim que pode, fica de cócoras e apalpa em volta. Encontra-os imediatamente. Agora sim, ao tocar e sentir que as lentes estão em pedaços, retorna o pesadelo da noite, do amanhecer, de instantes atrás. [...] Não vejo nada, eu lhes imploro. Sente na mão direita uma mão que só pode ser - pelo tamanho, pela pressão - da mulher descalça. Ela o puxa, sem dizer nada, orientando-o nesse mundo subitamente inacessível, cego⁵¹ (VARGAS LLOSA, 1991, p. 295)

51 El estornudo le toma tan desprevenido que no tiene tiempo de llevarse las manos a la cara, de atajar sus anteojos: salen despedidos y él, doblado por la ráfaga de estornudos, está seguro de oír el impacto que hacen al chocar contra los guijarros. Apenas puede, se acucilla y manotea. Los encuentra al instante. Ahora sí, al palparlos y sentir que los cristales se han hecho añicos, retorna la pesadilla de la noche, del amanecer, de hace un momento. [...] No veo nada, les suplico. Siente en su mano derecha una mano que sólo puede ser - por su tamaño, por su presión - la de la mujer descalza. Tira de él, sin decir una palabra, orientándolo en ese mundo de pronto inaprensible, ciego

Até conhecer Canudos de perto o jornalista míope defende a República, depois as coisas vão mudar (como ocorre com Euclides da Cunha). Na narrativa de Vargas Llosa o jornalista chega a Canudos assim que seus óculos se quebram e ele fica totalmente dependente da ajuda de uma sertaneja. Dois pontos essenciais da citação acima e suas decorrências ao longo do livro podem ser assim resumidos: os óculos representam as lentes ideológicas do jornalista, que atribui a tudo que vê um sentido mediado por tal sistema de valores, quando essas lentes se quebram ele passa a ver a realidade como ela realmente é. O segundo ponto se refere à vivência que o jornalista terá a partir do momento em que se quebram seus óculos, visto que é praticamente cego, sua existência dependerá quase que totalmente da ajuda de terceiros, essencialmente Jurema, que o toma pela mão e o guia.

Então, guiado por Jurema e livre de suas lentes ideológicas o jornalista míope vai conhecer, por dentro, Canudos. Lá ele compreende que grande parte daquilo que ele acreditava é falso. Não há monarquismo algum no arraial e muito menos a presença de agentes ingleses auxiliando os revoltosos a conseguir o fim do regime republicano. O que ele encontra, e o surpreende, é uma turba de despossuídos, homens, mulheres e crianças famélicos vivendo em um regime comunal e solidário enquanto resistem, baseados em sua fé cristã e no Conselheiro, aos ataques de uma República armada com canhões e fuzis. Fica-lhe claro então que aquela guerra não faz sentido e que os soldados da civilização que ele defendia, na verdade, estavam agindo como portadores da barbárie. Vargas Llosa diz que o conflito é fruto de um “mal-entendido”, ou, mais especificamente, de uma cegueira causada pelos fanatismos⁵². Euclides em sua obra demonstra ter se livrado dessa cegueira, o livro vingador mostra as mazelas que aquele conflito gerou e exhibe claramente que o sucesso da República foi na verdade um revés: “a vitória tão longamente apetejada decaía de súbito. Repugnava aquele triunfo. Envergonhava. Era, com efeito, contraproducente compensação a tão luxuosos gastos de combates, de reveses e de milhares de vidas, o apresamento daquela caqueirada humana” (CUNHA, 2016, p. 543).

52 Não é nosso interesse aqui dissertar sobre as várias “cegueiras” que o autor peruano aponta em sua narrativa, porém faz-se necessário apontar que, assim como o jornalista míope em seu início, outras três personagens aparecem como fanáticas, ou seja, possuem lentes ideológicas que as inibem de enxergar a realidade tal qual ela é: Antônio Conselheiro acredita que a República é o anticristo; Moreira César acha que os fiéis de Canudos são na verdade monarquistas revoltosos que querem a volta do Império; e Galileo Gall vê em um arraial de religiosos a luta pelo fim da sociedade de classes.

Mas voltemos à história de Vargas Llosa: mesmo estando no centro do conflito o Jornalista Míope consegue, miraculosamente, sobreviver à guerra. E ao deixar o sertão e voltar à urbanidade ele já possui um novo ponto de vista. Essa nova visão nos é esclarecida ao longo da última parte do romance, quando o jornalista míope tem uma longa conversa com o Barão de Canabrava, a quem ele vai pedir emprego:

Li tudo o que se escreveu, o que eu escrevi. É uma coisa... difícil de explicar. Irreal demais, entende? Parece uma conspiração da qual todo mundo participava, um mal-entendido generalizado, total. [...] Hordas de fanáticos, sanguinários abjetos, canibais do sertão, degenerados da raça, monstros desprezíveis, escória humana, infames lunáticos, filicidas, aleijados da alma [...] Alguns desses adjetivos são meus. Não apenas os escrevi. Acreditava neles, também.

Vai fazer uma apologia de Canudos? - perguntou o Barão.⁵³ (VARGAS LLOSA, 1981, p. 341)

O jornalista míope reflete (assim como Euclides da Cunha ao voltar do sertão) sobre a guerra e conclui que todos os barbarismos atribuídos aos canudenses (inclusive por ele mesmo) não tinham eco na realidade, são “irreais”. A barbárie apresentada por jornalistas como ele foi construída sem assento na experiência vivida e essa invenção chegou a níveis tão absurdos que, tomados em retrospectiva, só podem parecer-lhe uma “conspiração total”. Tudo o que se disse nos jornais (representantes da civilização letrada) contra os canudenses (bárbaros iletrados em sua grande maioria) carecia de veracidade, somente possuindo sentido no bojo da construção de um discurso civilizatório profundamente balizado por teorias deterministas, cientificistas, evolucionistas e racialistas que se colocavam acima da própria realidade. Diante das colocações do jornalista o Barão ironiza sobre uma “apologia de Canudos”, o que é uma referência direta a *Os Sertões*, que em sua nota introdutória já afirma que a campanha contra Canudos foi um crime e que era necessário, portanto, o denunciar. A conexão é clara, tanto que o jornalista míope ainda promete fazer com que a história seja lembrada, “Não vou deixar que esqueçam - disse o jornalista, olhando-o com a dúbia firmeza do

53 He leído todo lo que se escribió, lo que escribí. Es algo... difícil de expresar. Demasiado irreal, ¿ve usted? Parece una conspiración de la que todo el mundo participara, un malentendido generalizado, total. [...] Hordas de fanáticos, sanguinarios abyectos, caníbales del sertón, degenerados de la raza, monstruos despreciables, escoria humana, infames lunáticos, filicidas, tarados del alma [...] Algunos de esos adjetivos eran míos. No sólo los escribí. Los creía, también. - ¿Va a hacer una apología de Canudos? - preguntó el Barón.

seu olhar. - É uma promessa que fiz a mim mesmo.”⁵⁴ (VARGAS LLOSA, 1981. p. 341). E quando o Barão lhe pergunta como ele realizaria esse intento sua resposta é firme: “Da única maneira que se conservam as coisas - ouviu o visitante grunhir. - Escrevendo.”⁵⁵ (VARGAS LLOSA, 1981. p. 341).

Nesta conversa reveladora entre o jornalista míope o Barão de Canabrava o primeiro conta da força e do heroísmo dos canudenses, que mesmo sem água ou comida ajudavam uns aos outros e sacrificavam suas vidas para conseguir apoiar a batalha. Além disso, o jornalista afirma que mesmo depois que o exército cercou Canudos e a derrota era certa, chegavam pessoas para se juntar à luta ao lado dos conselheiristas, o que, para o Barão, é absurdo:

Eram fanáticos - disse o barão, consciente do desprezo que havia em sua voz.
- O fanatismo faz as pessoas agirem assim. Nem sempre são motivos elevados, sublimes, que explicam o heroísmo. Também o preconceito, a estreiteza mental, as ideias mais estúpidas⁵⁶ (VARGAS LLOSA, 1991, p. 427).

Após a guerra o jornalista míope mudou sua visão, mas os demais representantes da Civilização, como o Barão de Canabrava, permanecem vendo os revoltosos como bárbaros (preconceituosos, estúpidos e de mentalidade estreita), mesmo diante de colocações e vivências contrárias. O barão se mostra inflexível à fala do jornalista, no entanto, após o sobrevivente de Canudos ir embora, ele reflete sobre os acontecimentos, suas certezas não mudaram, mas foram abaladas.

O Jornalista Míope, assim como Galileo Gall, também sente na pele a realidade a questionar o estatuto de suas verdades pré-concebidas e ditas científicas. A fé que possuía nessas ideias era tão grande que as divulgava nos jornais sem interrogar-se jamais acerca de sua veracidade. Seu esquema de pensamento era tão hermético que não concebia a possibilidade de erros. Daí quando estes “fanáticos, sanguinários abjetos, canibais do sertão, degenerados da raça, monstros desprezíveis, escória humana, infames lunáticos, filicidas, aleijados da alma” (Op. Cit. p. 341) se mostram na verdade pessoas comuns e corajosas a lutar contra as dificuldades do sertão e, também, contra

54 No permitiré que se olviden - dijo el periodista, mirándolo con la dudosa fijeza de su mirada - Es una promesa que me he hecho.

55 De la única manera que se conservan las cosas - oyó gruñir al visitante -. Escribiéndolas.

56 Eran fanáticos - dijo el Barón, consciente del desprecio que había en su voz -. El fanatismo mueve a la gente a actuar así. No son razones elevadas, sublimes, las que explican siempre el heroísmo. También, el prejuicio, la estrechez mental, las ideas más estúpidas.

um exército republicano, só lhe resta reconhecer o erro. O eixo se inverte e a sociedade civilizada da qual se julgava parte mostra-se monstruosa, com a face fanática, sanguinária abjeta e degenerada que só pode se identificar como barbárie.

Este Jornalista Míope é um *Elemento Añadido* que permite a Vargas Llosa nos mostrar o estranhamento que ocorre quando dois mundos distintos se encontram e as concepções pré-concebidas caem por terra. Se a ausência de diálogo entre as partes conflitantes foi o que levou a Guerra de Canudos a tornar-se um massacre, o conhecimento do outro, mesmo que póstumo, reclama ao menos uma apologia, e essa é a proposta de Euclides, a proposta final do Jornalista Míope e o pensamento de Vargas Llosa, que expande essa apologia para uma reflexão acerca de seu próprio momento histórico.

5.3 BARÃO DE CANABRAVA

Outra personagem de extrema importância para o romance de Vargas Llosa é o Barão de Canabrava, um aristocrata culto, nobre e elegante que é, também, um político monarquista de grande poder na Bahia. Este *Elemento Añadido* é um palimpsesto indireto utilizado pelo autor peruano para aprofundar a compreensão das questões políticas que deram força e tamanho ao conflito que se desenrolou em Canudos, sejam elas: as disputas políticas decorrentes de uma república recém instaurada, onde diversas oligarquias regionais perderam influência diante da ascensão do “café” como dono do poder no novo sistema político.

Apesar de o Barão ser uma personagem fictícia, é importante pontuar que ele foi inspirado em uma pessoa real, o fazendeiro, usineiro e político baiano Cícero Dantas Martins, mais conhecido como o barão de Jeremoabo⁵⁷:

⁵⁷ Apesar de Vargas Llosa ter se inspirado no Barão de Jeremoabo, grande parte da caracterização do Barão de Canabrava se deu a partir da inventividade do escritor, como ele mesmo diz. Em entrevista a Ricardo Setti (2011) o autor diz que chegou a conhecer a casa de um grande latifundiário do região de Canudos (sem esclarecer de quem era essa residência), e que isso o ajudou grandemente a entender o que seria a mentalidade de um “senhor feudal da época” (VARGAS LLOSA, 2011, p. 57). Algo que também poderia ter auxiliado o escritor peruano mas ao qual não teve acesso foram as cartas do Barão, porém estes documentos só vieram a público bem depois da escritura de *A guerra do fim do mundo*, trata-se do livro que reúne 70 cartas do Barão referentes a Canudos: SAMPAIO, Consuelo Novais. **Canudos: cartas para o Barão**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa oficial do Estado, 2001.

Nascido em 1838 na fazenda Caritá, no município de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins estudou direito no Recife. Foi sócio da primeira usina de açúcar da Bahia, no Engenho de Bom Jardim, no Recôncavo Baiano, que foi inaugurada em 1880 e lhe valeu o título de barão, concedido por D. Pedro 2º. Cícero Dantas Martins foi o maior proprietário de terras dos sertões [...] Tornou-se o chefe da região de Itapicuru e Jeremoabo, estendendo seu prestígio até Inhambupe e formando, segundo o folclorista Câmara Cascudo, uma "imensa teia que se articulava aos seus dedos e cobria léguas e léguas, numa sucessão de engenhos, fazendas, sítios, povoados". Era um típico coronel do sertão, que registrava as datas de nascimento, casamento e óbito dos amigos e desafetos, e percorria a cavalo todos os municípios sob seu comando. (VENTURA, 2000).

Apesar dessa inspiração, que facilmente poderia dar luz a uma personagem caricata, pode-se dizer que o Barão de Canabrava é uma das personagens mais sutis e bem construídas do romance. E isso não foi previsto, ocorreu durante o processo de escritura do romance:

O Barão de Canabrava... era bastante esquemático pra mim em uma primeira versão. Em um dado momento se tornou muito mais complexo que a simples função que cumpria ao ser latifundiário, caudilho, cacique. Inclusive em determinado momento, por suas características psicológicas e intelectuais, está em condições de entender melhor que os outros o fenômeno de Canudos. E isso não é algo que estava previsto, algo que o personagem mesmo me impôs.⁵⁸ VARGAS LLOSA, 1982, p. 27

O Barão possui diversas características que o tornam complexo: é lúcido, inteligente, flexível e sagaz, de modo que por diversas vezes se apresenta como um contraponto a personagens fanáticas como Galileo Gall, o Conselheiro ou o Coronel Moreira César. O Barão é a personagem mais perspicaz do romance, isso se deve, em grande parte, a seu grande poder de observação e a calma com a qual ele busca compreender as demais personagens do livro, sempre refletindo sobre suas ações de modo empático, sem jamais utilizar suas convicções de antemão, o que poderia borrar seu entendimento dos acontecimentos. A lucidez é a

⁵⁸ El Barón de Canabrava... era para mí bastante esquemático en una visión primera. En un momento dado se me volvió mucho más complejo que la simple función que cumplía al ser latifundista, caudillo, cacique. Incluso en determinado momento, por sus características psicológicas e intelectuales, está en condiciones de entender mejor que otros el fenómeno de Canudos. Y eso es algo que no estaba prescrito, algo que el personaje mismo me impuso.

principal característica do Barão de Canabrava - espécie de mentor intelectual dos monarquistas, dono de uma poderosa percepção política e de uma ironia que às vezes beira o cinismo. O Barão emerge na trama como alguém que, sendo também vítima dos fatos (perde a metade de sua riqueza com a guerra e a mulher enlouquece), está acima deles pelo seu equilíbrio/lucidez. (FERNANDES, 2002, p. 425).

A lucidez do Barão faz com que esta personagem consiga compreender Canudos de uma forma quase completa. E sua complexidade impede que ele seja apenas um representante de sua classe: a inteligência arguta do Barão permite que por diversas vezes ele consiga esclarecer os acontecimentos, tanto para si próprio como para o leitor. Essa capacidade é tão profunda que Fernandes (2002) chega a afirmar que esta personagem aparece no romance, por diversas vezes, como um *alter ego* de Vargas Llosa, essencialmente no que diz respeito à sua oposição aos fanatismos, tanto que o escritor chega a se utilizar do Barão para falar sobre seu próprio contexto, numa anacronia que nos esclarece sobre as intenções de Vargas Llosa: “Todas as armas valem - murmurou - esta é a definição desta época, do século vinte que está chegando, senhor Gall. Não é de estranhar que esses loucos pensem que o fim do mundo tenha chegado”⁵⁹ (VARGAS LLOSA, 1981, p. 242).

O diálogo entre o Barão e o Jornalista Míope, já na parte final do livro, é um dos mais esclarecedores sobre a história, primeiramente porque se dá em um momento em que o jornalista já está mudado, suas convicções cegas já caíram por terra e ele possui o viço da vivência e da experiência em Canudos; e, em segundo lugar, a conversa se torna profícua justamente pela capacidade de seu interlocutor de ouvir e tecer argutas considerações sobre os acontecimentos e suas decorrências. O Barão é o primeiro a notar o grande desentendimento da história de Canudos, “o mundo inteiro lhe pareceu vítima de um mal-entendido sem remédio” (VARGAS LLOSA, 1981, p. 243), mesmo assim suas considerações aos poucos vão se aprofundando, essencialmente durante esta conversa com o Jornalista Míope: “Loucura, mal-entendidos? Não basta, não explica tudo - murmurou o Barão de Canabrava. - Também houve burrice⁶⁰ e crueldade [...]

59 Todas las armas valem - murmuró - Es la definición de esta época, del siglo veinte que se viene, señor Gall. No me extraña que esos locos piensen que el fin del mundo ha llegado.

⁶⁰ Aqui optamos por deixar a tradução da supracitada edição da editora Alfaguara, que traduziu “estupidez” por burrice.

Acho que não se trata só de Canudos, toda a história é feita do mesmo material”⁶¹ (VARGAS LLOSA, 1981, p. 411).

O diálogo entre o Barão e o jornalista míope representam muito bem o pêndulo que tergiversa entre civilização e barbárie ao longo da narrativa, sendo que no ponto central dessa oscilação os dois conceitos se encontram e, caso o pêndulo seja paralisado, jamais se saberá para qual dos lados seria seu próximo movimento. A altura de civilização a partir da qual o pêndulo iniciará seu movimento é diretamente proporcional à altura de barbárie que ele atingirá.

Ainda sobre a questão política, é interessante analisar a relação entre o Barão e seu principal opositor político, Epaminondas Gonçalves, chefe do Partido Republicano da Bahia. Ao longo da história fica claro que este último usará de todos os meios possíveis para fortalecer sua influência e enfraquecer o barão, que está claramente ligado a uma oligarquia que domina o cenário político baiano a um longo período. A ação de Epaminondas é ardilosa, ele é republicano, mas chega a enviar um carregamento de armas para Canudos a fim de fortalecer os revoltosos, seu intuito é de que a percepção de Canudos como uma conspiração monarquista tome vulto, de modo que o governo federal se visse impelido a realizar uma intervenção no Estado, o que de fato ocorre. Epaminondas tem plena ciência de que essa ingerência federal enfraqueceria seus oponentes políticos, visto a conexão destes com a monarquia, governo no qual por longo tempo atuaram e tiveram vantagens. Essa falta de ética por parte de Gonçalves lhe valerá a vitória, assim como a covardia e o abuso do poder garantirão o triunfo ao exército republicano.

Este elemento que Vargas Llosa adiciona à história de Canudos também esclarece um pouco mais daquilo que no momento da escritura de *Os sertões* ainda estava pouco claro, ou seja, como uma série de teorias e histórias desbaratadas acerca do que ocorria em Canudos se espalhou e ganhou solidez como se fossem verdades. Vargas Llosa aponta que há desinformação e desconhecimento acerca dos acontecimentos, mas há também má fé, más intenções e falta de ética na movimentação e articulação de atores específicos que agiram para que aquele conflito tivesse decorrências políticas amplas.

61 ¿ Locura, malentendidos? No basta, no explica todo - murmuró él Barón de Cañabrava. - Ha habido también estupidez y crueldad [...] Supongo que no sólo Canudos, que toda la historia está amasada con eso.

o fanatismo ou a loucura religiosa de Canudos não explica tudo. Existem outras formas de intolerância que se cruzam com aquela e que geram um gigantesco mal entendido, uma leitura errônea da história viva. A principal é a que produz a política⁶² (OVIEDO, 1982, p. 325).

Diferentemente dos fanáticos da história, o Barão é flexível, ele cede conforme percebe a necessidade e isso não lhe parece, de modo algum, algo condenável. Antes da República, como fundador do Partido Autonomista Baiano, o Barão foi todo-poderoso, porém a instauração do novo regime minou-lhe as forças, e a percepção de que vive um novo momento é o que permitirá a ele e a sua sigla seguirem em frente. A Guerra de Canudos e a presença de tropas federais em território baiano também mitigam a força do partido autonomista, e para sobreviver o Barão propõe uma aliança a seu maior inimigo político, Epaminondas Gonçalves, chefe do Partido Republicano Progressista:

É hora de fazer as pazes, Epaminondas. Esqueça as divergências jacobinas, pare de atacar os pobres portugueses, de pedir a nacionalização dos estabelecimentos comerciais, seja prático. O jacobinismo morreu com Moreira César. Assuma o governo e defendamos juntos, nesta hecatombe, a ordem civil. Evitemos que a república se transforme aqui, como aconteceu em tantos países latino-americanos, num grotesco festival de bruxaria em que tudo é caos, quartelada, corrupção, demagogia⁶³ (VARGAS LLOSA, 1981, p. 332)

O Barão garante, assim, a sobrevivência do Partido Autonomista Baiano, mesmo que isso signifique assumir sua derrota e entregar a seu principal opositor o governo do Estado. Isso para ele não importa, sua consciência e clareza de visão lhe permitem inferir que este é o único modo de manter sua sigla no novo cenário. Não há que lutar contra os novos tempos, mas apenas se adaptar a eles. Ao mesmo tempo, este conhecimento de que emerge um momento distinto clarifica-lhe que seu tempo está no fim, ele não se ressentiu disso, apenas admite:

⁶² el fanatismo o locura religiosa de Canudos no explica todo. Hay otras formas de intolerancia que se cruzan con aquél y que generan un gigantesco e trágico malentendido, una lectura errônea de la historia viva. La principal es la que produce la política

⁶³ hay que hacer las paces, Epaminondas. Olvídense de las estridencias jacobinas, deje de atacar a los pobres portugueses, de pedir la nacionalización de los comercios y sea práctico. El jacobinismo murió con Moreira César. Asuma la Gobernación y defendamos juntos, en esta hecatombe, el orden civil. Evitemos que la República se convierta aquí, como en tantos países latino-americanos, en un grotesco aquelarre donde todo es caos, cuartelazo, corrupción, demagogia.

Acho que acabou um estilo, uma maneira de fazer política - explicou o Barão, como se não tivesse ouvido. - Reconheço que fiquei obsoleto. Eu funcionava melhor no velho sistema, quando se procurava conquistar a obediência das pessoas às instituições negociando, persuadindo, usando a diplomacia e as regras. E fazia essas coisas bastante bem. Isso acabou, naturalmente. Estamos no tempo da ação, da audácia, da violência, e mesmo dos crimes. Agora se pretende dissociar totalmente a política da moral.⁶⁴ (VARGAS LLOSA, 1981, p. 330).

Para Bernucci (1989) esse afastamento da política e a colocação da problemática da moral realizada pelo Barão é decorrência direta das leituras que Vargas Llosa realiza de Sartre e Camus: “A decisão do Barão de abandonar a política porque a considera uma tarefa de rufiões ou vil tem fundamento nas leituras que o escritor fez de Sartre e Camus⁶⁵ (BERNUCCI, 1989, p. 111). Os dois autores influenciaram profundamente o pensamento de Vargas Llosa, de forma que *A guerra do fim do mundo* acaba sendo perpassada por esse embate que marca o meio intelectual de meados do século passado: Sartre x Camus. Em sua trajetória intelectual o escritor peruano viveu durante um longo período sob o encantamento de Sartre, porém ao longo da década de 70 - período que marca uma série de reviravoltas em seu pensamento - Vargas Llosa se afasta de suas ideias e se aproxima de Camus. Deste modo, ao deixar a política o Barão estaria comungando com a leitura que Vargas Llosa faz de Camus, que:

Viveu convencido de que a política era só uma divisão da experiência humana, de que esta era mais ampla e completa que aquela, e que se (como por infelicidade aconteceu) a política se convertia na atividade primeira e fundamental, à qual todas as outras se subordinavam, a consequência eram as aparas ou o aviltamento do indivíduo. (VARGAS LLOSA, 1985, p. 240).

No entanto, se no crepúsculo da vida política do Barão ele comunga com o entendimento de Vargas Llosa de Camus, isso não é representativo de toda sua trajetória anterior, marcada profundamente por seu envolvimento com a política coronelista do

64 Creo que se acabó un estilo, una manera de hacer política - precisó el Barón, como si no lo oyera - Reconozco que me ha quedado obsoleto. Yo funcionaba mejor en el viejo sistema, cuando se trataba de conseguir la obediencia de la gente hacia las instituciones, de negociar, de persuadir, de usar la diplomacia y las formas. Lo hacía bastante bien. Eso se acabó, desde luego. Hemos entrado en la hora de la acción, de la audacia, de la violencia, incluso de los crímenes. Ahora se trata de disociar totalmente la política de la moral.

65 La decisión del Barón de abandonar la política porque la considera un “quehacer de rufianes” o “vil” tiene su fundación en las lecturas que el novelista ha hecho sobre Sartre y Camus.

Nordeste. Além disso, a aproximação dessa personagem com tal pensamento é única e não subjaz a toda a obra, que, pelo contrário, nos apresenta como protagonistas personagens fanáticas, que se encaixam claramente na crítica de Camus: “estamos na época das ideologias e das ideologias totalitárias, quer dizer, tão seguras de si mesmas, de suas razões imbecis ou de suas verdades estreitas que não admitem outra salvação para o mundo senão sua própria dominação” (VARGAS LLOSA, 1985, p. 240).

Para o escritor peruano, a lógica de Camus se bate diretamente com a ação dos fanáticos, que Vargas Llosa aproxima da atitude de Sartre, posto que este intelectual, apesar de ver os problemas do socialismo, jamais abandona sua crença:

para ele (Sartre), a única maneira legítima de criticar os erros do socialismo, as deficiências do marxismo, o dogmatismo do Partido Comunista é a partir de uma solidariedade prévia e total com os quais - a URSS, a filosofia marxista, os partidos pró-soviéticos - encarnam a causa do progresso, apesar de tudo (VARGAS LLOSA, 1985, p. 11).

Para além da influência dos dois autores supracitados, a ação de abandonar a política clarifica uma das principais características do Barão de Canabrava, sua flexibilidade e poder de adaptação, que Vargas Llosa ainda destaca no romance através de uma metáfora: o camaleão. Há um camaleão que habita o pomar do barão e invariavelmente ele atrai o olhar do aristocrata durante suas conversas reveladoras com políticos, amigos ou mesmo com o Jornalista Míope. O Barão sempre está de olho em seu quintal, procurando-o: às vezes ele consegue vê-lo, outras vezes não. “No romance, há o elogio à flexibilidade. Elogio, naturalmente, dirigido ao Barão de Canabrava - pela sua capacidade de traçar o baralho, de sempre ter a carta certa do jogo político. É por isso que o narrador não raro associa o Barão ao camaleão” (FERNANDES, 2002, p. 427). A ação dessa personagem é sempre prática, ele não se torna jamais refém de suas ideias ou ligado a algum tipo de fanatismo, pelo contrário, ele se move sempre de acordo com os fatos.

Vargas Llosa questiona a visão positivista e politicamente evolucionista de Euclides, que via no regime republicano um estágio superior do desenvolvimento humano. Quando o barão aparece como o mais político dos personagens, o mais apto ao diálogo e à compreensão dos demais, inclusive permitindo-se deixar o poder, isso demonstra que a racionalidade está à frente de suas decisões, muito mais que a vingança e o ódio que movia os exércitos republicanos ou a fé que arrastava os discípulos do

Conselheiro. O barão demonstra as características da mais avançada das organizações civilizatórias, mesmo sendo defensor da monarquia, que se situa em estágio menor. Essa colocação por si só - assim como em outras partes do livro mostra-o a racionalidade, a astúcia e a honradez dos sertanejos - coloca uma interrogação nos esquemas simples de hierarquização de sociedades que estavam em voga no tempo de Euclides. O autor brasileiro, aliás, em alguns momentos corrobora esse questionamento, paradoxo que faz parte da própria concepção de *Os sertões*.

Dentro da ótica analisada é possível inferir que a narrativa vargallosiana questiona o status civilizatório da República ao colocar como importante intérprete da história o Barão de Canabrava, político ligado à monarquia. Não que o autor coloque este último tipo de governo como melhor que o supracitado, mas ele interroga a hierarquização postulada por Euclides. Para Vargas Llosa, não há pessoas mais ou menos civilizadas de acordo com suas crenças ideológicas, existem ações que podem ser classificadas dentro dos critérios estreitos que definem civilização e barbárie. Os extremismos que levaram à Guerra de Canudos situam-se nesse segundo nível, as decisões do Barão no primeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Intentamos ao longo desta pesquisa compreender um pouco melhor como se dão as relações entre duas obras: *Os sertões* e *A guerra do fim do mundo*. A relação entre os dois livros é explícita e já dada pelo próprio trabalho realizado por Mário Vargas Llosa. Aqui, no entanto, buscamos compreender um pouco mais das intenções deste autor com relação ao trabalho de Euclides da Cunha, daí que para ampliarmos nossa compreensão passamos por etapas distintas.

Primeiramente buscamos entender cada um dos autores em seu próprio contexto, quais suas crenças e as ideologias em voga em seu momento histórico, assim como seus posicionamentos diante dessas questões. Para conseguirmos nos utilizamos do ferramental da História Intelectual, verificamos parte da produção intelectual dos dois autores: artigos, cartas, notícias, entrevistas e, inclusive, analisamos os círculos sociais dos quais ambos faziam parte. Também nos foi extremamente útil o vasto arsenal bibliográfico já produzido acerca de Euclides da Cunha e Vargas Llosa, material que nos deu base e confiança para seguir no movimento de análise conforme visto até aqui.

A pesquisa acima referida nos permitiu inferir que Euclides da Cunha, como homem de seu tempo, tinha uma profunda crença nas conquistas da ciência, e acreditava que as sociedades inopinadamente avançavam para um destino comum, numa evolução constante, sendo que cada sociedade estaria em um estágio evolutivo diferente e isso derivaria diretamente do composto étnico que lhe dava base. Estas crenças são o sustentáculo de *Os sertões*, mas, ao mesmo tempo, Euclides irá questionar essas ideias científicas ao longo da narrativa, num paradoxo que o autor logrará arrastar ao longo da história sem chegar à síntese.

O escritor brasileiro se esmera em trazer um amplo leque de ciências para embasar sua escrita, mas ao mesmo tempo grande parte desses saberes não se provam verdadeiros diante da realidade empírica que é a Guerra de Canudos, tornando *Os sertões* uma obra aberta, polifônica e extremamente rica. A visão científica de Euclides o leva a intentar escrever um livro onde biologia, sociologia, história, geografia, geologia e uma série de disciplinas se congreguem a fim de abarcar com amplitude todos os acontecimentos da Guerra de Canudos. Seu intento é o de descrever

a realidade objetiva dos eventos com todas as nuances explicativas necessárias, assim, Euclides da Cunha acreditava que poderia alcançar a verdade.

Mário Vargas Llosa, por sua vez, é um intelectual engajado nas lutas em que acredita. O escritor peruano sempre foi fascinado pelo mundo literário e apesar de sempre estar envolvido na política jamais abandonou seu papel como homem de letras. O momento em que escreveu *A guerra do fim do mundo* é paradigmático, exatamente quando o autor rompe com a esquerda latino-americana da qual fez parte desde o início de sua militância. O fato é importante porque ressoará retumbantemente na escritura do livro supracitado, de modo que o mote principal da obra, como afirma o autor, é a denúncia e o questionamento dos extremismos ideológicos, que ele chama de fanatismos. Assim sendo, conseguimos desvelar através da extensa produção intelectual do escritor peruano uma série de indícios acerca dessa mudança de paradigma ideológico, além de entrever um pouco acerca do que representa a literatura para este autor e de que modo ele trabalha com a mesma.

Neste ponto nos deparamos com a singular visão que Vargas Llosa possui acerca da ficção: para ele a arte de criar realidades ficcionais parte de um vazio, da impossibilidade de se viver todas as vidas plausíveis, de modo que a literatura (entre outras artes) nos aparece como forma de ampliar nossas vivências e, num processo circular, essa possibilidade imaginária há de modificar também a própria realidade, na medida em que expande os horizontes dos indivíduos. Daí que, conquanto as ficções não busquem mimetizar a realidade (posto que são imaginárias), elas as alteram, pois nas mentiras que nos desvelam contam, também, verdades que somente através da ficção poderiam se mostrar. Dentro deste processo Vargas Llosa infere que a ficção só pode se tornar independente da realidade desde que apresente algo que a diferencie deste mundo factual, o que ele chama de *Elemento Añadido*. Este artifício, portanto, é o que revela as reais intenções de um autor ao escrever uma ficção, pois é ali que o mesmo coloca a razão de ser de sua obra, vide que é através do que sobrepõe à realidade que apreendemos aquilo que traz de novo à determinada questão, assunto, problemática ou contexto.

É possível notar, como rapidamente retomado acima, que os dois autores partem de visões completamente opostas acerca de seus trabalhos de escrita. Euclides da Cunha acredita que através do uso da ciência é possível descrever a realidade objetiva e assim chegar a verdades verificáveis, como inferia o positivismo. Já Vargas Llosa abdica

parcialmente dessa conexão com a realidade, pois para ele a importância de seu trabalho está relacionada justamente com os modos através dos quais sua obra transcende o mundo objetivo para dizer verdades mais profundas que aquelas que se vê na superfície dos fatos. O escritor brasileiro quer a Verdade e por isso usa a ciência, o peruano é convicto em suas “mentiras”, pois crê que através delas poderá contar verdades singulares, que não podem ser contadas com o olho nu da realidade.

A guerra do fim do mundo é, portanto, o encontro entre essas duas e aparentemente distintas visões. Além disso, é também o diálogo entre duas frustrações, de Euclides com a República e de Vargas Llosa com o comunismo. Para entender o modo como isso se dá utilizamos os palimpsestos, de Genette. Essa metodologia busca entender de que modo se desenvolvem aqueles textos que foram escritos com relação a outros textos, numa interrelação direta como se deu entre as obras aqui estudadas.

Os conceitos norteadores desta pesquisa foram Civilização e Barbárie, antinomia presente na obra euclidiana e que sustenta grande parte das dicotomias presentes no livro, mesmo que o autor brasileiro sempre deixe brechas para questioná-las. Em *Os sertões* há sempre uma dubiedade presente, a qual pode-se compreender dentro do âmbito deste enfrentamento entre Civilização e Barbárie. Euclides se esmera nesse jogo de opostos ao mesmo tempo que, com seus paradoxos, borra as fronteiras entre esses operadores. De modo que Vargas Llosa, ao optar por utilizar *Os sertões* como principal hipotexto de sua obra, terá que, inevitavelmente, dialogar com estes conceitos. Mais do que isso, o escritor peruano, através do *elemento añadido*, dá o passo que Euclides não poderia ter dado em seu tempo para compreender o conflito .

Colocadas estas questões partimos para a leitura e análise dos textos propostos. Procedendo da própria visão de Vargas Llosa compreendemos a importância dos elementos que esse autor adiciona à narrativa, ou seja, aqueles que não aparecem na obra euclidiana. Daí que as personagens fictícias surgem em destaque, quedando claro que nelas residem as intenções do autor peruano ao desenvolver sua narrativa. Analisamos essas personagens individualmente.

Primeiramente analisamos Galileo Gall, o europeu que carrega consigo as crenças no cientificismo (como Euclides) e no positivismo, que entende as diferenças étnicas como diferenças evolutivas, que vê as distintas sociedades de modo hierarquizado e que acredita que a sociedade seguirá sempre evoluindo até que não mais

existam classes sociais. Mas para isso acontecer, claro, é necessário que os oprimidos se levantem contra os opressores, exatamente o que ele acha que está ocorrendo em Canudos; ledô engano. Essa é a visão de Gall, mas em grande parte reflete o paradigma em voga no final do século XIX. O determinismo racial dá base para quase todo o pensamento euclidiano, é o pilar no qual ele tenta estabelecer a cientificidade de *Os sertões*, e apesar de questionar esse pensamento em diversos momentos, Euclides não chega a negá-lo. Gall possui fé nesses paradigmas, e seu confronto com a realidade sertaneja o levará à morte, sem que consiga perceber seus erros de julgamento. No entanto, Vargas Llosa em sua narrativa escancara o absurdo do pensamento do escocês, colocando a frenologia (ciência europeia racional) lado a lado com os misticismos sertanejos (que seriam traços de atavismo). Além disso, o europeu acha que honra e moral são tolices e que aos sertanejos só devia importar a luta por mudar aquela sociedade, o que por si só já demonstra a superioridade moral dos homens do sertão. A crítica a esse pensamento revolucionário que prescinde de honra e moral é o elo que Vargas Llosa utiliza para relacionar, diretamente, a história de Canudos com o contexto histórico em que escreve, a década de 70, período da Guerra Fria e de enfrentamentos quase tão fanáticos quanto os que levaram à Guerra de Canudos. Essa crítica é um palimpsesto direto com Euclides, que em suas críticas ao exército republicano reiteradamente aponta a falta de honra e racionalidade dos soldados em contraposição aos jagunços, sempre altivos e nobres, aceitando a morte sem pesar. A ação dos homens do exército, por vezes violenta e covarde, transmudou-os da civilização à barbárie, movimento oposto fazem os sertanejos, que aceitam seu destino sem medo e sem gritos, numa postura íntegra e digna.

Em segundo lugar falamos sobre o Jornalista Míope, que é um palimpsesto sagaz de Vargas Llosa e coloca o próprio Euclides da Cunha como personagem de sua história. A mudança de paradigma do escritor brasileiro ganha tónus na ficcionalização do escritor peruano. Fica muito claro para esta personagem que as noções de civilização e barbárie que possuía antes do conflito de Canudos ruíram, e que suas certezas não passavam de erros simplórios. É como se Vargas Llosa quisesse explicitar ao leitor que o fanatismo e a crença cega em qualquer tipo de ideia é um equívoco. Ao mesmo tempo, o autor valoriza a tomada de consciência de Euclides e dá força à sua teoria acerca da “verdade das mentiras”, visto que embora o autor brasileiro tentasse ele jamais conseguira chegar à verdade objetiva e científica tão pretendida, por outro lado sua

narrativa, até pelo distanciamento temporal, pretende (e consegue) revelar verdades que emanam daquela guerra mas que são fugidias e difíceis de perceber por olhares não atentos ou perspicazes. Verdades essas que são como aprendizados maiores e mais amplos que o próprio conflito, transcendem as refregas e situam-se como sabedoria plena, como se estivessem num nível mais profundo dos acontecimentos.

Por último nos detivemos na análise do Barão de Canabrava, que surge como representante da aristocracia baiana, mas que ao longo da narrativa mostra-se uma personagem muito mais complexa do que se poderia supor à primeira vista. Ora, se Euclides (assim como o Jornalista Míope) enxergava o Conselheiro e os canudenses como bárbaros – entre outras razões – por supostamente quererem a volta do regime monárquico (o qual, em comparação à República, seria inferior), a colocação do Barão como monarquista coloca em xeque, desde o princípio, esta concepção, vide que a sagacidade, a racionalidade e a flexibilidade são marcos de sua personalidade. Contraponto aos republicanos que ascendem ao poder, o Barão pensa que o diálogo, a ética e a moral devem ser os principais motes a dirigir a política, enquanto seus adversários não possuem qualquer tipo de restrição ou moralidade, a estes importa o poder, ou seja, valem os fins independentemente dos meios. O Barão, enquanto *Elemento Añadido*, serve para mostrar a imoralidade dos atos da República durante a guerra, que lança mão de todas artimanhas possíveis para consolidar-se, não importa se isso representa a morte de milhares de homens, mulheres e crianças, as mentiras que levaram ao extermínio de Canudos tinham um fim específico, que nada tinha a ver com o discurso tão propalado nos jornais do período de lutar contra uma conspiração monarquista. Para Vargas Llosa, essa imoralidade representa os extremos a que o fanatismo pode levar, principalmente se estes fanáticos se apresentam como civilização, justamente o anverso do que mostram suas ações. O elemento acrescentado possui, nesse sentido, o objetivo de aclarar o que Euclides apenas deixava entrever.

Partindo das visões de mundo dos dois autores aqui estudados notamos que há um afastamento entre eles. Enquanto Euclides da Cunha busca – às custas da ciência e dos fatos observáveis – uma verdade hermética que possa compreender os acontecimentos de Canudos de modo holístico, Vargas Llosa – às custas da ficção – busca verdades que considera inapreensíveis a partir somente da observação dos acontecimentos. Essas perspectivas ecoam nas obras que escrevem, e da relação palimpsestosa que se dá entre *Os sertões* e *A guerra do fim do mundo* Vargas Llosa

consegue não apenas atualizar uma série de questões, mas também ressignificar os acontecimentos.

Utilizando-se do *Elemento Añadido* este último escritor realiza uma série de ações que se consumam naquilo que Genette chama de transposição temática, pois há uma alteração do tema do hipotexto (*Os sertões*).

Euclides, ao citar Taine em sua nota preliminar, diz que queria “sentir-se como um bárbaro entre os bárbaros e, entre os antigos, como um antigo”⁶⁶ (CUNHA, 2016, p. 11). Para ele o historiador precisa se irritar contra as meias verdades, que são meias mentiras, e esse torna-se seu objetivo ao longo do livro, ser um cronista íntegro, sem mudar o tom dos acontecimentos narrados. Nesse intento o escritor brasileiro acha que sua maior aliada seria a ciência, através da qual ele conseguiria respeitar a história “como ela merece”. O que ele faz, no entanto, é superar, de maneira avessa, esta premissa. Vejamos.

Seu desígnio de cientificamente compreender e apresentar os fatos da Guerra de Canudos de maneira holística falha. E isso se dá não por falta de esforços ou empenho, mas porque a ciência que Euclides crê exata e objetiva na verdade é falaciosa. Daí que este escopo lhe é inalcançável. Apesar disso, Euclides consegue fazer um belo retrato dos intelectuais de seu tempo e de suas crenças. Podemos inferir, inclusive, que o escritor quase os supera, pois os paradoxos através dos quais podemos entrever as dúvidas que ele coloca às suas fés demonstra que Euclides estava a poucos passos de superar questões chave do pensamento do período, como o determinismo racial e o positivismo.

Esse composto de paradoxos, dúvidas, confrontos, contrastes, falácias e políticas que se digladiam num cenário em que se destacam as dicotomias – Civilização x Barbárie – é o rico caldeamento que Vargas Llosa utilizará para escrever seu livro palimpsestuoso. Porém a visão deste último destoa daquela que possuía o autor brasileiro, que acreditava que o consórcio entre a arte (literatura) e a ciência deveria sublimar as conquistas do conhecimento humano.

Vargas Llosa pensa que a verdade da literatura não está relacionada a sua veracidade nem à sua conexão com a ciência ou com qualquer tipo de evento observável ou verificável. Esse escritor afirma que a própria natureza global da realidade impede

⁶⁶ il veut sentir en barbare, parmi les barbares, et, parmi les anciens, en ancien.

sua apreensão pela literatura, de modo que esta, mesmo que tente entendê-la, jamais obterá sucesso, visto que possui caráter fragmentário. Assim sendo, as ficções (e por consequência a literatura) sempre contêm mentiras, e é através delas que será possível desvelar verdades outras que não aquelas extraídas diretamente de um decalque da realidade. As veracidades trazidas pela ficção são inapreensíveis somente a partir dos fatos, e por isso Vargas Llosa crê somente nos romances que acrescentam algo à realidade, é exatamente isso que ele fará com a realidade que Euclides tentou apreender em *Os sertões*. Vargas Llosa escolhe criar sua narrativa a partir de um livro que intenta exatamente o oposto do que ele acredita que deve ser feito. Talvez, em partes, porque o livro de Euclides se tornou quase uma fonte histórica sobre o evento, sendo necessários vários estudos para provar que o livro não trata da “realidade” em si, beirando, por diversas vezes, o ficcional, como apontam diversas análises, a exemplo do trabalho de Costa Lima (1997).

O autor peruano utilizou as bases do livro brasileiro para construir sua própria obra, mas acrescentou uma série de elementos com o intuito de dar independência à sua história e destacar aquilo que considera importante e essencial acerca dos eventos de Canudos. Em nosso estudo analisamos três desses elementos e pudemos inferir que a busca de Vargas Llosa é por utilizar as questões da supracitada guerra para pensar seu próprio tempo, mais especificamente as disputas ideológicas que ocorrem durante o período da guerra fria. O enfrentamento entre capitalismo e socialismo está no cerne dos pensamentos do escritor peruano ao longo da década de 70, justamente o momento no qual ele produz *A guerra do fim do mundo*. Esses dois lados parecem repercutir um embate que ecoava já em Canudos, onde Civilização e Barbárie não eram palavras ou conceitos, mas armas através das quais podia-se cometer os mais violentos absurdos.

Os excessos cometidos por capitalistas e socialistas durante sua época não passam inobservados por Vargas Llosa, muito pelo contrário:

O envio de tanques soviéticos a Praga para liquidar pela força um movimento de democratização do socialismo é tão condenável como o envio de soldados da marinha norte-americana a San Domingo para esmagar pela violência uma revolta popular contra uma ditadura militar e um injusto sistema social. (VARGAS LLOSA, 1983, p. 160).

O escritor percebe que as nuances da guerra fria borraram completamente as fronteiras entre o que se poderia considerar civilização ou barbárie, de modo que se percebe apenas o uso inadvertido desses conceitos de acordo com interesses específicos, sem qualquer preocupação ética. Os enfrentamentos da Guerra Fria reeditam a lógica de Canudos, em que a falta de empatia ou de qualquer tipo de compreensão do outro levaram a extremos inimagináveis como a morte de milhares de pessoas. Se Euclides da Cunha escreveu um livro vingador, uma apologia; Vargas Llosa faz um livro de alerta, um grito para que o mesmo erro não se repita, para que não se percam centenas de vidas em prol de fanatismos vazios. Não há ciências ou ideologias que possam se colocar como absolutas, como civilização a enfrentar a barbárie, sem que isso represente um sério risco à dignidade e à própria humanidade. No momento em que os representantes de determinada ideologia se colocam como a única possibilidade de sociedade aceitável – como ocorreu com capitalistas e socialistas durante a Guerra Fria e com os republicanos em 1897 – eles colocam-se como arautos da civilização e situam seus adversários no espectro oposto, chegando, por vezes, a extremos de violência em nome de seus objetivos.

Assim acreditamos que Vargas Llosa, do mesmo modo que Euclides da Cunha, acabam por concordar que não importa a ciência ou a ideologia, o que define a barbárie e os extremos a que ela pode levar é sua não aceitação da existência do outro, do diferente, do discrepante. E se acerca da Guerra de Canudos só restou a Euclides fazer uma apologia, visto que fazia parte da República civilizada que se mostrou, na verdade, capaz de atos bárbaros; a Vargas Llosa, que estava ciente dessas questões já no calor dos acontecimentos, era possível dar um alerta acerca dos perigos de um enfrentamento alucinado, ainda mais diante dos riscos de um confronto nuclear, e ele dá este aviso através da *Guerra do fim do mundo*. Se Vargas Llosa diz que em Canudos aconteceu a guerra do fim do mundo porque o sertão baiano era o desconhecido e para os sertanejos aquele conflito era o apocalipse, durante a Guerra Fria, a próxima Guerra do fim do mundo poderia, verdadeiramente, representar o fim da existência humana, e isso se daria num duelo entre capitalistas e socialistas, um confronto de bárbaros versus bárbaros, onde a civilização e a ciência – essa grande paixão euclidiana – teriam apenas poder retórico e belicista. Além disso, há também a preocupação com o modo como essas questões afetam diretamente a América Latina:

Obviamente, em *A Guerra do Fim do Mundo*, além de todas as possibilidades e conflitos literários que a narrativa tem, há uma segunda e mesmo uma terceira leitura, que está diretamente relacionada com um dos mais claros perigos do primitivismo político dos nossos países latino-americanos, o sincretismo entre a ideologia e a religião, a confusão de sentimentos irracionais embutidas no pensamento religioso de certos líderes, com uniforme militar ou batina religiosa - não importa - que trazem revoltas, barbárie, incivilização e mortes em todo o continente⁶⁷ (MARCELO, 1985, p. 60).

Esse momento de altercâncias significativas na América Latina e nas visões de Vargas Llosa é trazido para a escrita do autor, em um movimento de aprendizado e crítica histórica. O escritor peruano se interessa pelo conflito brasileiro porque ele demonstra um cenário de embrutecimentos ideológicos que afasta qualquer possibilidade de diálogo, parcimônia e humanidade. O olhar está em Canudos na virada do século, mas a preocupação de Llosa é com o presente em que ele escreve, onde os radicalismos de esquerda e direita estão chegando a extremos tão perigosos quanto aqueles que levaram à Guerra de Canudos.

A iniciativa de Vargas Llosa (intelectual peruano) de escrever essa história (acontecida no interior do Brasil) num contexto em que rompe com a Revolução Cubana (cuja ideologia é o cerne do pensamento de esquerda latino-americano do período) coloca a *Guerra do fim do mundo* não apenas como um relato ficcionado de um conflito brasileiro, mas como uma reflexão aguda sobre as condições, vivências e permanências através das quais os países latino-americanos tentam encontrar seu lugar no mundo.

Em tempos onde verdade e mentira perderam completamente seu significado, as reflexões de Vargas Llosa e Euclides da Cunha são de extrema importância. Os fanatismos seguem ganhando força e as intolerâncias ganhando força. Parece que hoje, assim como em 1902 ou 1981, os temas que nos afligem são os mesmos. Pensar nessas questões a partir das obras de Vargas Llosa e Euclides da Cunha talvez seja um meio

⁶⁷ es obvio que en *La guerra del fin del mundo*, al margen de todas las posibilidades y conflictos literarios que la narración posee, hay una segunda e incluso una tercera lectura, que guarda directa relación con uno de los más claros peligros del primitivismo político de nuestros países de América Latina, el sincretismo de la ideología y la religión, la confusión de sentimientos irracionales enquistados en el pensamiento religiosos de ciertos líderes, con uniforme militar o con sotana religiosa - lo mismo da - que implican revueltas, barbarie, incivilización y muertes a lo largo y ancho del continente

não apenas de valorizar o papel da literatura em nossa sociedade, mas também de refletir sobre aquelas verdades que dificilmente são visíveis a olho nu, mas que através do prisma da arte aparecem-nos claras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. São Paulo, Duas cidades, 1976.

ALTAMIRANO, Carlos. **Intelectuales**: nacimiento y peripécia de un nombre. In: Nueva Sociedad No 245, mayo-junio de 2013, p. 38 – 53.

ARARIPE JR. Os sertões (Campanha de Canudos por Euclides da Cunha). In: FACIOLI, Valentim, NASCIMENTO, José Leonardo do. (Org.). Juízos críticos: **Os sertões e os olhares de sua época**. São Paulo: Nankin Editorial, Unesp, 2003, p. 55-86.

ARISTÓTELES, **Poética**. tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BARBOSA, Saulo Vinícius Souza. **Da Venda ao sertão**: dois momentos da visão de Euclides da Cunha sobre Canudos. Humanidades em diálogo, São Paulo, v. 8, p. 199-207, june 2017. ISSN 1982-7547. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/140552>>. Acesso em: 09 dec. 2017.

BERNUCCI, L. **A imitação dos sentidos**. São Paulo, EDUSP, 1995.

BERNUCCI, Leopoldo M. **Historia de un malentendido: un estudio transtextual de La guerra del fin del mundo de Mario Vargas Llosa**. Peter Lang Pub Incorporated, 1989

BERNUCCI, Leopoldo M. Cientificismo e aporias em Os sertões. In: **Discurso, Ciência e Controvérsia em Euclides da Cunha**. BERNUCCI, Leopoldo M. (org.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 23 – 40, 2008.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **O imposto a César**. Tradução de Jorge César Mota. São Paulo: Paulus Editora, 2016.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

Boldori, Rosa. **La guerra del fin del mundo: posmodernidad y transtextualidad**. Mário Vargas Llosa: Opera Omnia. Ed. Ana Maria Hernández de Lopez. Madrid: Pliegos, 1994. 161 - 169.

CALASANS, José. **O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro**: Contribuição ao estudo da campanha de Canudos. Salvador: Tipografia Beneditina, 1950.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

COSTA, Adriane Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina**: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005). [tese de doutorado] UFMG, 2009.

CUNHA, Euclides da. **Canudos e outros temas**. Brasília, Senado Federal, Conselho editorial, 2003.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo, Ubu editora / Edições SESC São Paulo, 2016.

CUNHA, Euclides da. Correspondência de Euclides da Cunha (1890-1909). In: GALVÃO, Walnice Nogueira, GALOTTI, Oswaldo. (Org.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CUNHA, E. da. A vida das estátuas. In: NASCIMENTO, José Leonardo do. **Euclides da Cunha e a estética do cientificismo**. São Paulo, Editora Unesp, 2011, pg. 69 – 73.

CUNHA, E. da. Antes dos versos. In: _____ **Euclides da Cunha e a estética do cientificismo**. São Paulo, Editora Unesp, 2011, pg. 132 – 151.

CUNHA, E. da. **Um paraíso perdido**: reunião de ensaios amazônicos / Euclides da Cunha; seleção e coordenação de Hildon Rocha. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

CUNHA, E. da. **Obra completa, I**. Rio de Janeiro, José Aguilar, 1966.

Euclides da Cunha: **Biografia**. Academia Brasileira de Letras, 2018. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/euclides-da-cunha/biografia>>. Acesso em: 26 de dez. de 2018.

_____. Viação Sul Americana. In: **À Margem da História**. Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1922. P. 139 - 164.

DONOSO, José. **História personal del “boom”**. Barcelona: Seix Barral, 1983.

DOSSE, François. **La marcha de las ideas**. Historia de los intelectuales, historia intelectual. Valencia: Universitat de València, 2007.

FERNANDES, Rinaldo de. **O clarim e a oração:** cem anos de *Os Sertões*. São Paulo, Geração Editorial, 2002.

FERNANDEZ RETAMAR, Roberto. Treinta años de la Casa de las Américas. **Estud. av.**, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 69-75, Apr. 1989. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 21 Dec. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000100007>

FREYRE, Gilberto. Introdução. In: CUNHA, E. da. **Canudos:** diário de uma expedição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939, p. XI – XII.

FURET, François. A Vendéia. In: FURET, François; OZOUF, Mona. **Dicionário crítico da Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GÁRATE, Miriam. **Civilização e barbárie n'os Sertões:** entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha. Campinas, Mercado de Letras, 2001.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **O império do Belo Monte:** Vida e morte de Canudos. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. **No calor da hora:** a Guerra de Canudos nos jornais, 4ª expedição. São Paulo, Ática, 1974.

_____. **Euclides da Cunha: Os Sertões, Um banquete no trópico - Introdução ao Brasil.** São Paulo, Editora Senac, 2000.

_____. **Um livro Vingador.** Revista estudos de sociologia, Araraquara, 2009, v. 14, n. 27, ISSN 1982-4718. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1946/1584>> Acesso em: 15 nov. 2018.

_____. Euclides e a Revolução Francesa. In: **Gatos de outro saco**. São Paulo, Brasiliense, 1981.

_____. De sertões e jagunços. In: **Saco de gatos**. São Paulo, Duas Cidades, 1976.

GERBI, Antonello. **O novo mundo:** História de uma polêmica (1750 - 1900). São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

GONZÁLEZ BERMEJO, Ernesto. **Conversas com Cortázar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUIMARAES, Hélio de Seixas. Romero, Araripe, Veríssimo e a recepção crítica do romance machadiano. **Estud. av.**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 269-298, Aug. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000200019&lng=en&nrm=iso>. Access on 20 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000200019>.

GUTIÉRREZ, Angela. **Vargas Llosa e o romance possível na América Latina**. Fortaleza, EUFC, 1996.

HERMANN, Jacqueline. **Canudos destruído em nome da República**: Uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n°. 3, 1996, p. 81-105.

HOBBSAWM, Eric J. **Sobre história**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

José Veríssimo: **Biografia**. Academia Brasileira de Letras, 2018. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/jose-verissimo/biografia>>. Acesso em: 20 de nov. de 2018.

LIMA, L. C. Euclides e Sarmiento: *uma comparação*, in: **A.A.V.V.** Sobre o pré-modernismo. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1988.

LIMA, L. C. **A terra ignota** - a construção de Os sertões. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997.

LINS DO REGO, José. Eu não vi o sertanejo de Euclides. In: **Gordos e magros**. Rio de Janeiro, Casa do Estudante, 1942.

LOPES, M. A. **Grandes nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCELO, Juan J. A. **Mario Vargas Llosa**: Semana de autor. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1985.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **As históricas entrevistas da Paris Review II**. Seleção Marcos Maffei. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

Mário Vargas Llosa. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.mvargasllosa.com/biograf.htm>>. Acesso em: 04 de Jan. de 2019.

MENTON, Seymour. **La guerra contra el fanatismo de Mario Vargas Llosa**. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/10/aih_10_4_001.pdf Acesso em: 20 de setembro de 2016.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **De paganos, judíos y cristianos**. Fondo de Cultura Económica, 1996.

NASCIMENTO, José Leonardo do. **Euclides da Cunha e a estética do cientificismo**. São Paulo, Editora Unesp, 2011.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **Nina Rodrigues e A loucura epidêmica de Canudos**. Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo , v. 3, n. 2, p. 139-144, June 2000 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142000000200139&lng=en&nrm=iso. access on 10 Dec. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-471420000002009>.

OLIVEIRA, Daniela Barbosa de. **Entre o Cão e o Cordeiro: A Guerra do Fim do Mundo carnavaliza os fanatismos de Canudos**. [dissertação de mestrado] UFJF, 2012.

OLIVEIRA, F. A espada e a letra. In: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo, Ubu editora / Edições SESC São Paulo, 2016, p. 659 – 662.

OVIEDO, José Miguel. **Mario Vargas Llosa: la invención de una realidad**. Barcelona: Seix Barral, 1982.

RAMA, Ángel. **Crítica literaria y utopía en América Latina**. Medellín: Editorial Universidade de Antioquia, 2005.

RODRIGUES, Nina. **As coletividades anormais**. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.

ROMERO, Silvio. Euclides da Cunha. In: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo, Ubu editora / Edições SESC São Paulo, 2016, p. 638 – 639.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **Canudos: cartas para o Barão**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa oficial do Estado, 2001.

SANTANA, José Carlos Barreto de. **Geologia e metáforas geológicas em Os sertões**. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro , v. 5, supl. p. 117-131, July 1998 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000400007&lng=en&nrm=iso. acessado em 26 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701998000400007>.

SANTANA, José Carlos Barreto de. **Euclides da Cunha and the Amazon: an outlook mediated by science**. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro , v. 6, supl. p.

901-917, Sept. 2000. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000500008&lng=en&nrm=iso. acessado em 07 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702000000500008>.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **A Igreja e a construção do Estado no Brasil Imperial**. Conhecimento histórico e diálogo social- XVIII ANPUH- Natal, 2013.

SCHEFFEL, Marcos Vinícius. **A Vez e a Voz do Sertanejo em A Guerra do Fim do Mundo**. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários, Londrina, v. 21, pg. 125 – 136, set. 2011. ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol21/TRvol21k.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SILVA, H. R. A História Intelectual em Questão. In: LOPES, M. A. **Grandes nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro, EdFGV, 2003.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **O naturalismo de Euclides da Cunha: ciência, evolucionismo e raça em Os Sertões**. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, 2010, Ano VII, n. 2, ISSN 1807-6971. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO_6_VANDERLEY_SEBASTIAO_DE_SOUZA_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2018.

STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

SVAMPA. Maristella. **El dilema argentino: civilización o barbarie**: de Sarmiento al revisionismo peronista. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 1994.

TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos na Guerra do Paraguai. In: **Estudos Avançados**. Vol. 9, nº 24. São Paulo, Maio/Agosto, 1995.

TOSCANO. Alberto. **Fanaticism: On the Uses of an Idea**. London: Verso, 2010.

VARGAS LLOSA, Mário. **Contra vento e maré**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1985.

_____. **Conversas com Vargas Llosa/Ricardo Setti**. São Paulo, Panda Books, 2011.

_____. **El arte nuevo de escribir novelas clásicas**. Entrevista a Ana Maria Moix. Quimera 14, páginas 10- 13, 1981.

_____ **Entrevista com Mario Vargas Llosa.** Entrevista a Ignacio Solaris. Vuelta 10, Páginas 26 – 29, 1982.

_____ **La verdad de las mentiras.** Madrid: Punto de Lectura, 2002.

_____ **Carta de batalla por Tirant lo Blanc.** Barcelona: Editorial Seix Barral, 1991.

_____ Prólogo. In: Martorell, Joanot. **Tirant lo Blanc.** Cotia: Ateliê editorial, 2004.

_____ **A orgia perpétua,** Flaubert e Madame Bovary. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____ **Peixe na água:** memórias. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

_____ **Vargas Llosa e o impacto de Os Sertões.** Entrevista concedida à Revista Continente. Publicada em 31 de outubro de 2002. Disponível em: <http://www.revistacontinente.com.br/secoes/artes-visuais/926-a-contenente/revista/especial/18239-Vargas-Llosa-e-o-impacto-de-OsSert%C3%B5es.html> . Acesso em: 20 Set. 2016.

_____ **Sobre los fanatismos.** Entrevista a Danubio Torres Fierro. Publicada em mar. de 1982. Disponível em: http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/ojs_rum/index.php/rum/article/view/11439/12677 Acesso em: 30 Nov. 2017

_____ **Entrevista inédita com o Nobel Vargas Llosa.** Entrevista à Pedro Maciel. Publicada em out. 2010. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/entrevista-inedita-com-nobel-vargas-llosa-331890.html> Acesso em: 11 Nov. 2017

_____ **La guerra del fin del mundo.** Buenos Aires, Seix Barral, 1981.

_____ **La guerra del fin del mundo.** Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1991.

_____ **A guerra do fim do mundo.** Rio de Janeiro, Objetiva, 2008.

VENTURA, Roberto. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha.** São Paulo, Companhia das letras, 2003.

_____ **Euclides da Cunha** - Ensaio Biográfico. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

_____ **O mundo de Jeremoabo.** Jornal Folha de São Paulo. Publicado em 13 de maio de 2000. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1305200002.htm>

_____ **"A Nossa Vendéia":** Canudos, o Mito da Revolução Francesa e a Formação de Identidade Cultural no Brasil (1897-1902). Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 31, p. 129-145, dec. 1990. ISSN 2316-901X. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70057>>. Acesso em: 12 dec. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i31p129-145>.

_____ Os sertões revisitados. In: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões.** São Paulo, Ubu editora / Edições SESC São Paulo, 2016, p. 675 – 676.

_____ **Euclides da Cunha e a República.** Estud. av., São Paulo , v. 10, n. 26, p. 275-291, Apr. 1996. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000100024&lng=en&nrm=iso.
Accessado em 16 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141996000100024>

_____ **Visões do deserto:** selva e sertão em Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Revista Manguinhos – História, Ciências, Saúde –, vol. 5, suplemento, p. 136, 1998.

VERÍSSIMO, José. Uma história dos sertões e da Campanha de Canudos (Os sertões, campanha de Canudos por Euclides da Cunha, Laemmert & C., editores). In: FACIOLI, Valentim, NASCIMENTO, José Leonardo do. (Org.). **Juízos críticos:** Os sertões e os olhares de sua época. São Paulo: Nankin Editorial, Unesp, 2003, p. 46-54.

VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil.** Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1980.

WOLFF, Francis. Quem é bárbaro. In: NOVAES, Adauto (org.). **Civilização e Barbárie.** São Paulo, Companhia das Letras, 2004.